

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA INSTITUCIONAL**

DENISE PESCA PEREIRA GOTTARDI

REINVENTANDO COTIDIANOS DE PESQUISA

**VITÓRIA
2010**

DENISE PESCA PEREIRA GOTTARDI

REINVENTANDO COTIDIANOS DE PESQUISA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Leila Aparecida Domingues Machado.

**VITÓRIA
2010**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

G685r Gottardi, Denise Pesca Pereira, 1980-
Reinventando cotidianos de pesquisa / Denise Pesca Pereira
Gottardi. – 2010.
145 f. : il.

Orientadora: Leila Aparecida Domingues Machado.
Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) –
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências
Humanas e Naturais.

1. Ensino Superior. 2. Conhecimento e aprendizagem. 3.
Pesquisa - Aspectos morais e éticos. 4. Escrita criativa. 5.
Pensamento. I. Machado, Leila Aparecida Domingues. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

DENISE PESCA PEREIRA GOTTARDI

REINVENTANDO COTIDIANOS DE PESQUISA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Institucional.

Aprovada em 14 de Maio 2010.

Comissão Examinadora

Prof.^a Dr.^a Leila Aparecida Domingues Machado
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Campello Lavrador
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof.^a Dr.^a Tânia Mara Galli Fonseca
Universidade Federal do Espírito Santo

AGRADECIMENTOS

... são tantos!
De formas tão diversas,
E modos tão distintos!

Tantos nomes, tantos corpos...
Encontros e (des)encontros...
Com pessoas, com cores, com cheiros,
Com formas, com gostos e com sons!

Com Deus...
Eterna e sensível presença!

Com Marcelo...
Com Júlia...
E com Bella...
Minha amada família!

Com Silvio e com Bete... .
Com Alexandre, com Karina e com Pedro Henrique...
E, também, com Danielle...
Com todos eles...
E em cada um...
Um porto para minhas navegações!

Com Zezé e com Valdemar...
Importante apoio; reconhecida ajuda!

Com Janayna e com Thiago...
Com Laura, com Rubiane e com Sérgio...
Com Paula, com Maria Carolina e com Carlos...
Doces amigos, boas conversas, divertidos encontros!

Com Ana Paula e com Kleber...
Devir-educador de longa data!

Com Leila...
Com Cristina...
(E também com Kika!)
Devir-Mestre permeado de ternura!

Com Tânia...
Atravessamento de
Força e delicadeza!

E com Soninha...
Querida Soninha...
Meu afetuoso obrigado!

... Mas também com a FAPES...
Não se pode mesmo esquecer dela...
Desse aporte-suporte que sustenta gastos e desgastes.
(Não é mesmo?!)

Tantos *modos*, tantas formas...
Professores, amigos e familiares...
Cada corpo, um afeto, Cada encontro, uma sensação!

Alegrias e conjugações...
Apertos e angústias...

Composições de um trabalho,
composições em meio a vida...
De uma vida... Da *Vida*.

Quero não o que está feito mas o que tortuosamente ainda se faz.

LISPECTOR, 1998b, p. 12

RESUMO

Objetiva acompanhar e problematizar movimentos de composição de modos de pesquisar, realizados por mestrandos e doutorandos dos programas de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), durante os anos de 2008 e 2009. Busca acompanhar os movimentos de produção de formas de pesquisar que são acionados nos fazeres cotidianos e que se produzem em meio aos encontros de corpos que desassossegam o pesquisador e o forçam a pensar e a criar. Em meio a esses movimentos de criação e desmanchamento de formas e de sentidos – para aquilo que se passa com o pesquisador e o perpassa na duração das pesquisas – considera ser importante e necessário avaliar os modos de compor que fazemos funcionar. Conclui que é com essa avaliação que se problematiza o próprio fazer e que se segue apostando numa contínua criação de outros modos, mais potentes e afirmativos da vida.

Palavras-chave: Pesquisa. Movimentos de produção. Postura ético-política.

ABSTRACT

It aims to follow and question the movements of formation of research methods carried out by those who were studying for their Master's or Doctorate's degree in the Post Graduation Programs at the Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) during 2008 and 2009. It seeks to follow the movements of production of research methods that are motioned in the daily tasks and that are produced among the impact of bodies that disturbs the researcher and forces him/her to think and create. Among these movements of creation and disarrangement of shapes and feelings – for what happens to the researcher and passes by him/her during the researches - it is important and necessary to evaluate the formation methods that we make work. In conclusion, it is this evaluation that questions the performance itself and that follows betting in a continuous creation of other methods, more powerful and life affirmative.

Key words: Research. Movements of Production. Ethical-political attitude.

SUMÁRIO

CARTAS DE NAVEGAÇÃO.....	11
NOTAS DE ABERTURA.....	16
1 CARTA 1 – UM MODO DE NAVEGAR.....	17
1.1 - PRODUZINDO UMA ESCRITA <i>FORA DO TEXTO</i>	19
1.2 - A ESCRITA DO PROJETO, OU, DESARRUMANDO MEUS PAPÉIS.....	28
1.3 - UM CAMPO PROBLEMÁTICO SE FAZENDO VIBRAR.....	33
1.4 - PRODUZINDO MODOS E FERRAMENTAS <i>EM MEIO À</i> <i>NAVEGAÇÃO</i>	36
2 CARTA 2 – PENSANDO PESQUISA E VIDA.....	43
3 CARTA 3 – ENCONTROS EM MEIO À NAVEGAÇÃO.....	52
3.1 - <i>NUM PROCESSO METODOLÓGICO DO CAMPO</i>	54
3.2 - <i>DE ALGUMA FORMA, EU ACHO QUE É PRECISO ACREDITAR!</i>	63
3.3 - <i>POR QUE PRA ESCREVER, EU SENTO E VAI!</i>	70
4 CARTA 4 – UM MODO DE PENSAR PESQUISA.....	78
4.1 - PRODUZINDO PESQUISAS – UM PROCESSO QUE GANHA CORPO.....	80
4.2 - PRODUZINDO PESQUISAS... PRODUZINDO PENSAMENTOS.....	90
4.3 - O TEMPO DA PESQUISA.....	98
4.4 - A ESCRITA DAS PESQUISAS – UM CORPO NO PAPEL.....	109
5 CARTA 5 – PROBLEMATIZANDO MODOS: PENSANDO ESCOLHAS.....	120
6 LANÇANDO UMA GARRAFA AO MAR.....	130

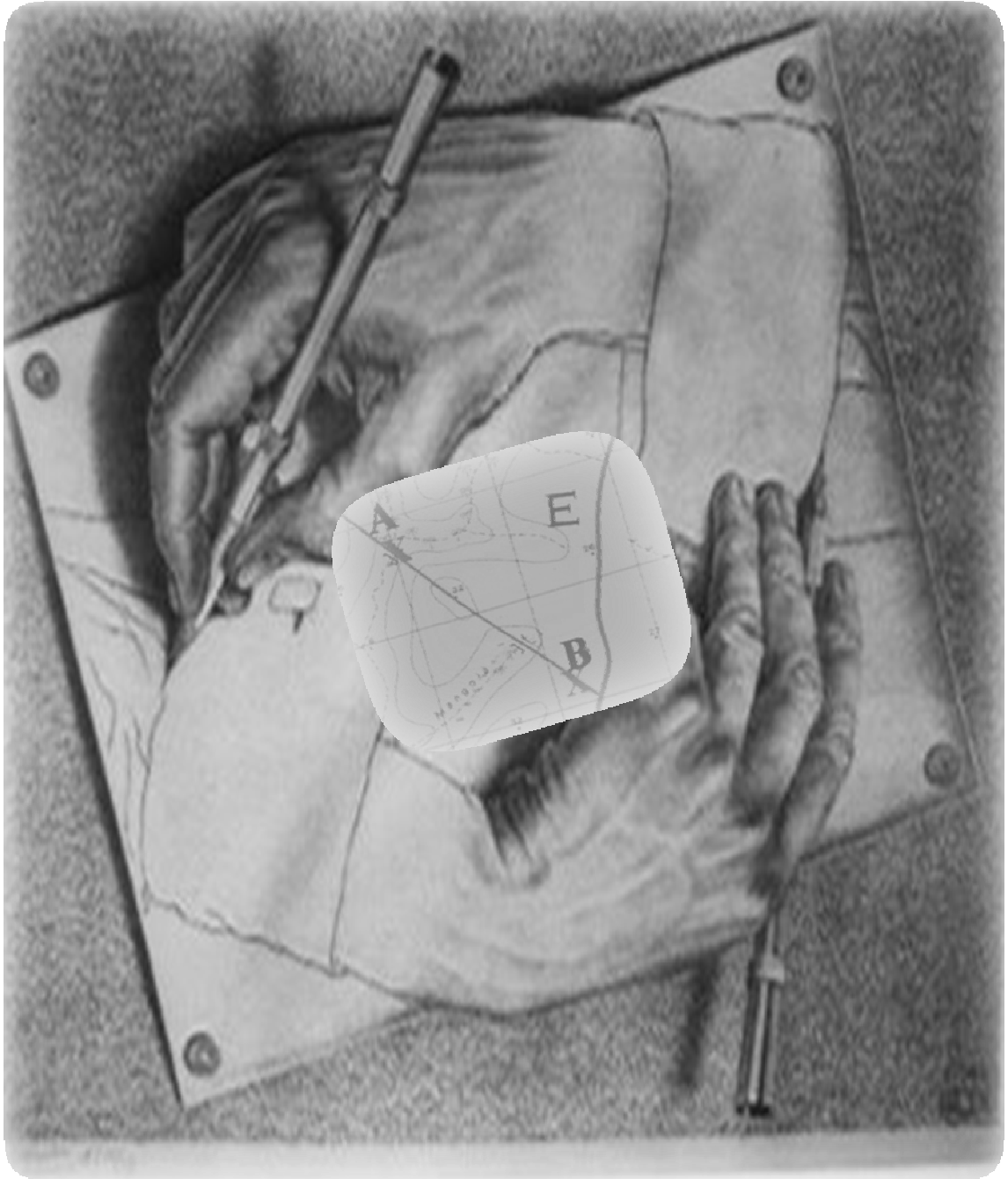
7 REFERÊNCIAS.....	134
---------------------------	------------

APÊNDICES.....	139
-----------------------	------------

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	140
--	------------

APÊNDICE B – Apresentação da Pesquisa... (BANCA DE DEFESA).....	142
--	------------

CARTAS DE NAVEGAÇÃO



Caro leitor,

Escrevemos estas cartas, que se reúnem nesta espécie de “Livro-Dissertação”, para lhe contar sobre nossa jornada – uma experiência de pesquisa.

Essa jornada se fez com outros pesquisadores que conosco *navegaram* e que compuseram esta viagem. Estas cartas trazem a produção de um pensamento sobre o fazer pesquisa e as narrativas que falam sobre os movimentos realizados na duração dessa produção.

Cartas que falam de uma pesquisa que buscou acompanhar *movimentos de composição de modos de pesquisar*. Movimentos realizados na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), durante os anos de 2008 e 2009.

Os pesquisadores – mestrandos e doutorandos – que participaram desta produção foram aqueles que, em suas trajetórias, cruzaram nossa *rota de navegação* e tocaram *ossos movimentos de criação/invenção*, assim como tocaram e modificaram, também, a nossa *tripulação*.

Durante esta viagem, buscamos acompanhar esses movimentos que acionamos em nossos fazeres cotidianos e que – acreditamos – *se produzem nos encontros de corpos que nos desassossegam e que nos forçam a pensar e a criar modos de pesquisar*.

Em meio a esses movimentos de criação e desmanchamento de formas e de sentidos – para aquilo que se passa e que nos perpassa –, pensamos na importância e necessidade de *avaliarmos* os modos de compor que fazemos funcionar. E é nesse processo de avaliação que problematizamos nosso fazer e que apostamos numa contínua criação de outros modos de pesquisar mais potentes e afirmativos da vida.

As cartas aqui apresentadas buscam compor-se como esse repensar, como essa reflexão dos modos que acionamos em nossos cotidianos. Reflexão que é também ação, visto que intervém em nosso fazer e se faz em meio a ele.

Não há aqui, a pretensão de seguir uma cronologia linear de fatos, mas há, sim, a busca de uma construção de escrita que traga a intensidade dos encontros que compuseram esta pesquisa e dos atravessamentos ético-políticos sobre os modos de pesquisar que fizemos, também aqui, funcionar...

E assim, nossa escrita se inicia com uma primeira carta, intitulada ***Um modo de navegar...***, carta que traz a construção de um campo problemático, assim como a construção de uma “caixa de ferramentas” – composta por princípios norteadores, por um modo de acompanhar os movimentos realizados e por recursos metodológicos e conceitos, que se produziram *nesta* trajetória e que funcionaram para *esta* pesquisa.

Na segunda carta, ***Pensando pesquisa e vida***, trazemos essa forma de conceber a vida e a pesquisa como um processo, como uma rota – um trajeto composto pelos movimentos que realizamos e pelos modos como habitamos os verbos viver e pesquisar. Um trajeto que se delineia acompanhando contornos de movimentos intensivos e que se constitui como produção de territórios existenciais, ou seja, de sentidos que criamos para aquilo que vivemos.

Na carta seguinte, ***Encontros em meio à navegação***, buscamos pensar sobre os encontros realizados na composição da pesquisa. Encontros realizados com os pesquisadores entrevistados. Encontros perpassados também por outros encontros: pelas Bancas de Qualificação e Defesa assistidas, pelas aulas frequentadas e em meio às conversas que se fizeram – muitas das vezes, junto com o aroma e o sabor do sempre bem-vindo cafezinho. Encontros com os livros, com a literatura, com os filmes, com as imagens... Com as falas e os silêncios, com as cores e os cheiros... da universidade, da pesquisa, da vida.

Na quarta carta, ***Um modo de pensar pesquisa***, buscamos pensar sobre esses encontros e sobre o que se passou em meio a eles, sobre aquilo que forçou o nosso pensamento a pensar e que produziu em nós sensações intensivas e involuntárias. Pensamos sobre aquilo que nos arrancou do lugar em que confortavelmente nos encontrávamos e que nos impulsionou a experimentar/criar outros modos de

pesquisar. Produção de um pensamento, mas de um pensamento sem imagem, sem modelo prévio. Pensamento apenas atravessado – e produzido – por tudo aquilo que nos estremece e que nos tira de nosso “natural estupor” cotidiano.

Refletimos, pois, com as falas produzidas em nossas vivências, sobre a *duração da pesquisa*, sobre esse modo de pensar pesquisa não apenas como tempo materializado e tornado quantidade por um desenvolvimento no espaço, mas também, e sobretudo, como movimento indivisível, como invenção, como criação e elaboração de formas. Trazemos, portanto, nesta carta, essa experimentação da pesquisa, conjuntamente, como tempo cronológico – marcado pelos prazos e pelos esperados resultados, instituídos pela academia – e como tempo-invenção – como essa criação contínua de uma imprevisível novidade.

Trazemos, também, e por fim, esse movimento da escrita das pesquisas. Movimento que compõe um corpo – agora, no papel. Composição de um corpo que encarna as marcas que se fazem em nós e em meio a nós, nesse trajeto produzido/percorrido. Marcas que dizem daquilo que nos desassossega, que nos causa estranhamento e estremecimento no processo dessas composições, que produz em nós estados inéditos, e que pedem um corpo que as existencialize – que lhes dê *passagem*.

Na carta cinco, ***Problematizando modos: pensando escolhas***, afirmamos as importantes problematizações e avaliações ético-políticas que buscamos realizar, como exercício de pensamento, sobre os modos de fazer pesquisa que acionamos. Nessa carta, buscamos pensar, afinal, como nos temos movimentado por entre essas “linhas-movimento” de composição de formas.

E encerramos este trabalho, ***Lançando uma garrafa ao mar...*** buscando, assim, uma postura mais afirmativa da vida, que nos incite a criar outros possíveis de composição e, desse modo, outros “atalhos”, novas *rotas de navegação*, que façam, enfim, a vida variar, e os modos de viver e pesquisar diferirem.

NOTAS DE ABERTURA

Antes que se inicie a leitura das cartas, acreditamos serem importantes alguns esclarecimentos a respeito do modo como se compôs esta escrita...

A escrita produziu-se como um acompanhamento dos movimentos realizados por seu “autor”: o pesquisador deste estudo. Porém, tais movimentos constituíram-se no encontro do pesquisador com seu campo de pesquisa e com o campo problemático da temática trabalhada. Dessa forma, o leitor perceberá que os tempos verbais que se apresentam ao longo das cartas não são os mesmos.

Acreditamos que cada pessoa compõe-se como um “espaço-tempo” povoado por multidões intensivas e que, mesmo nos momentos em que utilizamos em nossa escrita a “primeira pessoa do singular”, não nos referimos a uma individualidade, mas a singularidades que se teceram no próprio processo do pesquisar.

Por isso, os capítulos se misturam quanto aos tempos verbais utilizados... Capítulos que trazem os movimentos do pesquisador-“autor” em suas andanças cotidianas, nos encontros realizados em meio a pesquisa. Capítulos que trazem a produção coletiva de um pensamento sobre o fazer pesquisa, assim como a avaliação dos modos de pesquisar postos em funcionamento, também por nós.

Ademais, as falas dos pesquisadores que conosco produziram este trabalho, ultrapassam as entrevistas realizadas. Das quatro entrevistas, três compõem o capítulo “Encontros em meio à navegação”. E a outra entrevista junta-se com as vozes dos demais pesquisadores que – em meio as conversas que se teceram – construíram o modo como realizamos essa pesquisa.

Trazendo, assim, as informações que julgamos necessárias, desejamos ao querido leitor um bom encontro com as palavras aqui colocadas, com a textura do papel que lhe toca as mãos e com as cores das imagens apresentadas... Boa leitura!

CARTA 1
UM MODO DE NAVEGAR...

Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?

LISPECTOR, 1998a, p. 11

Muitos pesquisadores, além de escritores e de todos aqueles que, em algum momento de suas vidas, se lançam na aventura de escrever, se perguntam *como começar*. Para aqueles que seguem os modelos disponíveis na mídia eletrônica (como a internet) e impressa (como os mais variados livros de metodologia da pesquisa ou de redação), talvez essa tarefa não se constitua como grande desafio. Mas para aqueles que ousam diferir e se lançar no desafio de criar, o começo pode constituir-se como um momento angustiante. E isso eu pude experimentar...

Clarice Lispector questiona-se sobre esse “começo”. Pergunta-se como, afinal, as coisas podem começar por um “início” se elas *acontecem antes de acontecer*. Mas o que Clarice estaria dizendo com isso? A tal pergunta, ela mesma responde: “[...] você não começa pelo princípio, começa pelo meio, começa pelo instante de hoje”.¹

E é pelo *instante de hoje*, pelo modo como *hoje* me lanço a narrar esta história – esta experimentação, esta *pesquisa* – que começo...

1.1 PRODUZINDO UMA ESCRITA *FORA*² DO TEXTO

Meu prazo para a entrega da dissertação está expirando. Já a escrevi e reescrevi inúmeras vezes. E, até o momento presente, ainda não me senti confortável com nenhuma das formas anteriormente construídas. Não me atenderam, não percebi, em meio às páginas escritas, por entre as palavras, algo do que vivi. Não senti, em

¹ LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida: pulsações**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 25.

² Expressão utilizada por Lourau para referir-se à escrita dos diários de campo. Lourau define o diário como uma escrita que se coloca fora do cenário oficial da escritura acadêmica (LOURAU, René. **Análise Institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ, 1ª. ed., 1993, p. 74).

meio a elas, o que me tocou nesse caminho que venho percorrendo/produzindo. As páginas até aqui escritas não trouxeram, pois, a intensidade dessa vivência. Algumas formas construídas apresentaram-se “soltas” demais. Outras, “formais” demais. E, em nenhuma delas, a pesquisa “pulsava”.

Sei bem que essa pesquisa não será “relatada”. Afirmo que ela será *narrada*. Narrada como se narra uma história. Com o devido “direito” a todas as reflexões, pensamentos e sensações que a “ficcionalizam”, que a tornam algo diferente de um “relato”, de uma descrição de uma suposta “realidade”. Esta narração toca, assim, a ficção. Toca-a em sua beleza e em sua instigante capacidade de falar do vivido e de ultrapassá-lo ao mesmo tempo.

Uma narração, portanto, que não fala do que “EU” vivi. Tampouco do que “OUTROS” viveram (a essa tarefa não me lanço, uma vez que cabe a esses “outros” contar sua própria história), mas que fala do que “se passou” entre nós, em meio a nós.

Esta pesquisa é narrada em sua *duração*, ou seja, em todo o seu processo de composição. Desde a escrita do anteprojeto de pesquisa entregue ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, até a data da entrega deste texto, que *ainda* se compõe, visto que dura, e cujo “ponto final” não sei ao certo em que dia será escrito. Porém tal narrativa não se fará em cronologia linear, mas num ziguezagueante movimento, que ainda permita ao leitor entender sua história.

Este texto certamente passará por muitas revisões e intervenções. Intervenções que se estenderão para além da Banca de Defesa, pois o “pós-Banca” ainda concebe certos “ajustes” e algumas “correções”. Mas, ao chegar às suas mãos, caro “leitor-final”, este texto será como uma imagem, um desenho feito de letras e palavras, impressões, cores e formas, e quiçá gostos e sons. Será feito, ao menos em algum ponto, daquilo que um dia se processou.

Este texto, que se abre às mais variadas e, talvez, infinitas formas de leitura e de reflexão, busca certa composição, certo modo de escrita, modo que se move através do desejo que impulsiona os dedos a digitarem neste teclado em busca de uma cadência. Já sua leitura, a ressonância do que aqui se escreve/inscreve, é

impossível prever. Cabe, pois, à forma como cada leitor preencherá as lacunas que aqui deixei...

Posto isso, darei prosseguimento a esta, quem sabe, “instigante” jornada!

Isso que te escrevi é um desenho eletrônico e não tem passado ou futuro: é simplesmente já.

LISPECTOR, 1998b, p. 11

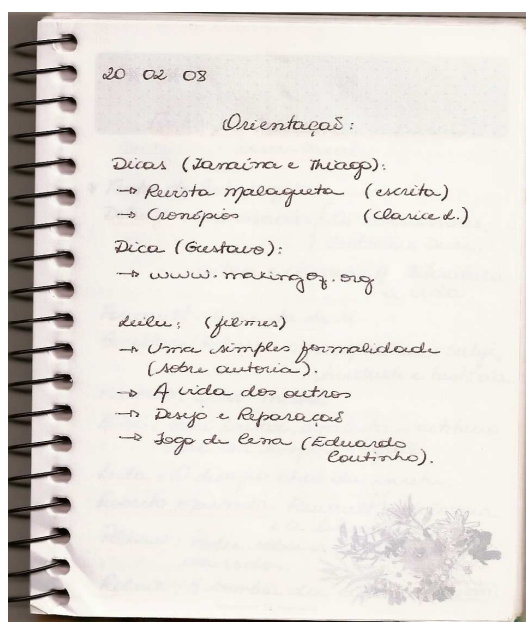


Figura 1 – Caderneta de anotações³.

Anotações... Anotações de orientação. Primeiro dia com o grupo. Muitas sensações, muita expectativa, um desejo enorme de fazer, de criar, de produzir.

Em meu primeiro dia com o grupo, respondi a uma pergunta que me acompanhou durante toda a produção da pesquisa. Pergunta que me faço de tempos em tempos e que me fizeram ainda na semana passada, quando estive na UFES (Universidade Federal do Espírito Santo). Pergunta que se fez por colegas, professores e, no caso deste dia em questão, por minha orientadora: “Como vai sua pesquisa?”.

³ Imagem escaneada da caderneta de anotações, utilizada no decorrer do Mestrado (Denise Pesca Pereira Gottardi, 2008).

Não posso prever o que cada uma dessas pessoas esperava ouvir com essa pergunta, mas posso afirmar o turbilhão que se passava em mim ao escutá-la e, posteriormente, repeti-la a mim mesma nesses mais de dois anos de mestrado.

Afinal, a quantas anda esta pesquisa?

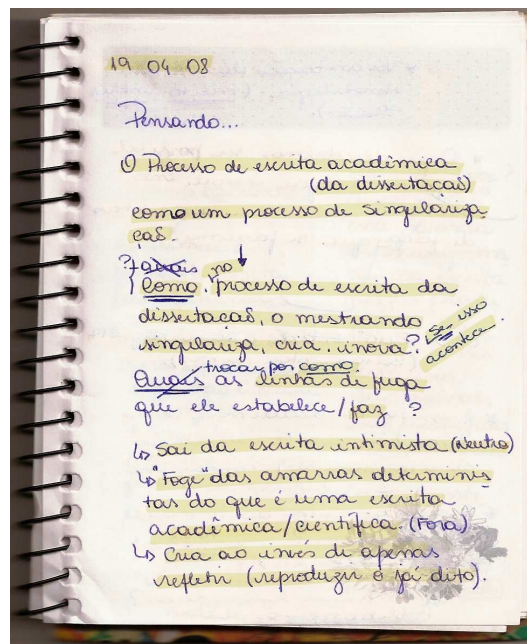


Figura 2 – Caderneta de anotações.

O anteprojeto de pesquisa, entregue no dia da inscrição no processo seletivo do mestrado, trazia uma proposta simples e ao mesmo tempo de difícil “execução”: acompanhar o processo de escrita das dissertações dos mestrandos, colegas do próprio Programa de Pós-Graduação, em suas formas de escrever.

Uma pergunta me guiava em meio à proposta apresentada: *Como escrever inventivamente?*

Essa questão – que me instigava havia algum tempo, em meio às minhas “andanças literárias” – produzia em mim, tão “formalmente” hábil com as palavras, uma *provocação*. Em meio às leituras de autores para mim tão ousados na arte de escrever, como Clarice Lispector e Fernando Pessoa, um incômodo no modo como

eu mesma escrevia se fazia sentir. Era uma escrita um tanto “dura”, “asséptica”, um pouco “chata” por assim dizer, uma escrita que dava sono a mim mesma e que me entediava antes mesmo de começar. Escrita reprodutiva, cheia de palavras “vazias”, desadjetivas, insípidas, sem cor, sem cheiro, sem gosto... Bem diferente do modo que me fazia sonhar ante os escritores que admirava.

Esse incômodo, certo desassossego, impulsionou-me a tentar o mestrado em Estudos Literários. Mas os encontros, em meio a essa trajetória de escrita da proposta de pesquisa, acabaram por produzir desvios no caminho planejado. Esses encontros me conduziram a outros lugares e me convocaram a um “*desafio ético da escrita*”.⁴

Lendo um texto de uma professora do mestrado em Psicologia Institucional, (professora que veio a se tornar minha orientadora, sem nenhum planejamento prévio), mudei a trajetória anteriormente pensada e reescrevi minha proposta, pensando agora como a própria Psicologia (que compôs minha formação profissional) poderia ajudar-me a pensar essa questão... Como escrever inventivamente?

Iniciei, pois, o Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional com esta proposta e, tão logo comecei o mestrado, ensaiei algumas escritas que refletissem sobre essa temática. Porém, o contato com as aulas, com os colegas, com outros textos ainda intocados foi modificando algo em minha proposta de pesquisa. Aqueles encontros iam mudando meus questionamentos, minhas inquietações e acabaram por modificar a minha pesquisa e, também, a mim mesma...

Mudo, portanto, incessantemente. Mas isso é dizer muito pouco. A mudança é bem mais radical do que se poderia pensar à primeira vista.

BERGSON, 2005, p. 1

⁴ Referência ao encontro com o artigo: “O desafio ético da escrita” (MACHADO, Leila Aparecida Domingues. O desafio ético da escrita. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, 2004b).

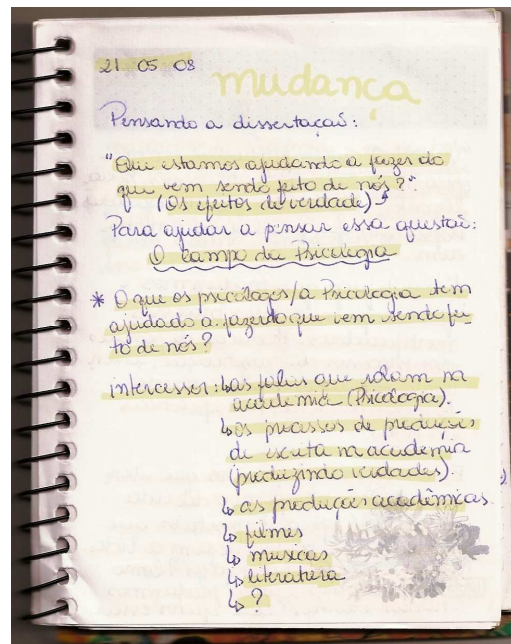


Figura 3 – Caderneta de anotações.

Novas questões se fizeram vibrar. Outros modos de compor a pesquisa me tocaram, me afetaram. E, então, pensei em tocar, também eu, outras problemáticas...

Nem tudo o que escrevo resulta numa realização, resulta mais numa tentativa. O que também é um prazer. Pois nem em tudo eu quero pegar. Às vezes quero apenas tocar.

LISPECTOR, 1999, p. 143

A Psicologia surgiu, assim, como uma delas. E novas questões se produziram nesta composição: *O que temos feito funcionar* em meio às práticas “Psi” que acionamos em nosso dia a dia? Como temos produzido modos de fazer/pensar a Psicologia nos meios acadêmicos? Como produzir outros modos de habitar o campo “Psi” e de produzir conhecimento?

Essa problemática foi *tocada*, mas não foi *pega*... E assim, a cada encontro, novas sensações se produziam e outras questões se formulavam. O processo de pesquisa ganhava novas formas, outros enfoques, novas questões...

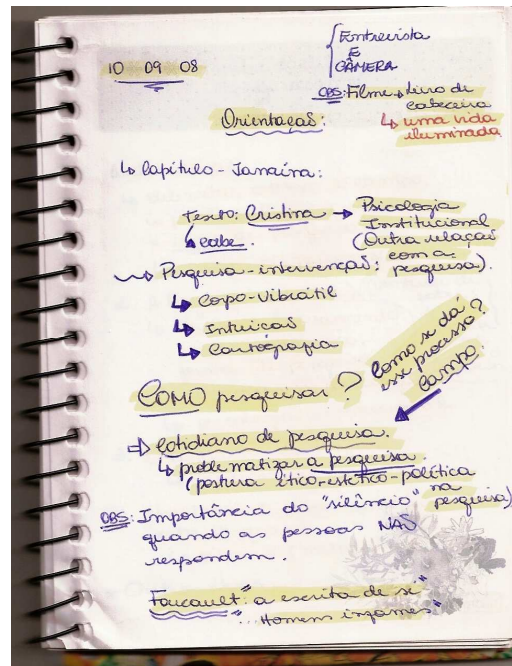


Figura 4 – Caderneta de anotações.

No segundo semestre do mestrado, a pesquisa ganhou contornos mais próximos do que se produziu como Projeto de Qualificação. *Problematizar movimentos de composição de pesquisas* tornou-se a questão principal. *Pensar esse processo em seu fazer cotidiano*. Fazer que, em meio a datas marcadas para “começar” e “terminar”, ultrapassa e extravasa seus prazos e suas normas.

Passei a pensar nesse processo que atravessava a mim e aos colegas à minha volta. Processo de composição que escapava à lógica capitalista,⁵ que escapava às determinações, às regras e às normas do modo instituído de pesquisar. Processo que não se fazia unicamente com a razão e a inteligência, mas que se fazia (se faz) e se sentia (se sente) com o corpo todo. Processo que fala de criação, de invenção de problemas, de modos de fazer pesquisa, da escrita das pesquisas, que fala,

⁵ A lógica capitalista funciona de modo a se instalar na própria produção de subjetividade de forma a industrializá-la e nivelá-la em escala mundial, tornando-se, assim, dado de base na formação coletiva de trabalho e da força de controle social coletivo. A produção da subjetividade pelo Capitalismo Mundial Integrado (CMI) é serializada, normalizada e centralizada em torno de um consenso subjetivo referido e sobrecodificado. Esse esquadramento da subjetividade é o que permite sua propagação em nível da produção e do consumo das relações sociais, em todos os meios (intelectual, fabril, etc.), e em todos os pontos do planeta (GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 48).

enfim, de criação/invenção de *modos de pesquisar* e de *modos de ser pesquisador*, que fala de um *si* e de um *mundo* que produzimos.

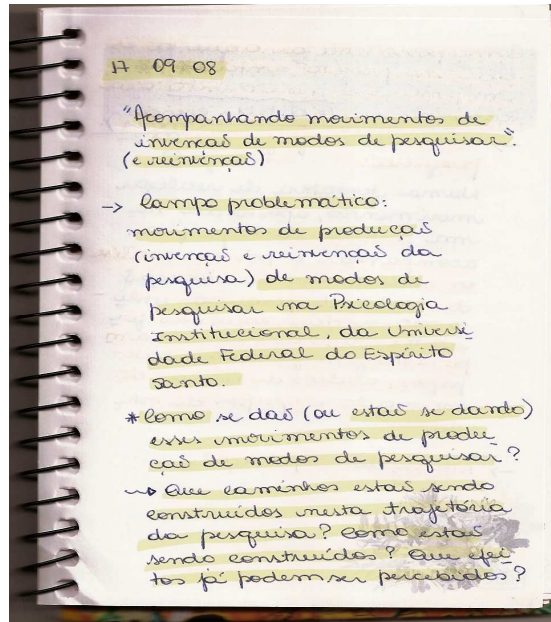


Figura 5 – Caderneta de anotações.

Pensei nos movimentos que havia até então realizado e nas mudanças de contorno que esta pesquisa havia sofrido. Pensei no que havia mudado e se algo de tudo aquilo que vivi havia de algum modo “permanecido”, composto esse trajeto percorrido/produzido...

Percebi, desse modo, que as problemáticas se iam compondo, transformando-se, transmutando-se, como uma espécie de processo de produção de um campo problemático.

Percebi que uma questão atravessava a todos esses movimentos de composição e seguia como um *incômodo* que me impulsionava a pesquisar: *Como temos produzido? Escritas, práticas, pesquisas...*

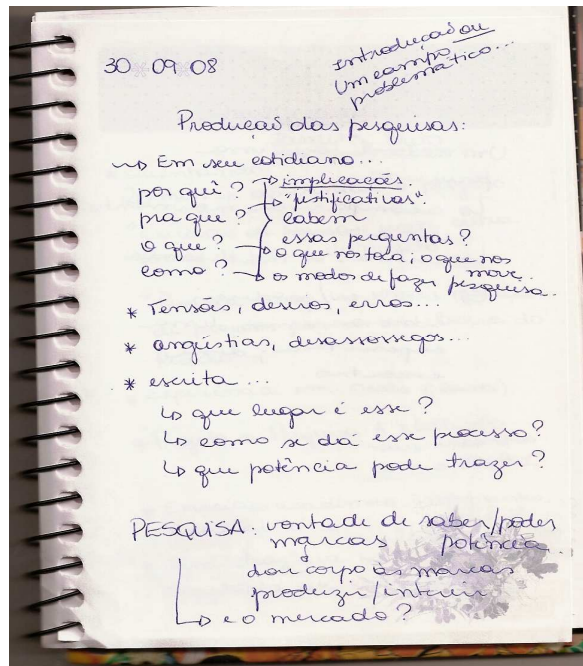


Figura 6 – Caderneta de anotações.

O processo de *criação/invenção* era a questão que pulsava... Como produzimos? Como escapamos da simples reprodução de modos de fazer normatizados e sancionados? Como produzimos *pesquisa* inventivamente? Como se dão esses *movimentos de produção*, que neste momento busco problematizar?

Pensei sobre esse movimento incessante em que me encontrava, de *repensar* e *refazer* a pesquisa, e no qual percebia também alguns colegas. Perguntei-me, então, se seria isso um “problema”.

Deveríamos formular uma questão, um campo problemático e um modo de fazer a pesquisa, de uma vez por todas, e seguir dessa forma até o seu “final”? Talvez seja esse o protocolo, a norma ou a recomendação. Mas é assim mesmo que experienciamos esse processo de produção? Seria nessa “retidão” linear, fixa, lógica e cronológica de reproduzir formas – que compomos nossas pesquisas? É assim que criamos/inventamos/produzimos conhecimento?

Em meio à produção de um campo problemático, o projeto foi escrito. Em meio às vivências, acontecimentos e dúvidas, uma escrita se compôs.

1.2 A ESCRITA DO PROJETO, OU, DESARRUMANDO OS PAPÉIS

Durante a escrita do Projeto de Qualificação, alguns modos de composição foram experienciados. Áudios foram gravados. Áudios de aulas, orientações, grupo de estudos e algumas tentativas de “entrevista” – algumas conversas com os colegas que se dispuseram a participar.

Algumas anotações foram feitas, alguns textos foram escritos, certas reflexões foram produzidas. E, à medida que falava da pesquisa com os colegas do Programa (inicialmente pensamos, a orientadora e eu, em realizar a pesquisa no próprio Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional), as mais diversas reações se foram produzindo... Curiosidades, surpresas, receios, temores... Um misto de acolhida e rejeição. Atração e repulsão.

Algo inesperado e diferente se processou. O uso do gravador gerou incômodos. “Nossas falas estão sendo registradas”. “Podem ser divulgadas, postas em análise”. E, depois de algum tempo, mesmo abandonando o gravador de áudio, bastava o “corpo-gravador” da pesquisadora para que esses mesmos efeitos se produzissem. “Sorria! Sua pesquisa está sendo analisada!” Uma sensação que se espalhou nos espaços transitados. O gravador funcionou, assim, como um “dispositivo de análise”, ou analisador.⁶ Analisador das sensações que se fizeram circular entre os espaços da pesquisa...

A produção dessas falas parece, assim, sentida como reveladora de um ego a ser descoberto, analisado e julgado pelo pesquisador. Parece não falar de modos de ser, mas de seres. Um modo positivista e racional de pensar pesquisa posto em funcionamento por cada um de nós, em cada uma de nossas ações, em meio às nossas pesquisas⁷

⁶ Lourau (1993) afirma que os analisadores são acontecimentos que fazem aparecer a um só golpe a instituição invisível. Entendendo “instituição” como normas sociais produzidas em relações sociais reais, pela articulação entre a ação histórica de indivíduos, grupos, coletividades, e normas sociais já existentes.

⁷ Projeto de Qualificação (Denise Pesca Pereira Gottardi, 2008).

Analisador dos movimentos produzidos na própria pesquisa...

*Tenho tentado gravar o máximo de áudios que posso. Áudios de aulas, de orientações, de entrevistas, de Bancas de Qualificação... O problema é que é tanto áudio gravado que nem sei por onde começar. Acho que nunca vou conseguir ouvir tudo!*⁸

O modo como o gravador estava sendo utilizado também acabou sendo posto em análise. Dei-me conta da quantidade de áudios armazenados e da impossibilidade de utilizá-los integralmente. Mais que isso, dei-me conta de que o uso do gravador não se fazia como um modo de registrar o que se passava e, em meio ao que se passava, ouvir as falas que se produziam sobre os processos das pesquisas. Seu uso se fazia numa tentativa de “congelar” as falas, de pegá-las “na íntegra”, de não deixá-las escapar em meio às conversas e anotações. Uma tentativa de “usá-las”, e não de “compor com elas”. Uma *coleta de dados*, em lugar de sua *produção*...

Uma sensação de pesar se fez sentir. Um pesar por não conseguir ouvir os áudios e transcrevê-los na velocidade com que se produziam, no número de gravações que se acumulavam. Um pesar de não poder ouvir-transcrever-escolher as melhores falas. Por não conseguir *coletar* as falas, afinal, as mãos não conseguiam segurar a muitas delas ao mesmo tempo. Uma tentativa que se fez presente em meus movimentos de composição. Uma intenção e uma tentativa bastante “positivista”,⁹ por assim dizer. “Ouvir a tudo e transcrever tudo”. “Refletir depois”. Um modo de pesquisar... Um modo de viver posto em funcionamento...

Todas essas questões foram levadas à Banca de Qualificação. Compuseram a escrita do Projeto. Os apontamentos a esses movimentos marcaram intensamente a continuidade da composição da pesquisa.

⁸ Uma fala produzida durante uma conversa com um colega do mestrado, em 2008.

⁹ O positivismo, ou o estado positivo, é um pensamento desenvolvido por Augusto Comte. Neste modo de pensamento, a ciência deve desenvolver suas premissas na busca pela verdade, referindo-se sempre ao que é real, útil e certo. O mundo passa, então, a ser observado em suas leis de funcionamento, o que permitiria a previsão racional e o controle. Dessa forma, busca-se afirmar a utilidade da ciência na constituição de uma sociedade positiva e exige-se da ciência que se atenha à observação sistemática dos fatos. Com base em um raciocínio sobre os fatos, a ciência procura, então, estabelecer suas relações invariáveis, ou seja, suas leis. Com este pensamento, Comte pretendeu promover a passagem dos estados teológico (fictício) e metafísico (abstrato), para o estado positivo (científico) (LAVRADOR, Maria Cristina Campello. Interfaces do Saber PSI. In: BARROS, Maria Elizabeth Barros de. (Org.). **Psicologia**: questões contemporâneas. Vitória: EDUFES, 1999).

Ora Denise. O que estava equivocado não era o gravador, e sim o seu uso por ti. Assim, sugeriria que repensasse este dispositivo de uma outra forma do que simplesmente dispensá-lo. Não gostamos tanto de ouvir músicas pelo gravador, pelo rádio? Seria um barato poder afinar a escuta e não jogar fora os ouvidos.¹⁰

Não seria preciso ouvir a tudo, transcrever a tudo. Não seria preciso coletar-segurar as falas com as mãos. Seria preciso tocá-las e por elas se deixar tocar. Seria preciso ouvir e transcrever apenas aquilo que tocasse e perpassasse minha *pele*, ouvir e transcrever, refletindo *junto* às falas produzidas no cotidiano da pesquisa, junto às intensidades que se processaram nos momentos que marcaram a pesquisa.

A ventania sopra e desarruma os meus papéis.

LISPECTOR, 1998b, p. 13

Mas a escrita do Projeto de Qualificação não se compôs com facilidade. As mudanças no modo de pensar a composição da pesquisa, a leitura dos textos e a escolha daqueles com os quais produziria o projeto, assim como os medos, a insegurança e as inquietações sobre como escrever, permearam e compuseram o momento da escrita do trabalho.

Por vezes, produziu-se uma “paralisia”... Sentada inúmeras vezes em frente ao computador, nem uma linha sequer “saía”. Em alguns momentos, produziam-se títulos. Quando muito, “sumários” com esboços de idéias para os capítulos. Quando algum texto saía, sua posterior leitura o descartava. Mas, o que se estava processando? Estava ali, em frente ao computador... Havia reservado aquele momento para a escrita. Havia finalizado pendências e cumprido compromissos diários para que pudesse, enfim, sentar e escrever sem pressa.

Os dias se passaram e muito pouca coisa se produzia nas páginas brancas da tela do computador. Algo não funcionava... Algo não estava “certo”, ou “bom”...

¹⁰ Parecer enviado à Banca de Qualificação pela Professora Doutora Tânia Mara Galli Fonseca, em 2008.

Não é confortável o que te escrevo. Não faço confidências. Antes me metizo. E não te sou e me sou confortável; minha palavra estala no espaço do dia.

LISPECTOR, 1998b, p. 16

Em um desses dias, sentei e decidi “simplesmente escrever”. Escrever que o projeto já havia mudado muitas vezes, que era difícil escrevê-lo e que algumas “intempéries” se haviam processado na duração da pesquisa. Parei de pensar *sobre o que deveria escrever* e comecei a escrever *sobre o que se havia produzido*. E assim, a escrita “saiu”...

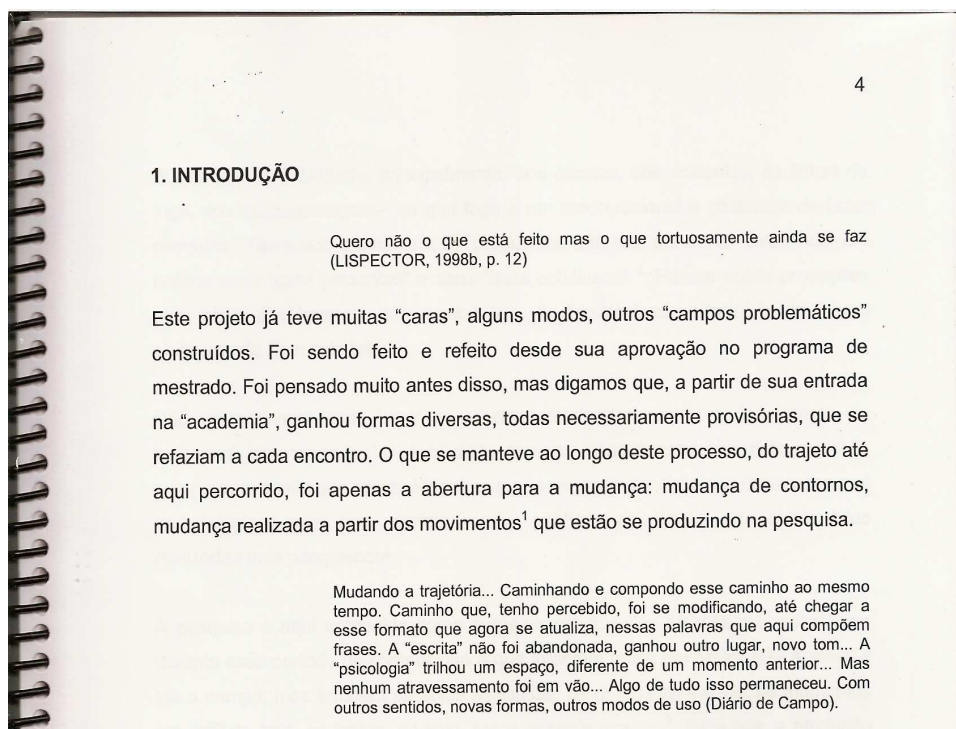


Figura 7 – Projeto de Qualificação.¹¹

Após algumas releituras e mudanças aqui e ali, o projeto estava pronto e foi, então, enviado aos membros da Banca de Qualificação.

¹¹ Imagem escaneada do Projeto de Qualificação (Denise Pesca Pereira Gottardi, 2008).

Os dias que se passaram foram dias de muita alegria, expectativa e ansiedade...

O mundo não tem ordem visível e eu só tenho a ordem da respiração. Deixo-me acontecer.

LISPECTOR, 1998b, p. 22

No dia da apresentação à Banca, bastante nervosa, exibi um pequeno filme produzido como meio de apresentar a pesquisa aos que ali estavam presentes. Apesar de todo nervosismo, o momento da Banca foi intenso e especial! As falas que se produziram foram importantes, *fortes*, e me fizeram refletir já naquele momento e ao longo de todo o ano que se seguiu.

A delicadeza no modo de falar e o rigor e a atenção para com a leitura da pesquisa por parte da Banca tocaram-me profundamente. Senti que estava *entre amigos*! Senti que aqueles que comigo compunham a pesquisa também sentiam na própria pele a questão que queimava a minha. Senti que a problemática da pesquisa também os tocava e que aquilo era algo que realmente *passava* por mim, mas não ficava em mim...

Os membros da Banca de Qualificação e o próprio acontecimento – Banca de Qualificação – compuseram conjuntamente *este momento de escrita*, a composição desta *Dissertação*. Uma composição – sentida assim – a muitas mãos...

O próximo instante é feito por mim? ou se faz sozinho? Fazemo-lo juntos com a respiração.

LISPECTOR, 1998b, p.9

A escrita do Projeto e da Dissertação compôs-se, desse modo, com uma *multidão*. São falas e frases do cotidiano das pesquisas que *também* passaram por mim, mas que não se encerraram em mim.

São falas e frases que perpassam *também* a mim, e que transpassam *também* essa pesquisa, que compuseram *pesquisa* e *pesquisador*: modos de pesquisar e de viver.

E, em meio a falas, frases e palavras, uma pergunta ressoou no Projeto, atravessou o momento da Banca de Qualificação e adentrou na composição da Dissertação: *Como continuar a compor esta pesquisa?*

1.3 UM CAMPO PROBLEMÁTICO SE FAZENDO VIBRAR¹²

Lê então o meu invento de pura vibração sem significado senão o de cada esfuziante sílaba.

LISPECTOR, 1998b, p. 11

Após a “apreciação” da Banca de Qualificação e um período de “incubação”, sem pensar muito no projeto e no processo da pesquisa, apenas sentindo ressoar os apontamentos da Banca, comecei a reler o que os membros haviam dito/escrito...

Quais critérios ético-políticos vão ser acionados para avaliar o que vem sendo produzido no meio acadêmico, nos modos de fazer pesquisa e nos movimentos de sua composição? [...] qual vai ser o foco divisor de águas ao problematizar esses modos de pesquisar? [...] talvez focar no caráter inventivo, problemático e político, para além da escrita – mas sem descartá-la – pode ser um bom encontro/caminho.¹³

Este, ao meu ver, é um projeto eminentemente político. Poderia ser inscrito na obra que muitos estão escrevendo e para a qual invento, neste momento, um possível título: Políticas do Pesquisar que vem à tona como o nosso murmúrio incessante de inconformidade com o modo de subjetivação que predomina na academia, nas associações científicas e órgãos de fomento e de publicação. Este é o plano em comum, sendo a voz de Denise-Leila mais uma a se juntar ao combate em prol de “sujar” a ciência com a não-ciência, em benefício da inserção do corpo sensível e dos dramas da subjetivação no processo de produção de conhecimento, em prol de romper com as normas naturalizadas do trabalho prescrito como de “boa

¹² Expressão utilizada pela orientadora Leila Domingues, via e-mail, como forma de “intervenção” aos desassossegos que ganhavam corpo em meio à escrita do projeto de qualificação.

¹³ Fala de um dos membros da Banca de Qualificação, em 2008.

qualidade e legitimidade”. Em prol, enfim, de uma experimentação da pesquisa como um trabalho da atividade criadora e da autonomia. Não seria já hora, mais que hora de libertarmos o trabalhar do jugo do sofrimento pela obediência e pela simples reprodução?¹⁴

Muitas questões se produziram com os apontamentos realizados...

Em meio às entrevistas gravadas em áudio, às conversas nos corredores do mestrado e de outros espaços da universidade; em meio às aulas, aos cafés – sempre bem-vindos –, uma questão se fez pulsar: *Como dar continuidade a esta pesquisa? Com o que compor? Que conceitos utilizar? Que leituras outras realizar?*

Apesar de todas as leituras, aulas e conversas, apesar da intensidade que vivia ao não apenas ouvir as falas, mas também senti-las – todo um modo de fazer pesquisa positivista eu insisti em habitar.

Em meio à proposta do Programa de Pós-Graduação, do qual fazia parte, de maior abertura aos encontros, ao exercício ético-político com a produção das pesquisas, algo em mim – cristalizado, inflexível – teimava em produzir um modo de pesquisar “prescritivo”.

Mergulhei, então, numa desesperada busca de leituras e conceitos para pensar a pesquisa e me esqueci de que as leituras e os conceitos se produziram *no momento* da composição da pesquisa, em meio a ela e não “antes” dela, ou “separadamente” a ela. Esqueci-me de que eles deveriam *servir*, de que deveriam produzir sentidos para o que se passava e não *pautar* o que se produziria. Mas realizei, mesmo assim, esse “temido movimento”. Tentei primeiro escolher conceitos para compor a pesquisa e, só então, passar a pensar sobre o que se processava em seu cotidiano. O que se passava deveria, desse modo, *caber* nos conceitos. Mas, pude perceber: não cabia.

Novamente “paralisa”... Por meses não consegui escrever nada. O que acontecia me inquietava, me forçava a pensar, mas eu ainda não conseguia entender o que se passava.

¹⁴ Parecer enviado à Banca de Qualificação pela Professora Doutora Tânia Mara Galli Fonseca, em 2008.

Talvez você devesse deixar um pouquinho os conceitos de lado e pudesse tentar começar a escrever um pouco mais solto. Pelo que você fala, parece que os conceitos são uma espécie de corda que te seguram, mas você tem que largar um pouco essa corda pra conseguir escrever.¹⁵

Mas... E o medo de cair? Se eu soltar essa corda, onde vou parar? O que está logo abaixo dos meus pés? Qual a profundidade do lugar onde estou? Como lidar com essas questões se não tenho garantias e respostas para nenhuma delas?

Será que consigo me entregar ao expectante silêncio que se segue a uma pergunta sem resposta?

LISPECTOR, 1998b, p. 14

O mais curioso é que passei meses ouvindo de colegas e entrevistados, ouvindo aqui e ali, sobre esse movimento – que me era familiar – de deslizar por entre modos de compor: modos positivistas, prescritivos, normativos; modos inventivos, modos-outros de fazer pesquisa. Mas isso não me “imunizou” de caminhar por ambos. Isso não me “preparou” nem me “dispôs mais” a *escolher* definitivamente dentre eles, pois os vivi/vivo nesse entremeio, nessa espécie de “corda-bamba”.

Pensei, então, que, por vezes, nos reconhecemos mesmo em certos modos – mais positivistas, mais normatizados – e que, por vezes até, nos lançamos neles, para atender a certas demandas, mas que, por outras, nos tornamos mais abertos e mais flexíveis. E, assim, escapamos aos modos que nos aprisionam e que nos paralisam nesse processo da pesquisa.

Desse modo, em meio às vivências e experimentações, uma forma de compor a pesquisa foi-se delineando. As questões anteriormente produzidas mais uma vez foram transmutando-se e bifurcando-se...

¹⁵ Uma fala produzida durante uma conversa com um colega do mestrado (2009).

Cada mudança, cada projeto novo causa espanto: meu coração está espantado. É por isso que toda a minha palavra tem um coração onde circula sangue.

LISPECTOR, 1978, p. 16

E comecei a produzir “questões-outras”, pensando: *Afinal, o que é pesquisar?*

O que é isso: a pesquisa? Que processo é esse que, em sua duração, se transmuta, muda continuamente e se diferencia de si mesmo, ganhando novos contornos e produzindo novas análises?

Como nos afetamos, pensamos e criamos em meio ao cotidiano das pesquisas? Como nos movimentamos em meio a esse processo? Como deslizamos por entre esses modos mais endurecidos e mais flexíveis de pesquisar? Como fugimos, criamos, resistimos em meio às normas, regras, determinações, sanções e demandas – positivistas – tão presentes no meio acadêmico?

Como criamos em meio a tudo isso? Como nos lançamos nesse processo tão cheio de encontros – com livros, pessoas, cores, cheiros e sons? Como sujamos e como limpamos a nós e à nossa escrita em meio às intensidades vividas na pesquisa? E como, enfim, temos conjugado este verbo, *pesquisar* e, em meio a esse processo, produzido modos de viver?

1.4 PRODUZINDO MODOS E FERRAMENTAS *EM MEIO À NAVEGAÇÃO*

Mas de repente esqueço o como captar o que acontece, não sei captar o que existe senão vivendo aqui cada coisa que surgir e não importa o que.

LISPECTOR, 1998b, p.18

O modo de fazer esta pesquisa compôs-se na trajetória realizada. Foram movimentos de *experimentação de modos*. Foram tentativas que, modificadas ao sabor dos encontros, compuseram a duração da pesquisa.

A “teoria” foi experimentada desde a composição do anteprojeto. Os autores e conceitos trazidos para pensar a pesquisa e compor a escrita deveriam não apenas me ajudar a “falar”; precisavam, também, me *provocar*. Nesse sentido, os autores convidados, suficientemente “provocativos” e hábeis em abalar minhas certezas e sentidos assentados, formaram uma multidão: Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, que, pensando com Bergson, Espinosa, Nietzsche e Blanchot, me ajudaram a reinventar e reescrever um modo de compor pesquisas.

Outros autores também fizeram parte dessa trajetória, como Clarice Lispector e Fernando Pessoa, Peter Pál Pelbart, Suely Rolnik e Luiz Orlandi, entre outros tantos que, com suas escritas intercessoras, me fizeram olhar diferentemente a composição que realizava. Mas os autores não pararam por aí... Tive os colegas-autores do mestrado que, em meio ao nosso cotidiano, inscreveram suas falas neste trabalho. Houve os entrevistados-autores que compuseram um “intermezzo” de encontro e reflexão. E, finalmente, os autores-Banca que, às vezes como brisa suave e às vezes como um furacão ou ventania, desarrumavam meus papéis, desorientavam meus sentidos e me forçavam a buscar novo chão para pisar. Às autoras Leila Machado, Cristina Lavrador e Tânia Fonseca, a pesquisa “reservou”, assim, lugar especial: lugar de inscrição e de escrita, de afetação, de produção de pensamento e de criação.

A teoria, afinal, serviu à pesquisa. E os conceitos compuseram – em meio à navegação – a trajetória por mim (e por essa multidão) produzida/percorrida. Tal como uma “caixa de ferramentas”, plástica, mutante e imanente à própria experimentação¹⁶ os conceitos funcionaram para a pesquisa em questão.

¹⁶ LAVRADOR, Maria Cristina Campello. **Loucura e vida na contemporaneidade**. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006, p. 38.

Tais conceitos, assim como o modo de composição que buscamos acionar ao deles nos utilizar, foram norteados por alguns princípios. E o princípio vital desta pesquisa foi o da expansão da vida, importando para todos nós, o quanto a vida estava/está encontrando canais de efetuação.¹⁷

Esse princípio, que é extramoral, fala das implicações ético-políticas que temos com aquilo que criamos. Fala do quanto nos responsabilizamos pelos modos de pesquisar que fazemos funcionar, assim como por suas ressonâncias, para além daquilo que podemos (pré)ver.

Para acompanhar e problematizar os movimentos de produção de *modos de pesquisar* busquei percorrer (e pensar) as *linhas* que os delinearão/delineiam. Linhas de segmentaridade dura, flexível, e de fuga – linhas da vida – que, segundo Deleuze,¹⁸ nos compõem e compõem também as formas de pesquisar que acionamos.

Foi sobre essas linhas, nas quais vivemos agindo e nos deslocando e, em meio a esses movimentos com os quais imprimimos modos de viver e de pesquisar, que busquei acompanhar essas criações que muitas vezes não atendiam às normas e prescrições do fazer pesquisa.

Por entre estranhamentos e inquietações, indaguei, com a multidão de autores que acompanha esta pesquisa, “o que temos feito e criado sobre essas linhas-movimento?”.¹⁹

Alguns recursos metodológicos funcionaram como ferramentas para a pesquisa e, dessa forma, compuseram seu modo de fazê-la. O “diário de campo” foi um deles, juntamente com algumas “entrevistas” realizadas e gravadas em áudio. Esses momentos denominados “entrevistas” constituíram-se mais como “boas conversas”, ou como “conversas-entrevistas” – assim demarcadas, a fim de sinalizar uma

¹⁷ ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina. Editora da UFRGS, 2006, p. 68.

¹⁸ DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998, p. 146.

¹⁹ LAVRADOR, 2006, p. 51.

importante diferença na forma como me posicionei para essas vivências. Não vivi esses encontros como entrevistas formais, protocoladas e restritas a um roteiro prefixado, que assim visassem a uma pretendida neutralidade do pesquisador no processo da pesquisa, e com o pesquisador entrevistado. Muito diferentemente disso, experienciei esses momentos da pesquisa como “bons encontros”, como gostosas conversas ou bons “bate-papos” que, numa “troca de ideias” sobre o fazer pesquisa, se compuseram de modo alegre e intenso.

Num dado momento, pensei na possibilidade de realizar essas entrevistas com o recurso do gravador de áudio (que já vinha sendo utilizado para gravar aulas, orientações, grupos de estudo e Bancas de Qualificação e Defesa). E, assim, o fiz.

Inicialmente, essas entrevistas seriam realizadas dentro do próprio Programa, com os colegas de mestrado. Mas algo, então, se processou que me fez desviar da rota pretendida e produzir outros atalhos, outros modos de construção. A realização das entrevistas seguiu novo rumo: foi produzida com mestrandos e doutorandos dos cursos de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo, pesquisadores que estivessem vivenciando o processo da pesquisa, em quaisquer momentos de sua duração e que consentissem em dela participar.

Desse modo, circulei por alguns espaços, por alguns Programas e conversei com alguns pesquisadores sobre a possibilidade de participação na pesquisa. Alguns não aceitaram o convite, outros concordaram em participar, mas se esquivaram num momento posterior, outros concordaram e participaram (da pesquisa) por meio das entrevistas. De certo modo, todos a compuseram, pois a não participação foi, também, um modo de participação. Essas recusas compuseram alguns encontros e me fizeram pensar, com o grupo de orientação, no que estava acontecendo e nos rumos que a pesquisa estava tomando. Assim, pude repensar continuamente minhas ações, meus roteiros e meus modos de fazer. A negativa/recusa se fez “afirmação” de movimentos e compôs, assim, intensa reflexão.

Realizei, portanto, quatro entrevistas que foram gravadas, devidamente autorizadas por Termos de Consentimentos e pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFES. Mas essa tarefa não foi tão fácil como se poderia supor. Primeiramente porque os

prazos curtos para a realização da pesquisa se chocavam com a burocracia dos órgãos responsáveis pela “certificação” e “autorização” da mesma. A pesquisa, pensada e produzida em seu cotidiano, não ficava “parada”, esperando pela autorização de sua composição. A pesquisa não para. Como processo, faz-se continuamente. Não “espera” por autorizações. Mas se faz *em meio* a elas.

A transcrição das entrevistas foi realizada. Algumas falas produziram importantes interferências nos rumos da composição. Questionei, com o grupo de orientação, sobre o que se passou em meio àqueles encontros, em meio às entrevistas realizadas. O que se produziu naqueles momentos vividos com os pesquisadores. Que falas foram ditas, que silêncios “gritaram” e o que se produziu para além do visto e do dito. Essas e outras questões ressoaram nas escutas dos áudios gravados e nos diários de campo produzidos... Um modo de “afinar a escuta e não jogar fora os ouvidos”!²⁰

Tudo se me confunde. Quando julgo que recordo, é outra coisa que penso; se vejo, ignoro, e quando me distraio, nitidamente vejo.

PESSOA, 2006, p. 230

A pesquisa se fez, portanto, por uma “ferramenta” em especial: os encontros...

Encontros-entrevistas, encontros-aulas, encontros-Bancas, encontros-orientações... Fez-se, assim, por “bons encontros”, por gostosas “conversas” que, misturadas ou não ao sabor e ao aroma do café, que muitas vezes as acompanhavam, balançaram certezas, modos de pensamento, caminhos até então produzidos. Conversas, muitas vezes “despretensiosas”, produziram falas e silêncios que me tocaram e me fizeram pensar. Em meio aos mais variados modos de compor conversas – esses encontros – a pesquisa se fez, modificou-se, reformulou-se, e recriou-se, produzindo grandes inquietações, novos problemas e a criação de “boas saídas”...

²⁰ Expressão utilizada pela Professora Doutora Tânia Mara Galli Fonseca, no parecer enviado ao Programa de Pós-Graduação Psicologia Institucional, na Banca de Qualificação da presente pesquisa, em 2008.

(...) Chegado aqui, onde hoje estou, conheço
Que sou diverso no que informe estou.
No meu próprio caminho me atravesso.
Não conheço quem fui no que hoje sou.(...).

PESSOA, 2007, p. 122

A ferramenta “*diário de campo*” se fez presente desde os primeiros dias do mestrado. E todos esses encontros – aulas, orientações, grupos de estudo, Bancas de Qualificação e Defesa, conversas que se faziam nos corredores do Programa e no café da Universidade – compuseram a escrita dos Diários.

Essa escrita “diária” constituiu-se de várias formas: de falas, de sensações, de descrições, de diálogos, de narrações. Fez-se, enfim, daquilo que transpassou os espaços da pesquisa e das intensidades que ali pediram passagem. A escolha do uso do Diário de Campo (para essa pesquisa) decorreu do propósito de trazer para o trabalho sua composição cotidiana, os movimentos realizados em sua construção, o caminho produzido/percorrido.

Além dessa função, outra intenção se fez presente: a de trazer para a pesquisa uma escrita “suja”, “extraoficial”, maculadora da visão/preensão de neutralidade do pesquisador. Uma escrita que não falasse, portanto, dos movimentos particulares de um sujeito, do pesquisador como um indivíduo, como um “eu”, mas que falasse de um fazer, de uma vivência de campo cotidiana, dos modos como a pesquisa efetivamente foi feita pelo pesquisador. Uma escrita que falasse de *modos* e que fizesse “pane do ‘como se faz pesquisa’”.²¹

Para problematizar modos de pesquisar – movimentos de construção desses modos –, escolhi produzir, assim, uma escrita “fora do texto”...

Mas já que se há de escrever, que ao menos não
esmaguem as palavras nas entrelinhas

LISPECTOR, 1999, p. 200

²¹ LOURAU, 1993, p. 74.

Em meio a cafés e conversas, em meio a folhas de caderno, filmes, livros e músicas, em meio a sons, cheiros, cores e formas, seguimos (eu e essa multidão de autores) nos movimentando na composição de *uma* pesquisa...

Mas receio começar a compor para poder ser entendida pelo alguém imaginário, receio começar a “fazer” um sentido, com a mesma mansa loucura que até ontem era o meu modo mais sadio de caber num sistema. Terei que ter a coragem de usar um coração desprotegido e de ir falando para o nada e para o ninguém. Assim como uma criança pensa para o nada. E correr o risco...

LISPECTOR, 1998c, p. 15

CARTA 2
PENSANDO PESQUISA E VIDA

Paul Jackson Pollock²²

São duas horas da tarde, estou em casa, “pronta” para sentar no computador e dar continuidade à escrita da dissertação... Sento e, então, começo a escrever. Paro por um estante. Começo a pensar sobre a conversa com um dos pesquisadores entrevistados. Penso em suas falas, seus gestos, seu modo de olhar, penso, também, nos momentos de longos silêncios – o que isso estaria a dizer? Leio a transcrição da entrevista. Volto ao áudio gravado. Ouço um silêncio, seguido de um suspiro. E, então, ele começa a falar...

*Geralmente, pesquisa tem uma vida envolvida, porque... Sempre é um grande sonho, sempre é um esforço, sempre é gente que está deixando marido em casa, outros que estão deixando filhos em casa, pessoas que estão fazendo uma aposta alta... Porque exige tempo, exige dedicação...*²³

²² POLLOCK, Paul Jackson. **Número 18**. 1950. Pintura. Disponível em: http://1.bp.blogspot.com/-PZS6PwZdQg/SYfmAs1R8wl/AAAAAAAAACQg/7rP7sRZg6Gk/s400/jackson_pollock_2.jpg. Acesso em: 20 mar. 2010.

²³ Fala de um dos pesquisadores entrevistados.

“É... Exige tempo e dedicação”, me pego a pensar.

Nesse momento alguém me interrompe e me pergunta a que horas vou usar o carro. “Não sei”, eu afirmo. Sigo para outro cômodo, converso um pouco e retorno ao computador. O que eu estava pensando? Onde parei? O que eu ia escrever? O que queria dizer? Não me lembro mais. Paro, levanto e vou tomar um café. Distraio-me com a fumaça que sai do copo de café. Sinto seu cheiro e a temperatura da xícara. Fico pensando sobre o que estava escrevendo. Volto a pensar na entrevista realizada. E me pego perguntando a mim mesma: esse mestrado é um sonho, um desejo pra mim? Envolve esforço, dedicação, exige tempo, disso não tenho dúvidas. Seria, também pra mim, uma aposta alta?

Envolta nesses pensamentos e nas sensações que se produziram junto a eles volto ao computador. Sento e retomo a escrita... É, há uma vida na pesquisa. Uma vida emaranhada a ela. Uma vida que a faz e que é, também por ela, feita. Percebo essa mistura, sinto essa composição singular de vida e pesquisa, esses movimentos de pesquisar e de viver que se entrelaçam, e que compõem um processo.

O colega entrevistado apontava um “envolvimento” entre vida e pesquisa. Dizia que a pesquisa se apresenta como um sonho, um esforço, como algo pelo qual somos movidos. Uma tentativa de dar sentido ao que vivemos, e ao mundo que nos atravessa e nos compõe, que nos marca e nos modifica. Mas afinal, não é assim que experienciamos nossas próprias vidas?

Vida e pesquisa: uma movimentação, um caminho produzido. Um “entre” que se delinea e se constitui como produção de sentidos para aquilo que se passa em meio a nós e que perpassa e compõe a nós mesmos. São movimentos que expressam relações, que envolvem misturas, turbulências e imprevisibilidades, movimentos, pois, que fazem pesquisa e vida se expandir e se diferenciar.²⁴ Nesse momento, escrevendo estas linhas, me lembro de Deleuze. Lembro-me do que ele dizia sobre a vida, do sentido que criava para ela. Ou melhor, lembro-me do que ele dizia sobre “uma vida”...

²⁴ MACHADO, Leila Aparecida Domingues. O que chamamos clínica?. In: ROSA, Edinete Maria. (Org.). **A produção da Psicologia Social no Espírito Santo**: memórias, interfaces e compromissos. 1 ed. Vitória: EDUFES, v. 1, 2008a, p. 59.

“Uma vida é a imanência da imanência, a imanência absoluta”.²⁵ Ultrapassa, sujeitos e objetos, não depende de um Ser, nem se submete a um Ato. Uma vida, portanto: impessoal, singular – puro acontecimento. “[...] vida de pura imanência, neutra, para além do bem e do mal”.

*Uma vida está por todos os lugares, por todos os momentos que atravessam este ou aquele sujeito vivo e que medem tais objetos vividos: vida imanente trazendo os acontecimentos ou singularidades que apenas se atualizam nos sujeitos e nos objetos. Essa vida indefinida não tem, ela mesma, momentos, por mais próximos que estejam uns dos outros, mas apenas entretempos, entremomentos. Ela não sobrevém nem sucede, mas apresenta a imensidão do tempo vazio em que se vê o acontecimento ainda porvir e já transcorrido, no absoluto de uma consciência imediata*²⁶.

Linhas escritas que me põe a pensar... Linhas que se desenrolam como uma melodia. Linhas melódicas, que quando lidas são também ouvidas, que emitem uma sonoridade que compõe vida. Emaranhado de linhas (tal como um novelo) que se cruzam e que se sobrepõe. Que se compõe como processos de produção: movimentos de composição de formas, de viver e de pesquisar. Eis um modo de pensar “*vida*”: pensá-la como uma espécie de linha na qual deslizamos. Linha que vibra e que ressoa, que nos toca e nos compõe.

Para Deleuze²⁷, essa linha que nos constitui – e que constitui nossas pesquisas – desdobra-se em três outras. E os modos de viver que assumimos nos fazem deslizar pelas diferentes linhas.

Quando deslizamos por uma linha *dura* nos colocamos em segmentos bem determinados e somos por eles “recortados”. Assumimos um modo determinado de ser pesquisador, de fazer pesquisa e de construir a academia. Seguimos modelos, nos identificamos, nos formatamos e enrijecemos em formas que são *duras*, que não admitem flexões.

²⁵ Deleuze, Gilles. **A imanência: uma vida...** 1995. Tradução de Alberto Pucheu e Caio Meira. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero11/xiii.html>. Acesso em: 20 mai. 2008.

²⁶ Ibid.

²⁷ DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998, p. 145.

Somos segmentarizados por todos os lados e em todas as direções. [...] A segmentaridade pertence a todos os estratos que nos compõem. Habitar, circular, trabalhar, brincar: o vivido é segmentarizado espacial e socialmente.²⁸

Tais segmentos dependem daquilo a que Deleuze denominou como *máquinas binárias*. As máquinas binárias recortam-se ou chocam-se umas com as outras e cortam a nós mesmos, em todas as direções. Essas máquinas não são apenas dualistas, mas são também dicotômicas e podem operar diacronicamente: se você não é isto, ou aquilo, é outra coisa. E dessa forma, as máquinas elementos binários produzem escolhas binárias...

Afinal, qual a sua metodologia? Em qual das categorias (já existentes) se encaixa o seu fazer? Qual delas você vai escolher? Ou você realiza um modo, ou você realiza outro... E, se não se encaixa em nenhum dos dois, em qual outro pode encontrar-se?

Somos segmentarizados *binariamente*, a partir de grandes oposições duais: as classes sociais, mas também os homens e as mulheres, os adultos e as crianças, etc. Somos segmentarizados *circularmente*, em círculos cada vez mais vastos [...]: minhas ocupações, as ocupações de meu bairro, de minha cidade, de meu país, do mundo... Somos segmentarizados *linearmente*, numa linha reta, em linhas retas, onde cada segmento representa um episódio ou um "processo": mal acabamos um processo e já estamos começando outro, demandantes ou demandados para sempre, família, escola, exército, profissão [...].²⁹

E, também: pesquisa...

Esses diferentes segmentos remetem ora a diferentes indivíduos ou grupos, ora a um mesmo indivíduo ou grupo, que passa de um segmento a outro. Mas todas essas figuras de segmentaridade são tomadas umas nas outras, ou seja, elas passam umas nas outras e se transformam de acordo com o modo como as olhamos.³⁰ E, assim, deslizando em meio às linhas de segmentaridade dura, buscamos categorizar os modos de fazer pesquisa que acionamos em nossas práticas, nos meios acadêmicos. Enquadramo-nos em modos preexistentes e nos formatamos e conformamos em suas formas de funcionar.

²⁸ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. São Paulo: Editora34, v. 3, 1996, p. 83-84.

²⁹ Ibid., p. 84.

³⁰ Ibid., p. 84.

Desse modo, uma metodologia é (pré)fixada. Os passos a serem dados são (pré)vistos. E nossa pesquisa é duramente (pré)parada. Formatamos, previamente, sua velocidade, seu ritmo e seu sentido. E conduzimos a pesquisa e o pesquisador por um modo a ser habitado...

Mas essa não é a única forma com a qual produzimos pesquisa e habitamos o verbo pesquisar. Por vezes, nos lançamos em linhas mais flexíveis – linhas moleculares – que traçam pequenas modificações e que fazem alguns desvios. Nesse outro modo de funcionar procedemos por limiares e constituímos devires, marcamos contínuos de intensidade e conjugamos fluxos.³¹

As linhas moleculares fazem correr, entre os segmentos, fluxos de desterritorialização.³² Arrancam das formas partículas, entre as quais não há senão relações de velocidade ou de lentidão; e dos sujeitos, afetos, que já não operam senão por individuações, por hecceidades.³³

Nesse entremeio, lançamo-nos em modos-outros de fazer pesquisa. Desmanchamos alguns vigentes, certas formas que não nos cabem mais. E vamos Tateando, aqui e ali, outros fazeres, outros modos de pesquisar.

Há ainda uma terceira linha na qual nos colocamos: a linha de fuga. Linha simples, abstrata, ao mesmo tempo mais complicada e mais tortuosa. Linha que nos leva através de nossos segmentos e limiares em direção a uma destinação desconhecida, imprevisível, não-preexistente.

³¹ DELEUZE; PARNET, 1998, p.145.

³² A noção de território é entendida como um conjunto de projetos e representações, no qual desemboca, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos e cognitivos. Os territórios, por nós produzidos, podem se *desterritorializar*, ou seja, abrir-se em linhas de fuga, e até mesmo sair de seu curso e se destruir. Outro movimento que faz parte desse processo – territorialização-desterritorialização – compõe-se como a *reterritorialização*, a qual consiste numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante (GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 388).

³³ Segundo Deleuze (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 109), a hecceidade é o acontecimento. São graus de potência que se compõem, aos quais corresponde um poder de afetar e ser afetado – afetos ativos e passivos, intensidades.

De certa maneira, pode-se dizer que em uma sociedade o que é primeiro são as linhas, os movimentos de fuga. Pois estes, longe de serem uma fuga fora do social, longe de serem utópicos ou até mesmo ideológicos, são constitutivos do campo social, cujo declive e fronteiras, todo o devir, eles traçam.³⁴

Uma sociedade, mas também um agenciamento coletivo, definem-se, antes de tudo, por seus fluxos de desterritorialização.

[...] é sempre sobre uma linha de fuga que se cria, não, é claro, porque se imagina ou se sonha, mas, ao contrário, porque se traça algo real, e compõe-se um plano de consistência. Fugir, mas fugindo, procurar uma arma.³⁵

Essa “primazia” não é cronológica, mas, antes, “[...] o fato e o direito do intempestivo; um tempo não pulsado, uma hecceidade como um vento que se levanta, uma meia-noite, um meio-dia”.³⁶

Deslizando por entre modos de pesquisar, por vezes, caminhamos para outros lugares até então por nós desconhecidos. Modos que não reconhecemos, movimentos que não atendem às prescrições, às normas e às regras que balizam o processo de pesquisa. Invenções-outras que fogem – como um vento que se levanta – aos modelos estabelecidos...

Os fatos são sonoros mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro o que me impressiona.

LISPECTOR, 1998a

Cabe salientar, que deslizar e habitar essas linhas da vida apresenta alguns perigos. E sendo assim, é necessário prudência! A prudência com a qual devemos manejar essas linhas.

A linha de segmentaridade dura concerne a todos os dispositivos de poder que trabalham nossos corpos, todas as máquinas binárias que nos recortam. Ela concerne à nossa maneira de perceber, de agir e de sentir nossos regimes de signos. Seu perigo, portanto, reside em toda parte...

³⁴ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 157.

³⁵ Ibid., p. 158.

³⁶ Ibid., p. 158.

O perigo está tanto em toda parte, e é tão evidente, que seria preciso, antes, se perguntar até que ponto temos, apesar de tudo, necessidade de tal segmentaridade. Mesmo se tivéssemos o poder de fazê-la explodir, poderíamos conseguir isso sem nos destruir, de tanto que ela faz parte das condições de vida, inclusive de nosso organismo e de nossa própria razão?³⁷

Desnaturalizar os modos vigentes talvez não signifique destruí-los ou abandoná-los. Talvez nossa atenção deva voltar-se para o que eles fazem funcionar, para suas ressonâncias. Talvez, ainda, seja preciso, tão-somente e, ousadamente, (re)pensá-los e (re)inventá-los, em meio às próprias vivências, no cotidiano das pesquisas.

E não basta traçar uma linha molecular. Um limiar transposto depressa demais, uma intensidade tornada perigosa por não ser suportada, produz um fenômeno a que Deleuze denomina “buraco negro”: uma linha flexível que se precipita num buraco negro de onde não mais poderá sair.

Assim, tantos processos do pesquisar perdem seu prumo, interrompem seu rumo e não conseguem reinventar-se. Ora produzem-se mecanicamente... Ora, inconclusos, não se fazem terminar.

Ademais, não basta tomar uma linha de fuga. É preciso traçá-la. Saber *onde* e *como* traçá-la, pois ela também tem seus perigos. Corre o risco de ser barrada, segmentarizada, precipitada em buracos negros.

[...] as linhas de fuga acabam mal não por serem imaginárias, mas justamente porque são reais e estão em sua realidade. Elas acabam mal, não apenas porque entram em curto-circuito com as duas outras linhas, mas em si mesmas, por causa de um perigo que elas secretam.³⁸

Numa tentativa de ousar diferir, de buscar novos instrumentos e de produzir novos caminhos, por vezes aprisiona-se o processo da pesquisa e a própria vida. Criam-se tantas outras categorizações e naturalizam-se outros tantos fazeres. Perdem-se em meio ao caminho, e não mais conseguem navegar.

³⁷ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 160.

³⁸ Ibid., p. 162.

A questão, portanto, que aqui se apresenta não é a de *interpretar* tais linhas no cotidiano de nossas pesquisas, mas a de pensar *quais são essas linhas e quais os perigos sobre cada uma delas*.

Nossas análises repousam sobre aquilo que fazemos funcionar ao deslizar por entre as linhas. Nossa aposta se faz num movimento de reinvenção de modos de viver e de pesquisar³⁹. E os movimentos de reinvenção que buscamos realizar e aqui, acompanhar, apresentam por princípio – como um critério essencial – a afirmação da própria vida.

Viver, sentir, pensar, criar, pesquisar... Perguntamo-nos, afinal, no processo desta pesquisa, como temos conjugado esses verbos. Como nos temos movimentado por *entre* as linhas da vida nos processos de criação. E o que estamos ajudando a fazer de nós mesmos,⁴⁰ em meio às composições de nossas pesquisas.

³⁹ Análises e apostas, sempre coletivas e sempre políticas – sempre de uma multidão. Mesmo que a multidão se efetue numa pessoa, ou num pequeno grupo de pessoas. “Tomar a mim mesmo como espaço-tempo ocupado por multidões intensivas” (ORLANDI, Luiz Benedicto Lacerda. Que estamos ajudando a fazer de nós mesmos?. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. L.; VEIGA NETO, Alfredo. (Org.). **Imagens de Foucault e Deleuze ressonâncias nietzscheanas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. Disponível em: http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/orlandi/que_estamos_ajudando.pdf. Acesso em: 17 out. 2008.).

⁴⁰ Indagação foucaultiana desenvolvida no texto “O que é o iluminismo?” (FOUCAULT, Michel. **O que é o iluminismo?**. 1984. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/8913659/Foucault-O-Que-e-o-Iluminismo>. Acesso em: 04 set. 2008).

CARTA 3
ENCONTROS EM MEIO À NAVEGAÇÃO

José de Guimarães⁴¹

A um passo de iniciar as entrevistas – os encontros com os pesquisadores convidados – algumas questões martelavam em minha mente, faziam alarde em meu corpo e me convocavam a pensar/criar *um modo de entrevistar*.

Como convidar as pessoas para participarem da pesquisa? Como perguntar a elas se aceitariam ser entrevistadas? O que dizer? Falar da pesquisa? Trazer informações – os objetivos e os procedimentos? Seria “direito” do participante saber que movimentos estávamos buscando acompanhar? No que isso interferiria em sua fala? Como deveríamos proceder?

Bem, resolvi simplificar: dizer apenas sobre o que era a pesquisa e perguntar se a pessoa em questão aceitaria participar. Apresentei o termo de consentimento e, posteriormente, acolhi as dúvidas que se seguiram. Para minha surpresa, as dúvidas não foram muitas...

⁴¹ GUIMARÃES, José de Guimarães (pseudônimo). José Maria Fernandes Marques. **Circo-Skate**. [19--]. Serigrafia. Disponível em: http://www.paulo-santos.com/AdvHTML_Upload/Jose%20Guimaraes/foto%206%20big.jpg. Acesso em: 20 mar. 2010.

2.1 NUM PROCESSO METODOLÓGICO DO CAMPO⁴²



Amadeo de Souza Cardoso⁴³

Nosso encontro foi marcado alguns dias antes. Mas o pesquisador prontamente me respondeu que participaria da pesquisa assim que esbocei a intenção de convidá-lo. Não era um pesquisador qualquer, mas um amigo.

Encontramo-nos num lugar anteriormente determinado – um lugar agitado, bastante barulhento. Definitivamente, não se parecia em nada com um “tradicional” ambiente de pesquisa. Mas, que importa?! Ali se deu nosso encontro.

Naquele lugar mesmo desfiamos e fiamos uma boa conversa sobre o pesquisar...

⁴² Fala do pesquisador entrevistado.

⁴³ CARDOSO, Amadeo de Souza. **Brut 300**. 1917. Pintura. Disponível em: http://files.nireblog.com/blogs/pintores-malditos/files/cardoso_pintura-1a.jpg. Acesso em: 20 mar. 2010.

O pesquisador começou a conversa falando sobre o seu dia, sobre o que estava fazendo, e sobre o que faria depois dali. Falou sobre uma viagem programada, sobre compromissos profissionais e sobre suas “relações pessoais”.

Num dado momento, ele me perguntou: *Quer começar a entrevista?* E eu respondi: “Pode ser! Mas eu acho que isso tudo faz parte desse processo, não? Nossa vida corre em meio a tudo isso. Eu acho...”.

É... Não deixa de ser, ele respondeu. Então, liguei o gravador de voz e “formalizamos” o início da entrevista – daquela conversa permeada pela pesquisa e pela vida...

Eu estou realmente num processo metodológico de campo...⁴⁴

Com essa frase, o pesquisador entrevistado iniciou sua fala a respeito da produção da pesquisa e tentou explicar-me como isso se estava processando...

Eu comecei a ir primeiro a campo pra me sentir um pouco mais familiarizado com as pessoas, falar que eu estava pensando em ir. Comecei a perguntar se eles aceitavam participar de algum modo da pesquisa, enquanto caminhávamos. Algumas pessoas falaram que sim, outras falaram que não. Aí combinamos um dia para minha vinda. Mas, quando eu cheguei, isso que me chamou a atenção, a pessoa não estava pronta. É como se o compromisso estivesse meio desacreditado. E aí fiz assim mesmo.

Com essa fala, comecei a pensar que, muitas vezes, criamos certas expectativas sobre o que se passa na produção das pesquisas: nos momentos de “ida a campo”, no contato que vamos fazer, nas entrevistas que vamos realizar. Definitivamente, essa expectativa nos modifica, modificando também o modo como nos posicionamos e a condução que damos aos encontros que realizamos.

⁴⁴ Neste capítulo, as falas dos pesquisadores entrevistados apresentam-se em itálico no corpo do texto e, também, no seguinte formato: itálico, fonte arial, tamanho 10, espaçamento simples, com recuo de 4 cm à esquerda. Os pesquisadores entrevistados, independentemente do gênero (masculino ou feminino), serão denominados “pesquisador”. Isso se coloca, pois não importa para esta pesquisa a demarcação de gêneros, assim como, nos utilizamos desse artifício a fim de preservar o anonimato dos entrevistados. Também não constam nas falas selecionadas para compor a pesquisa os Programas de Pós-Graduação aos quais os entrevistados pertencem na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), como também, seus nomes e informações que possam identificá-los. Essa exigência consta como condição à participação da pesquisa no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) apresentado, no apêndice deste trabalho.

Mas há alguma forma de nos prepararmos para isso? É possível “zerar” as expectativas? É “bom” que isso seja feito? Podemos controlar todas as sensações que percorrem nosso corpo nos momentos que antecedem os encontros?

O entrevistado continuou, então, a narrar seu processo metodológico de produção:

Quando a gente havia combinado, eu esperava que rolasse uma certa produção, mas não rolou, e aí fizemos assim mesmo.

O pesquisador pareceu decepcionado. Imaginou sua ida a campo de uma determinada maneira. Imaginou certa postura, receptividade ou resposta da pessoa que se constituiria como “objeto” de sua pesquisa. Esperou por uma *produção*, tentou (pré)ver o que se processaria, mas a tal (pré)visão não se constituiu.

Eu combinei com ele e perguntei: “Onde você quer ir?” Ele queria ir na praça. Me perguntou: “Você sabe onde é?” E eu falei: “Não! Você pode ‘levar’”. E ele foi me mostrando...

Ele não se sentiu incomodado, nem eu. Eu só estava preocupado com os recursos, com o tempo dos recursos que eu estava utilizando. E como parece que o tempo dele tem um outro ritmo... aí eu acho que a minha ansiedade apareceu muito... Neste primeiro momento... Tentando conduzir e fazendo com que as coisas acontecessem.

Nesse momento, lembrei-me de Deleuze, de um texto dele que havia lido. Um texto que fala de um tempo intensivo, “não pulsado”, um tempo que Deleuze denomina “puro”: tempo que não apresenta correspondência com as cronologias, marcações e linearidades. Um tempo que insistimos em não habitar e do qual nos esquivamos em nossas frenéticas rotinas. Pensei que no processo da pesquisa talvez não fosse diferente... Mas, quem sabe?, também neste outro modo de vivenciar o tempo em nossas pesquisas, pudéssemos, vez ou outra, lançar-nos...

Continuando a falar sobre sua ida a campo, o pesquisador questionou-se sobre suas dúvidas, seus “contratempos” – pensando se eles deveriam aparecer em seu texto, em sua escrita da pesquisa.

Eu estava conversando com uma colega, e ela disse que acha que isso, todo o processo em campo, tem que aparecer. E aí eu estou considerando...

Vou falar da minha ansiedade do primeiro dia, que eu estava realmente preocupado com os recursos e de como que a gente também se atrapalha na fala. Quando eu li isso no livro de um determinado autor, que isso também acontecia com ele, eu fiquei mais tranquilo.

Com essa fala, diante da ansiedade do pesquisador entrevistado, percebi que também eu habitava aquela forma “preocupada” de me posicionar em relação aos recursos que utilizava. Será que os ruídos do local em que estávamos atrapalharia a escuta e a transcrição da entrevista? Será que a utilização do gravador de voz estava modificando, interferindo no modo como o pesquisador se colocava e no que falava? Estaria ele restringindo-se a uma fala formal do processo de produção da pesquisa? Que silenciamentos o gravador estaria produzindo?

Essas questões compõem um modo de escutar, um modo de falar e um modo de se posicionar ante a entrevista e o entrevistado. Elas acabam por compor um modo de pesquisar, um modo que se fez presente neste trabalho. São questões que permearam os pensamentos aqui produzidos e que interferiram nas análises que busquei, com o grupo de orientação, realizar.

Num dado momento, a entrevista caminhou para o assunto “escrita”. O pesquisador colocou o modo como experimentava a composição da escrita de sua pesquisa e sua posterior “exposição”.

Nossa! A gente escrever é muita exposição! Eu acho que eu prefiro ir pra um teatro... Mas essa coisa da escrita é difícil.

Realizar a escolha de “expor” nossa experiência em campo, sem tantas censuras, trazendo o cotidiano “sujo” por tudo aquilo que se passou, parece-nos arriscado. Temos a sensação de nos arriscarmos como pesquisadores, que têm sua conduta posta em xeque, e de nos arriscarmos, mais ainda, pelas pesquisas que produzimos: pelos modos expostos, desnudos – melhor dizendo, vestidos com a roupa com que pisamos o campo e com o modo como a pesquisa se apresentou para nós após a experiência vivida, com seus rasgos, cheiros e manchas... Uma “exposição” de nossas pesquisas em nossas escritas – o modo como as fazemos e escrevemos posto em análise.

Em certo momento, senti uma curiosidade: a vontade de fazer uma pergunta que não constava no roteiro, uma pergunta que poderia soar pessoal, mas que, por falar de desejo, de processo de produção de subjetividades, eu sabia que ultrapassaria qualquer fala “interiorizada”. E resolvi, então, perguntar ao pesquisador como aconteceu esse *desejo* de fazer o mestrado.

Quando eu estava na graduação, eu já procurava fazer mestrado. Eu já procurava um lugar pra poder pensar essa temática que me acompanhava profissionalmente.

E comecei a pensar, afinal: Por que e como nos lançamos nessa produção?

O que nos move a pesquisar? O que queremos ao iniciar um mestrado, um doutorado, uma pesquisa? Qualificação profissional? “Status”? Melhoria no salário? Busca por conhecimento? Por “aperfeiçoamento”? Todas essas questões nos permeiam em algum momento, ante a nossa escolha pelo processo de pesquisar. Essas questões até “justificam”, para as pessoas à nossa volta, essa empreitada tão intensa e trabalhosa na qual nos lançamos. Mas seriam esses mesmos os motivadores? Ou melhor, seria apenas isso?

O pesquisador nos fala de uma tentativa de *pensar* uma temática que o acompanhava. Uma temática que o atravessa, que o compõe, que o desassossega e que o movimenta, lançando-o nessa busca, nesse processo que compõe e modifica sua vida e sua *duração*...

Então eu cheguei a procurar alguns mestrados, mas eu não conseguia me sentir à vontade com o tema. Aí eu fiz uma pós-graduação, e meu trabalho final foi um projeto de pesquisa para mestrado neste tema que eu te falei. Só que isso não avançou. Eu não fui fazer o mestrado. Alguns anos depois, eu comecei uma outra pós-graduação aqui em Vitória.

Essa temática sempre foi o que me moveu pra poder pensar uma pós e o mestrado. Foi um trabalho que eu custei a elaborar. E novamente eu fiz um projeto de pesquisa pra tentar o mestrado. Eu peguei esse trabalho que já estava pronto, que tinha feito duas vezes, e eu refiz pela terceira vez, porque precisava ser adequado. E aí eu prestei a prova.

Aí, quando eu entrei no mestrado é que eu fui pensar o tema, que, na verdade, não tinha mais muito a ver, porque eu já não trabalhava mais com aquilo. Permaneceu alguma coisa, mas... No primeiro ano do mestrado, ele foi tomando outro corpo.

Fiquei pensando sobre esse movimento de transformação da pesquisa, da sua temática, do modo de fazê-la, dos recursos utilizados, da sua escrita. Pensei, então, que esse movimento de transformação das pesquisas parecia caminhar junto com o movimento do nosso próprio corpo, àquilo que nos toca e que nos compõe.

Esse movimento e a pesquisa não param nunca, continuam seu trajeto, fazendo-se e modificando-se. Novas vivências produzindo novas inquietações; outras marcas em nós produzindo novos desassossegos. E a pesquisa, assim, não fica para trás. Modifica-se conosco e em meio a nós mesmos.

Teve um momento, um encontro, no qual fui convocado a escrever, e eu fiquei num dilema danado de escrever. E foi justamente no momento em que eu estava num processo de mudança do tema. E aí eu escrevi sobre isso: de que forma seria, quais os elementos que me faziam pensar o meu projeto de pesquisa e que caminho ele poderia tomar.

Poderia tomar vários, mas aqueles elementos ali, o que havia permanecido do projeto anterior, eram fundamentais pra poder pensar qualquer caminho que a pesquisa tomasse.

E eu que quis escrever. Eu comecei a escrever. E eu achava que tinha um trabalho pronto, mas esse trabalho foi praticamente pro lixo. E aí eu reescrevi, naquilo em que eu estava: em crise...

Mas, afinal, seria a reescrita do nosso trabalho um movimento de jogar a escrita anterior na lata do lixo? Não faria também ela – esse momento, essa produção – parte desse trajeto por nós construído, um trajeto que se modifica para acompanhar nossos movimentos de produção? Seria essa escrita anterior um desperdício de tempo e de trabalho? Ou faria ela parte dessa *escrita da pesquisa*, desse *exercício de pensamento*?

Então, a gente estava construindo um campo... Aí eu fui a campo pra ver se rolava o trabalho por lá. E eu vi que a ideia era grande demais. Aí, a gente [pesquisador e orientador] começou a entrar num diálogo intenso pra poder reformular esse campo.

E numa experimentação diária, criamos e recriamos a pesquisa: repensamos nosso campo, as problemáticas que nos inquietam, as situações que nos movimentam e as leituras que nos ajudam a pensar...

Quando a gente pensou em ir a campo pra fazer este trabalho, a gente trouxe a oportunidade de usar certos recursos. Seria uma forma legal de registro da pesquisa. Essa idéia, esse meio do caminho, eu, pensando agora, parece que foi o que sobrou. Mas eu também não posso dizer isso, porque, por outro lado, a gente também pensou outros modos.

Na verdade, eu não consigo achar o começo dessa ideia. E acho que não existe um começo nesse trajeto. Foi o que eu supus: que essa ideia já veio se produzindo há algum tempo.

Eu acho que foi um híbrido. Um pouco na orientação também. Na jornada apareceram alguns elementos muito fortes pra poder constituir a pesquisa, como se fosse a estrutura de qualquer trabalho que eu fosse realizar neste momento do mestrado.

Uma coisa nessa fala chamou a minha atenção: uma ideia produzindo-se, uma produção híbrida, composta em meio à orientação, à jornada, aos encontros. Seria essa a forma como produzimos pesquisa? Um processo de produção de pensamentos que se fazem em meio aos encontros que realizamos?

E que encontros seriam esses? O que desencadeariam em nós? Como nos tocariam? De que forma isso poderia conduzir/produzir nossa maneira de pesquisar e a trajetória construída no processo da pesquisa?

Na escrita da jornada, ao mesmo tempo eu estava passando por uma perda do texto que eu tinha escrito, que não estava prestando, e estava passando por uma certa pressão de ter que escrever, porque eu queria escrever e eu não estava conseguindo acreditar que eu tinha algo pra escrever.

Essa sensação me era familiar. Após tanta coisa que se passou – aulas, entrevistas, grupos de estudos, leituras, uma sensação de descrença no nosso dizer, na nossa produção. Uma sensação que *nos força a pensar*: qual a contribuição deste trabalho? Temos mesmo algo a dizer em meio a produção de nossas pesquisas?

Diante do material produzido em campo, muitas vezes paramos para pensar no que compor com aquilo ali. Como produzir um sentido para tudo isso que vivemos? Teríamos mesmo algo a dizer daquela experiência? Seríamos nós autorizados a fazer falar todo aquele material à nossa frente? O que seria essa produção? Uma verdade sobre algo? Uma interpretação?

Mas é preciso apostar! Será, talvez, um pensamento produzido. Importará, talvez, as ressonâncias dessa produção, E sobre elas, também, devemos debruçar-nos.

Continuando a falar sobre sua escrita, o pesquisador fez menção ao seu *modo de escrever*...

Esse é o único jeito que eu sei escrever, que é contando uma história. Eu não saberia escrever de outro modo. O que eu consigo é pensar uma história, que eu tenha intimidade com ela, que passe por mim. E, o que tem sido questão pra mim... Eu só consigo pensar assim: isso precisa passar por mim e ir sozinho depois. Não pode ficar comigo. Eu preciso que o outro se identifique com isso.

Eu acho que esse processo de achar que as coisas não acontecem só comigo, que acontecem com mais pessoas, isso é uma descoberta. Está sendo um exercício, pra mim, conseguir pensar que aquilo não sou só eu que faço. Não sou só eu que tenho ansiedade, não sou só eu que falo demais, não sou só eu que escorrego.

A gente tem uma ideia sobre uma determinada coisa. E como, então, conseguir abrir mão dessa ideia? Achar que ela não me pertence... Que ela não é só minha? Como conseguir que isso tenha um movimento próprio?

Dizendo isso, o pesquisador realmente mexeu comigo! Mexeu com uma questão que também me assaltava: um pensamento de que não somos uma “exclusividade” e de que o que dizemos e fazemos não pertence ao nosso “eu”. A dissertação não é uma produção egoica! Já havia lido sobre isso. Na orientação, já havíamos discutido: pesquisa como *movimento*, como algo que passa por nós, nos atravessa e nos constitui, mas que não se constitui como uma criação *apenas* nossa, de exclusiva autoria. Mas é difícil abandonar essa idéia! A ideia de uma produção que seja “minha”. E é difícil abrir mão dessa sensação de que apenas “eu”, sentada em frente ao computador, produz a pesquisa.

A produção das pesquisas, portanto, *nos perpassa*. Faz-se, *também*, por nós e em nós, produzindo marcas das experiências que vivenciamos. Mas as marcas não se fazem sozinhas, não é mesmo? E é no *encontro* que somos marcados. (Mais uma vez, o *encontro*, esse conceito que permeia o trabalho...).

E por fim, o pesquisador falou do modo como produzia a pesquisa, e o que era essa produção para ele...

Eu não tô escrevendo agora. Eu tô tentando criar um caminho na minha cabeça. Eu tô precisando dar uma certa consistência à ideia... Tô tentando mapear pontos que são importantes... O que falar das minhas dificuldades. E a troca com alguns colegas está sendo superimportante porque, a partir disso, eu vou conseguir pensar um pouco no que vai ser esse trabalho.

Eu tô tentando pensar no que vai ser dito, pra então começar a escrever. Porque já tem uma primeira escrita. Então eu tenho que organizar aquilo pra eu não me perder no que já tá escrito. E muita coisa vai ser eliminada.

Eu tô tentando fazer um levantamento de ideias, na verdade. Acho que é isso! É! É isso que está acontecendo no momento! Eu estou levantando ideias. É porque eu acho que eu estou pensando... Eu considero meu pensamento um processo de escrita.

Apesar de que eu sei que, quando estou na frente do computador escrevendo, ali a coisa se constitui de uma outra forma. É assim que eu experimentei no primeiro capítulo, que precisava ser escrito, e que eu sei que eu preciso entrar com mais dados... E eu quero, mas eu sei que não é agora a hora.

Eu considero uma linha de raciocínio... Ela precisa ir se constituindo. Então eu vou tendo ideias salpicadas mesmo, como se fossem fragmentos, devaneios. Às vezes eu consigo que eles tenham um pouco mais de consistência... Consigo apostar neles... Escrevo... Às vezes ficam meio perdidos nas anotações, mas, uma hora, eu acho eles de volta. Aí eu: "Poxa! Podia ter pensado nisso!"

Diante dessas falas, fiquei pensando que esse trajeto, esse caminho que vai sendo construído, parece que não tem um começo muito definido, mas vai passando pelo corpo, produzindo ideias, pensamentos, e, por fim, toma outro corpo, agora no papel. Um corpo que se constitui como outra coisa que não a experiência, que se vai constituindo de outra forma, numa outra maneira. Todo esse processo narrado pelo pesquisador me intrigou. Não soube, de início, o que pensar sobre ele, mas sabia que ali estava uma fala muito importante sobre o fazer pesquisa.

Com as falas que se seguiram no desenrolar da entrevista, novas inquietações e pensamentos se fizeram presentes. Pensamentos sobre a escrita, nossas implicações, a produção de um modo de pesquisar... Neste momento, fiquei perplexa com a avalanche de questões que nos tomam nesse processo e, também, com a "luta" que travamos entre tantas experimentações vividas e possíveis criados para a pesquisa.

Somado a isso, nos defrontamos com as exigências institucionais e os prazos apertados para a finalização de um trabalho que se faz produção da própria vida. E nos percebemos mais uma vez “correndo contra o tempo”, ou na melhor das hipóteses, “correndo com o tempo”. Afinal, assim que entramos nos programas de pesquisa das universidades “Brasil a fora”, não ouvimos que a escrita se faz com um número médio de “x” páginas, e num tempo máximo de 2 anos e 6 meses para o mestrado e 4 anos e 6 meses para o doutorado? Caberiam tantas vivências em tal divisão espaço-temporal? Eu não sabia se caberiam, mas sabia que nos era exigido “fazer caber”...

Eu não conto quantos meses faltam pra terminar. Eu tenho uma noção do prazo. Mas eu não posso entrar nesse tempo cronológico... Senão, não dá. Eu preciso entrar no meu tempo, que é assim: eu não posso ficar sem comer, eu não posso ficar sem dormir. Eu preciso ter um horário que eu não tenha que me preocupar com outras tarefas, pra então poder escrever. Mas, enquanto isso, eu estou produzindo, que é levantando material. Eu acho que não deixo de trabalhar em nenhum momento. Eu penso assim...

2.2 DE ALGUMA FORMA, EU ACHO QUE É PRECISO ACREDITAR!⁴⁵



Amadeo de Souza Cardoso⁴⁶

⁴⁵ Fala do pesquisador entrevistado.

⁴⁶ CARDOSO, Amadeo de Souza. **"e;Les Cavaliers"e;**. 1913. Pintura. Disponível em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f5/Amadeo_de_Souza-Cardoso-4.jpg. Acesso em: 20 mar. 2010.

Finalmente alguém me perguntou alguma coisa! Por que, na universidade, essas coisas, assim... Essa pergunta sobre pesquisa é uma coisa muito rara. Aquilo ali, um mestrado, um doutorado, é um investimento muito especial! Eu acho que é!

Foi com intensa alegria que o segundo pesquisador entrevistado me recebeu! Eu o havia convidado a participar da pesquisa através da entrevista, e ele me informou que só estava aguardando o agendamento do nosso encontro. Senti em sua fala uma vontade enorme de dizer o que se passava, de falar sobre algo que estava vivendo, e que parecia não encontrar espaço para ser discutido na academia.

Eu acho que o que leva as pessoas a essas tentativas todas, a esse investimento, a escrever, a estudar, a frequentar uma disciplina como aluno especial... Eu acho que isso tudo extrapola essa coisa mais objetivista, padrão, da lógica, da grana.

Com essas palavras, o pesquisador afirmou que, para ele, o que leva as pessoas a essas tentativas todas é algo que toca o *desejo*. O desejo como esse movimento de produção de sentidos para aquilo que vivemos...

Eu acho que o que me moveu pra pesquisar foi a tentativa de pensar alguma coisa que tenha a ver com a minha experiência na escola, que tenha a ver, sim, com alguma coisa de resistência, mas que não tenha a ver com uma resistência calcada numa luta política, que se dá nas mesmas bases que o poder age. Você está entendendo?

Existe uma produção muito interessante que tem a ver com rir, com inventar, com esses escapes, com essa potência da vida que se organiza pra dar conta daquilo. Simplesmente, as pessoas estão a inventar e a viver, e bem! Curiosamente alegres! Isso, evidentemente, não é uma coisa que acontece o tempo inteiro, mas é uma coisa muito potente. Então, demorou muito tempo pra entender que o que eu queria, na verdade, era fazer uma afirmação da potência como um modo de resistência, ou como o único modo de resistência que me interessaria pensar. Mais ou menos isso... E criação porque a maneira como você inventa pra desfazer, não fazer, ou fazer diferente são maneiras muito interessantes! Aquilo está criando um problema sobre a relação que você tem com o trabalho, né? Eu acho esse tipo de prática muito interessante de pensar! No fundo, parece que são essas coisas que fazem com que a escola funcione. Se você tirasse isso, seria impossível!

E assim, numa forma de falar um tanto ou quanto apaixonada, ele disse de seu encontro com outro modo de pensar a composição da pesquisa. Um modo que diferia da forma que antes ele havia experimentado e na qual percebia que não mais cabia. Uma forma que não funcionava, que já não dava liga...

Quando eu conheci esse outro modo de pensar pesquisa, aí eu falei: “Pô, fantástico isso aí! Mas qual a função política disso?”

Na minha opinião? Novas imagens da escola, com cores totalmente diferentes. E, então, você balança, ou tenta balançar essa lógica da percepção que o que é está dado como é. E você multiplica escolas, tentando não deixar esse espaço aberto para uma única imagem de escola. Eu acho isso muito político na produção da pesquisa! Eu acho isso muito interessante! Aí falam: “Ah! Mas não há libertação!” Mas libertar quem? Todo esse sistema da libertação... Não se trata de nada disso. Se trata de invenção! Se essas pessoas estão lá e acreditam nessa potência que elas têm, elas investem cada vez mais nisso.

O pesquisador havia, então, relatado que, para ele, esta era uma nova oportunidade e uma nova forma de pensar e de produzir pesquisa. Esse era o momento de seu doutorado e, aparentemente, sua experiência de mestrado não se havia constituído de uma forma muito satisfatória...

Essa frustração com o trabalho do mestrado... Mas até que tem coisas que são aproveitáveis.

Eu encontrei esse meu orientador de hoje só no final do mestrado. Então, o trabalho, o esforço e tudo aquilo, eu achei que ficou muito mal aproveitado. Eu também era bolsista. E eu achei que precisava ganhar potência essa pesquisa por que... Afinal de contas, eu estava querendo fazer pesquisa pra quê? Eu achei que aquela pesquisa ficou uma coisa preconceituosa. No fundo, eu acho que a questão do método acaba desembocando numa produção de preconceito também. Porque, se você se utiliza de um método onde você acha que as pessoas não têm consciência do que elas estão fazendo, aí você vai criar condições de pesquisa onde você possa provar para essas pessoas as contradições que elas habitam. E elas, pra superar essas “supostas” contradições, elas teriam que fazer uma dada “evolução”, numa dada direção que você aponta, para que aquilo fosse superado enquanto contradição... Para que elas se tornassem “conscientes”. É puro preconceito isso! “Ah! Mas como inventar um método de pesquisa que me isole disso?!”. Não existe isso!

Para o pesquisador entrevistado, não cabia mais uma forma de pesquisa que pensasse os modos de vida como “errôneos” ou “equivocados”, considerando as pessoas como “alienadas”. Para ele, não cabia mais esse juízo de valor. Pensar na construção de outros possíveis para a escola o fazia acreditar de novo no próprio movimento da vida. E, para ele, *de alguma forma, era preciso acreditar...*

De alguma forma, eu acho que é preciso acreditar! É preciso acreditar!

Mas os movimentos realizados no doutorado não se compunham, em sua totalidade, de forma tranquila e serena, tal como um mar em calmaria. Para ele, certos encontros se compuseram de forma truculenta e agitada, e o encontro com o orientador se constituiu como um deles...

Eu tinha um acordo... Um acordo implícito: um acordo que eu tinha certa liberdade pra fazer as coisas. Havia uma confiança em mim, e eu acho que ainda há! Ainda que a gente se encontrasse muito pouco... Como todos encontram muito pouco com o orientador... O orientador sabe que eu estudo e que eu estudo muito. Ele sabe que eu me envolvo profundamente com a escola, porque eu trabalho lá dentro. Então, eu estou dentro da coisa. Ele sabe que o sedentarismo não me dominaria nessa questão da pesquisa. Aliás, as pessoas vão pesquisando, vão morrendo de pesquisar! Vão ficando hipertensas. Aquilo vira um vício!

Enfim, então havia um acordo. Então eu não posso dizer que eu não tinha liberdade nenhuma. Existia a tentativa de certas podas, mas com alguma paciência eu poderia me safar sempre delas, ainda que eu corresse esse risco: “Então faz do jeito que você quiser e aí você segura isso lá na frente sozinho”. É um risco que se corre. Mas... Eu achei que a proposta de trocar de linha, de trocar de orientador foi dele. São linhas de pesquisa diferentes. Foi um acordo que me prejudicaria menos e a todos também. É claro que tem um ou outro ressentimento, e assim vai. No geral parece que as coisas estão se encaminhando.

Aí, no ajuste para essa qualificação, eu troquei de orientador. E aí, o que mudou, no sentido mais concreto: o encontro do grupo de estudo, mais o encontro semanal da orientação. Deu uma coisa a mais. Isso me resgatou muito, em função da condição que eu estava vivendo no Programa. Eu estava lá há um ano e meio e eu não gostava de me encontrar com o grupo de orientandos desse outro orientador que eu tinha. Não tinha encontro. Era muito ruim. Mas era pior quando tinha. Então, nesse outro momento que eu tive com um outro orientador, nós resgatamos essa conversa. Foi um momento de alguma troca. Eu estou lá com aquelas pessoas e parece que agora alguma troca é possível. Eu acho que foi isso que mudou... E mudou bastante!

Com essa fala do pesquisador, fiquei pensando sobre a composição orientador-orientando. Como vivemos isso? Como se dá esse encontro? Quais são os papéis predefinidos pela academia para cada uma dessas posições? No que apostamos juntos? O que efetivamente conseguimos produzir juntos?

E essas trocas de orientador? Como são vistas, pensadas, sentidas, em meio a relação orientando-orientador-comunidade acadêmica? Seriam elas frequentes? Seriam elas aceitáveis? Quais as justificativas para se trocar de “parceiro”? Afinal, seria essa composição uma parceria? Talvez sim para alguns, talvez não para outros.

Um momento muito intenso e especial desta entrevista se constituiu na narração que o entrevistado fez de sua Banca de Qualificação. Foi um momento em que senti a pele arrepiar... Que percebi seus olhos lacrimejarem... Ou seriam os meus? Foi um momento que me tocou e que me colocou para pensar.

A qualificação, assim... Teve um clima estranho. Por que... Já tinha havido certo rompimento, a mudança de orientador. E o antigo orientador fez disciplina com um dos membros da Banca que viria. E esse membro é alguém que tem um nome forte dentro da academia. Assim... E aí, o que aconteceu: na qualificação existia alguém desse grupo que me tomava como "inimigo", isso porque eu seria uma pessoa que "abriu mão" dessa glória de usar essa teoria que eles usam... O papel do orientando é meio que seguir, né?... E: "você então vai mudar de metodologia? Vai mudar de orientador? E você quer fazer um monte de matéria com um monte de gente de outro lugar? E agora você ainda quer inventar essa história de grupo de estudo?"... Entendeu? E como havia ainda algum ressentimento, alguma mágoa, eu acho que esse clima pesou um pouco.

Essa pessoa que veio de fora... Eu acolhi o nome que foi indicado, indicado pelo antigo e pelo novo orientador. E eu achei interessante. Os dois orientadores compuseram a Banca também, mas eu já tinha conversado com o novo orientador à parte e, um dia ou dois antes da qualificação, a gente já estava mais ou menos acertado. Já o meu antigo orientador estava insatisfeito com um monte de questões no trabalho, que foi de onde gerou essa possibilidade de trocar de orientador. Ele geralmente não questionava, mas esperou que uma coisa ou outra... Esperou que alguém questionasse para então endossar. Foi, então, o que me surpreendeu: quando o pessoal dessa outra linha do Programa se colocou de uma forma pouco amistosa, digamos assim, aí, para ele, não teve problema se colocar também.

Porque, na verdade, foi uma composição em que as pessoas desconsideraram o conjunto do trabalho e falaram apenas sobre aquilo que interessou mostrar porque é destrutivo, ou, sobre aquilo que interessou para eles se houve conexão política. E aí, ele fez a opção pelo destrutivo. Fazendo uma comparação com a fala dele: "Se esse seu método, que não é o que eu indico, é assim, então...". Então houve uma crítica, como que querendo expor publicamente que o uso desse método que eu escolhi também nos põe diante de certos riscos. É claro que põe, não é?! Mas houve uma tentativa de, diante do social, dizer bem assim: "Esse método não é tanto assim, também. Melhor seria se tivesse usado o nosso método". Aí eu entendi aquilo e também fiquei "na minha". Agora, com o novo orientador, nós já havíamos conversado, e ele recolocou o que já havia colocado pra mim anteriormente.

A pessoa que veio de fora, o membro externo da Banca, que foi mais curioso! Ele começou falando assim: "Vou te falar tudo o que eu escrevi aqui, você aproveita se você quiser. Se você não quiser aproveitar nada...". Então eu achei que já existia uma posição defensiva prévia. Resta saber como isso foi construído, né? Então eu tentei chamá-lo pra uma discussão que eu pudesse me colocar e que ele fosse "obrigado" a rebater e, rebatendo, ele me trouxesse algumas coisas interessantes também pra pesquisa. À medida que ele falava, eu tentava puxar alguma coisa que

pudesse criar um ir e vir, mas esse ir e vir num momento um pouco tenso. Entendeu? Até que alguém intercedeu e falou assim: “Ele é assim mesmo! Ele gosta de chamar pra essa conversa, pra aquela troca...”. Alguém da mesa, não sei se foi meu novo orientador... Aí, esse membro externo da Banca se acalmou um pouco e foi mostrando alguns pontos positivos do trabalho também.

Mas eu achei um pouco complicado o seguinte: de um modo geral, as pessoas acharam o projeto um pouco fora das normas. “Não citou, não colocou o nome, não...” ou “Deveria ter citado”, etc. Parece que a forma do projeto e o conteúdo, eles mexiam com uma certa maneira de pensar, de agir, que parece que ainda não tinha sido bem digerida, ou não pôde ser bem digerida. Parece que... O rapaz falou assim: “Dessa forma que você está colocando, eu nunca vi ninguém colocar. Então, você poderia até investir mais nisso, mas com alguns cuidados, porque, às vezes, parece que você está escrevendo de uma certa forma e daqui a pouco começa de uma outra forma que a gente não entende como é que você saltou de uma coisa para outra, na forma. E aí, ou você ‘viaja total’, ou você enquadra mais”. Eu acho que isso foi uma dificuldade. Mas isso é até bom! Meu orientador acha que, e eu também acho, tem que se fazer uma opção de ser mais inteligível, e fazer uma pergunta: Pra quem eu estou escrevendo?

Com essa última indagação do orientador, comentada pelo pesquisador, também eu me indaguei: Para quem estamos escrevendo? Essa forma de escrita será lida apenas por uma pequena comunidade científica? Pelas pessoas “da área”? Como liberar essa escrita dessa forma que a encerra nos muros da academia? Como fazê-la circular e criar outras ressonâncias para além da universidade?

O relato sobre a Banca de Qualificação me deixou a princípio sem palavras. Não soube muito bem nem o que pensar... Afinal, que jogos de poder poderiam estar compondo aquele encontro? O que estaria rolando naquela “cerimônia” acadêmica, quase religiosa, de disputa de métodos? Eu não havia presenciado a Banca, mas os afetos que circularam através daquele relato me deixaram incomodada, mexida...

Como tem sido composto esse momento dos mestrados e doutorados na Universidade? Como as pessoas se têm posicionado diante do trabalho apresentado? Como o pesquisador “avaliado” tem tomado as palavras que são proferidas naquela ocasião? Esses têm sido bons encontros? Têm-se produzido e movimentado boas discussões na comunidade acadêmica sobre o processo de pesquisa e as ressonâncias produzidas em meio a esses processos?

E finalizando nosso encontro – essa entrevista tão cheia de falas, silêncios, risos, lágrimas nos olhos, e de pele arrepiando – o entrevistado falou sobre seu processo de escrita...

Eu escrevo a partir de uma relação de intercessão. Mas claro que isso não impera lá no texto o tempo inteiro! Mas, o que dispara minha escrita seria, então, essa possibilidade de pensar o que eu estou vivendo, seja na escrita do projeto, seja na... Porque a escrita do projeto tem um pouco da minha experiência lá das escolas, tem um pouco da minha pesquisa de mestrado, tem um pouco do que eu estou vivendo agora. Aí, o que acontece? Um pensamento. Você tem todos esses elementos, e isso começa a circular.

Num determinado momento, a ordem que isso, que esses elementos se encadeiam parece que sofre um atravessamento, que mexe nessa ordem, mexe no sequencial... A gente vai vivendo nesse ritmo e trabalhando com isso! E aí você tem toda essa forma de organizar o pensamento, como uma coisa mais linear, uma coisa que faça mais sentido lógico. Essas coisas ficam lá, rondando. E aí, por algum motivo, por algum encontro, alguma coisa intervém e desorganiza aquilo que você vem construindo pra poder pensar.

Aí, quando alguma coisa atravessa e dá uma mexida nessa ordem, você fala: “Pô, mas essa ordem não é a ordem, tem outra coisa”. Algo é modificado e os sentidos também se balançam, e aí você começa a escrever alguma coisa. É uma tentativa de produzir um sentido que não venha de um ordenamento lógico. Por isso essa coisa: “Ah! Vou começar por um poema”. Acho que aquilo me inspira. Todo aquele sentimento, todas essas sensações eu procuro estender pra escrita, que começa logo após um poema. Aí, lá, outras intercessões são possíveis.

Mas eu acho que meu texto ainda está muito duro. Eu chamo a arte pra eu sair do centro, da ordenação, do linear, da lógica, da representação. Tudo isso eu estou vivendo, vendo o que está acontecendo, os elementos, o que está acontecendo na escola, ou quando eu estou escrevendo o projeto. É um filme ou outro elemento que gera alguma coisa e muda tudo, como alguma coisa que chega e atravessa a produção. E eu acho que é esse o momento de começar a escrever. No poema, eu posso me soltar mais à vontade e eu tento depois manter esse espírito lá. Mais ou menos assim!

Então você já viu! É um trabalho infernal, porque você faz a pesquisa e tem aquele absurdo de material produzido. Você começa a trazer isso à tona e, quando você traz isso à tona, você vê alguns pontos que são comuns, que se tocam... Isso dá muito cansaço! Isso tudo tem que ser trabalhado, né? Não é uma questão só de pegar e enquadrar, de separar em categorias: quantas vezes as pessoas responderam as mesmas respostas... Não é nada disso. Na verdade, depois que terminou a pesquisa, sua relação é com o material, não é mais uma relação com o que você já fez. É outra relação. É outro trabalho, que vai desembocar na escrita. E isso precisa de tempo... E você deve estar pensando: “Só tenho dois anos, e agora, o que eu faço? Como é que eu vou fazer?”

2.3 POR QUE PRA ESCREVER, EU SENTO E VAI!⁴⁷



Fernando Aguiar⁴⁸

Encontramo-nos numa cafeteria. Não poderia deixar de ser! Sou uma confessa apaixonada por café! E não nos víamos havia um bom tempo, portanto, o encontro merecia um lugar especial! Um lugar em que o aroma e o sabor transformassem o momento da entrevista num saboroso e bom encontro... E assim foi!

Fiquei sabendo de sua pesquisa já há mais de um ano e comemorei com ele essa conquista. No momento em que pensei em quem convidar para participar das entrevistas, seu nome surgiu como uma possibilidade.

Telefonei e perguntei se ainda estava pela UFES. Falei sobre a pesquisa, que estava no mestrado e que gostaria de entrevistá-lo, ou melhor, de conversar com ele sobre como estava sendo essa coisa de pesquisar. Sua resposta foi afirmativa e logo marcamos data e local para nosso encontro. E ele começou assim:

Você vai gravar?

⁴⁷ Fala do pesquisador entrevistado.

⁴⁸ AGUIAR, Fernando. **Ensaio para uma nova expressão da escrita n.º 454**. 1983. Ilustração. Disponível em: http://1.bp.blogspot.com/_W4fVjR0Zzbc/SePj-89MmWI/AAAAAAAAA8/GqIFFt-nY/s400/escrita.bmp. Acesso em: 20 mar. 2010.

E eu respondi com outra pergunta: “Isto te incomoda?” Mas ele me disse:

Não... Até que não. Confio em você! É que ultimamente eu tenho dado tanta entrevista pra aluno e, quando vou ver o que foi escrito, eu percebo uma distorção clara do que eu falei, e uma manipulação horrorosa pra afirmar alguma coisa que eu nem disse.

E, assim, eu o tranquilizei: “Não se preocupe! Você será o primeiro a ter a transcrição em mãos, tal como vou fazer com os outros participantes, e um dos primeiros a quem enviarei a dissertação depois de pronta! Se tiver alguma objeção, é só me falar”.

Assim, continuamos a entrevista...

Já está gravando?

E minha resposta foi afirmativa...

Bom, meu processo de pesquisa, inicialmente ele está na escrita... Acho que baixa um “exu” em mim! Porque pra escrever, eu sento e vai!

Mas, o que eu faço com a pesquisa? Eu gosto de comprar livro, então eu compro livro quase toda semana. Só que não dá pra ler os livros, então, o que eu faço? Eu leio os capítulos. É como eu leio os livros. Quando eu vou escrever, coloco vinte livros em cima da mesa. Aí eu penso numa frase, numa coisa que me dá margem pra falar muito, e eu busco nesses livros, nos índices... Dou uma lida nos capítulos, lembrando alguns... E, em outros, procuro nos índices, procuro trechos que me ajudem a pensar aquilo que eu estou querendo dizer.

Às vezes eu me empolgo! Sabe quando eu leio muito? Pra não pegar trânsito, eu vou dar aula umas cinco da tarde, aí eu sempre pego um livro e vou lendo. Leio um capítulo, leio dois... Eu não leio o livro, quase nunca, inteiro, desses autores, teóricos. Mas o que eu faço? Eu acabo lendo de um livro um capítulo, mas aí eu já estou comprando outro. Por isso meu texto é muito “dialogogizante”. Eu pego um trecho... Quando eu estou pensando num assunto, geralmente, “bate”. Eu estou lendo um capítulo e esse capítulo “bate”, e ele me ajuda muito a escrever o que eu quero dizer. Então, às vezes, eu lanço uma citação e eu tenho muito o que dizer sobre aquilo relacionado ao meu tema.

Diante da fala dele, fiquei pensando que a escrita, definitivamente, não se compõe de um modo único, de um mesmo modo para todas as pessoas. Nem mesmo para uma mesma pessoa suas escritas se compõem da mesma forma, a cada vez que escreve. A cada parte, a cada capítulo, nossa composição pode modificar-se, e isso

em função do modo como nos tocamos por cada temática, pela forma como cada coisa “bate” para a gente – por cada corpo que nos afeta, pelo poder de afetar de que é capaz.

Uns escrevem mais rápido, outros, mais devagar. Nuns momentos, escrevemos de uma forma, em outros, de outra. Ritmos diversos, diversas também as maneiras de escrever e com o que compor. Alguns compõem à luz do dia, outros ao pôr-se o sol... Para alguns, poesia, para outros, filmes, para outros, ainda, imagens, e para tantos outros, novas leituras. Enfim, os modos como nos lançamos nesse desafio da escrita variam para cada pessoa e, também, para a mesma pessoa (ou seria essa pessoa, não mais exatamente a mesma, a cada vez, em frente à tela do computador ou em frente ao papel?).

O pesquisador entrevistado parece “devorar” os livros... Não inteiros, mas como que provando um pouco de cada “iguarria”. Vai deixando para trás restos que não lhe apeteçam. Fala das leituras e de sua escrita num ritmo voraz, e de uma forma semelhante relata-nos seu modo de pesquisar...

A pesquisa tradicional tende muitas vezes a generalizar e a classificar, então parece que o uso [que fazemos das coisas] é sempre da mesma forma. Só que, quando a gente está lá dentro [na faculdade], atuando junto com eles [os professores] no dia a dia, a gente observa pequenas táticas astuciosas que escapam a esse olhar desatento. Por exemplo, pra que serve um automóvel? É um meio de transporte. Só que lá é o único lugar que o professor tem pra dormir à tarde. Então eu fotografei eles dormindo no automóvel. Eles reinventam algo que o olhar desatento não pega. A propaganda, a ciência, sempre fala que o carro serve para transportar. Não é! Lá, ele é um lugar pra dormir. Aliás, é um lugar permitido pra dormir, porque dormir no banquinho lá “pega mal”, dormir na sala dos professores “pega mal”, dormir no chão “pega mal”. O carro, culturalmente, se tornou um lugar pra dormir, lá, à tarde. Tem um canto que eles entram, abrem a porta e dormem, já que eles vão dar aula à noite. E isso acontece nas nossas práticas também, né?

Numa maneira de falar acelerada, contínua e com poucas pausas (“para respirar”), ele seguiu seu relato sobre *um modo de criar pesquisa* posto em funcionamento...

Então, eu falo de cotidiano “menor”, já que meu método é com o cotidiano. Porque Deleuze tem lá a “filosofia menor”, e tem a “literatura menor” que fala de Kafka, e aí eu invento, lá, o “cotidiano menor”, aumentando o diálogo entre Certeau e Deleuze... Que é pra falar de um cotidiano, que é justamente esse cotidiano de resistência. É o cotidiano fora da norma, fora do padrão, fora do estereótipo, fora da normatização.

Então, o que eu faço? Eu uso os autores, eu repito o que os autores falam, isso é minha citação, só que pra produzir algo diferente, e não pra legitimar a fala deles. Por que não trazer, então, Deleuze pra produzir o que eu quero dizer? Muitos professores falam que você tem que fazer uma escolha: ou Certeau, ou Deleuze, ou Foucault. Eu acho que não. Acho que se isso vai me ajudar a pensar o que eu quero dizer, então, por que não usar? E, se for necessário, eu amplio um diálogo. Mas nunca “forçando a barra”, é claro.

“Forçar a barra” não parece mesmo ser uma boa escolha, mas fiquei pensando sobre o que já havia ouvido pelos corredores do mestrado sobre essa mistura de autores: uma ação, muitas vezes, criticada nos meios acadêmicos. Seria ela uma falta de rigor teórico? Por quê? Por qual razão se “misturam” alguns, mas não outros? Será que há abertura para a leitura e o conhecimento do resultado dessa mistura? Seria possível algumas delas darem “um bom samba”? Devemos nós nos posicionarmos contra qualquer autor, ou mistura, de antemão? E o que estamos acionando com esse modo de pensar e fazer pesquisa?

Lógico que, por todo o campo teórico, isso é importante, porque a gente está no mundo. É um local de consolidação de poder também. Embora eu acredite realmente que o poder está engendrado aí, nas microrrelações. Só que... Há o poder que a gente tenta constituir também, por meio das nossas ações.

Então o que acontece muito: se um grupo estuda Deleuze, ou faz a opção por estudar Certeau, isso fortalece. Fortalece o grupo, fortalece a fala, fortalece a pesquisa, fortalece as produções científicas, fortalece as publicações, fortalece as cadeiras, os graus de importância nas palestras nacionais, publicações, editoras... E por aí vai. Então é óbvio que a gente tem escolhas que também são políticas. Não há o que negar. Mas eu acho que essas escolhas políticas têm que ser coerentes.

Então, por que não? Já que a escolha política do grupo em que estou inserido é Certeau, por que não ampliar o diálogo com Deleuze pra produzir? Nós estamos numa era de tanto hibridismo, linguagem, tecnologia... Por que não?

Por que não? Essa pergunta seguiu comigo naquela tarde, e depois, ao escutar a gravação da entrevista, continuou a ressoar...

Num dado momento de nossa conversa, também os recursos metodológicos entraram em questão:

Uma das coisas que eu estou fazendo é fotografar. Mas a fotografia, por

exemplo... Isso às vezes parece até contraditório, porque eu mesmo falo que a fotografia está longe de ser um registro de realidade. Eu estou fotografando, mas, ao mesmo tempo, posso gravar falas. Estou gravando reuniões. Porque ali tem fragmentos de fala que me ajudam a entender esse cotidiano. Não pra encerrar num lugar fixo, mas pra falar: “Olha aí! Como é que no meio disso...”.

Às vezes a gente fala “reunião é só trabalho”. Então, quando eu gravo algumas falas, eu vejo que não! Por exemplo, uma coisa que eu descobri agora, de outubro pra cá... Eu pensava assim: “Poxa eu tô trabalhando demais, quando é que eu vou viver?” Aí o que eu descobri, de outubro pra cá, foi que a gente também vive no trabalho! O trabalho também é vida! No trabalho você também conhece a namorada, ou namorado, você fica amigo das pessoas... No trabalho você também ri, sabe? Você produz conhecimento. Você conta piada. O trabalho é um local de vida! E o trabalho não é um cotidiano repetitivo...

Então, eu tô pegando esses fragmentos de fala gravados, fotografias... E eu já comecei fotografando. E vou começar a gravar agora... E a anotar também. Tem, também, uma coisa que já está na minha tese, que é um e-mail que um colega mandou pra gente. Isso também é registro. Pra mim tudo é registro. Todo registro verbal, sonoro ou visual, que possa... Que possa... Me ajudar a falar o que eu quero dizer, eu acho que é válido.

E, em seguida, ele falou, também, sobre seu tempo de produção:

Sem tempo! Sinceramente, no mestrado eu escrevi a dissertação em um mês! Nas férias! Foi em menos de um mês. Eu produzo rápido. Eu consigo produzir rápido. A minha qualificação um, de doutorado, eu consegui escrever em três dias. Que foi de cinquenta páginas. Mas porque, realmente, eu fico “parado” muito tempo, fico lendo, esboçando um negócio, e na hora de escrever, eu sento e faço. Geralmente eu tenho as férias pra escrever... Ou a pressão. Meu horário de produção é à noite. Então, eu sempre tive facilidade pra “virar a noite”.

Em meio a essa fala, duas coisas chamaram a minha atenção: primeiro, o que o pesquisador quis dizer com a expressão ficar “parado”? Não seria essa aparente “parada” uma intensa produção de pensamento, ou o momento que a antecede? Um momento em que estamos sendo tocados, afetados pelas leituras, pelo cotidiano em que estamos mergulhados, pelas interferências dos colegas, dos professores e das orientações e que talvez ainda não tenhamos “entendido” como tudo isso nos está afetando e às nossas pesquisas? Se “a inteligência vem depois”, como nos fala Deleuze, não seria essa “parada” esse momento anterior à produção de um sentido, de um pensamento para a pesquisa e para a vida?

Também chamou a minha atenção a expressão “pressão”, utilizada pelo pesquisador. Por que tantos esperam pela “pressão” para escrever? O que se

passa? Por que nos temos lançado tanto nesse movimento, nessa forma de produzir na emergência?

Fazemos hoje nossas pendências de ontem e deixamos para amanhã o que nos cabia fazer ainda hoje. Mesmo movidos pela frase clichê de outrora: “Não deixe para fazer amanhã o que se pode fazer hoje”, não temos dado conta da avalanche de tarefas que nos são impostas. Ou mesmo, temos esperado pela “pressão” dos prazos para nos movimentarmos frente às produções em “piloto automático” – aquelas que fazemos sem gosto e sem cheiro, sem reflexão e sem sentido.

Talvez essa antiga frase clichê já não nos caiba mais (se é que um dia ela realmente nos coube...) e, penso que hoje, somos impelidos a imprimir outro ritmo de produção: “Faça hoje o que deveria ter sido entregue ontem! E faça já!”. É assim que temos funcionado... Na pesquisa, no trabalho, na vida...

E as muitas mudanças produzidas nesse percurso? Também sobre isso o entrevistado falou:

Vários colegas meus mudaram completamente a temática da pesquisa. Tem uma colega minha que estava com cem páginas e resolveu rasgar e fazer outra coisa. Pra “qualificação dois”, inclusive. Aí, em uma semana, ela escreveu a outra. Ela mudou pro que ela realmente queria dizer.

Eu tive umas duas ou três, só que minha mudança é adaptável sempre. Eu aproveito muito o que já estava escrito! Realmente, o que está escrito lá é o que eu quero dizer, o que muda às vezes é o “assunto” do que eu queria dizer. O objeto, entende? Mas o meu pensamento é aquele ali. Você pode ter um pensamento sobre qualquer objeto. Então, minha tese é feita dessa forma. O que troca é só o objeto, porque o fundamento teórico, no fim das contas, está ali. O que mudaria muito seria o seguinte: se eu estivesse há um ano e meio fazendo “semiótica estruturalista” e, de repente, resolvesse falar sobre cotidiano, aí ia mudar muito! Porque aí é a base teórica.

Minha sorte foi que, desde o primeiro período que eu entrei, em todos os semestres, eu tive aula com meu professor orientador. O que mudou, então, foi do meu pré-projeto para o começo de escrever, com relação às minhas falas. Porque, realmente, depois que você começa a ter aula, aí tem o diálogo com a turma, com o grupo, com não sei quem. Tem pequenas coisas que vão mudando.

Na minha tese, na “qualificação um”, eu vi que eu usava muito uma expressão que era: “por outro lado...”, “se por um lado não sei o que, por outro...”, então parece que existe uma dicotomia: só tem um lado ou outro. Então, são coisas que a gente vai consertando. Mas eu não tive uma

mudança muito radical, não. Foram mudanças que deram pra adaptar. Acho que, por enquanto, que eu só fiz a “qualificação um” e está com umas cinquenta páginas, eu ainda não tenho medo de mudar, não. Mas eu também não ficaria num projeto que fosse me deixar infeliz, que não fosse aquilo também... Aí eu faria de novo. Mas eu não passei por isso, não. Por enquanto está legal!

Essas são mudanças que falam dos encontros, que falam dos afetos, que falam das pesquisas – que falam, enfim, de nós... E falando de nós, me pego aqui, pensando: o que afinal nos move a pesquisar? O que nos impulsiona a assumir essa empreitada tão intensa e tão trabalhosa? E o que pode ter levado o entrevistado em questão a fazer seu doutorado?

Por que eu fiz doutorado? É pra responder a verdade ou é pra responder o que todo mundo responde? Não! Não é nada pra responder a verdade! Ninguém responde a verdade! Ninguém responde a verdade nessa pergunta, ninguém!

(Silêncio) Assim... As relações de sociabilidade são um local de poder, entendeu? Fora isso, tem a questão financeira; fora isso tem a questão mercadológica; fora isso tem a questão do ego.

Só que eu acho que não foi só por isso, não. Sinceramente... Eu vou falar de verdade! Essas questões pesaram muito. Óbvio que pesaram muito! Só que essas questões me fizeram fazer o mestrado. No mestrado é que eu vi o tanto de diferença que fez na minha profissão, que é dar aula, aquele mestrado. E o tanto que fez diferença na minha vida, no dia a dia. Fez muita diferença! Então, realmente, eu “peguei gosto” por discutir essas coisas. E eu já estava dando aula dessas coisas.

Mas eu achei o mestrado muito mais difícil. Por quê? Porque eu acho que a gente precisa de “um tempo pra ficha cair”. A gente tem uma matéria muito densa e parece que a gente não está entendendo nada. Passam dois anos e a gente está falando fluentemente do assunto. Então, o que acontece? A diferença da graduação para o mestrado, de estudo, de grau de linguagem e tudo o mais, eu acho imensa.

O que nos move ao mestrado? O que nos move ao doutorado? O que nos move a pesquisar? Mercado, dinheiro, poder, ego... O desejo de criar um sentido para aquilo que vivemos, um gosto em discutir certas coisas... De qual dessas questões podemos nos eximir? Podemos nós eximir-nos de alguma delas? Uma pausa. Um suspiro. Fiquei parada em frente ao computador, pensando por alguns instantes...

Em seguida, continuei a escuta da gravação. Ouvi mais algumas falas e, de repente, parei de novo. Nesse trecho conversávamos sobre ética. Ética e pesquisa. E eu

pensei: aí vem coisa boa! Eu perguntava ao entrevistado, o que para ele seria um atravessamento ético na pesquisa. E essa questão foi respondida de um modo “reflexivo” pelo pesquisador: falando, agora, pausadamente...

É complicado... Acho que ética seria fazer a minha pesquisa de uma forma que ela sirva pra alguma coisa que não seja prejudicar ninguém. Penso em não tomar tempo do meu orientador... Então, eu tento fazer algo honesto, algo em que eu acredito. A ética tem que ser comigo mesmo, entende? Eu não vou fazer uma pesquisa que me deixe infeliz, como eu vejo algumas pessoas fazendo neste sentido: “Ah, eu estou na página 150, mas eu nem queria falar sobre isso”. Não é o meu caso! E quando eu penso em ética é fazer uma produção que sirva pra alguém mesmo, de verdade!

É caro manter um doutorando... É o tempo do meu orientador... Ele poderia ter escolhido outra pessoa, que poderia ser a vida dela, entendeu? Eu penso nisso o tempo inteiro: em produzir algo que vá ajudar na minha profissão, a dar aula melhor... Eu acho que não sou responsável pela vida de ninguém, mas eu constituo esse universo da vida que vai se transformando, né?... Acho que ninguém muda ninguém, mas todo mundo faz parte desse universo mesmo, de mudança. Então eu sempre estou pensando nisso... Tudo o que eu faço, como a minha pesquisa, é com o cotidiano, então eu estou afetando a vida das pessoas a toda hora, não é mesmo?

Concordei... Acredito que nos afetamos uns aos outros, em cada encontro. Com pessoas, com coisas, com sons, com cheiros, com gostos... Uma experiência que perpassa todo o nosso corpo, e nos afeta. Esse encontro que tivemos me afetou. Em muita coisa modificou a mim e ao modo de pesquisar que eu vinha produzindo. E penso que também o pesquisador entrevistado tenha sido tocado por esse nosso encontro. Mas o “como tenha sido” eu não posso prever...

Então, ele finalizou a entrevista comentando como tinha sentido aquele encontro entre amigos: aquela uma boa conversa sobre pesquisa... Sobre os processos do pesquisar...

Na maioria das vezes, eu esqueci que a gente estava gravando, porque eu estava conversando com a minha amiga, sabe? Talvez o único momento em que eu hesitei (em falar), foi na pergunta do motivo de entrar no doutorado, porque realmente muitas pessoas têm o motivo de entrar, que é esse, né? Poder, mercado, ego... Mas, eu acho que todo mundo tem um pouco disso também...

CARTA 4

UM MODO DE PENSAR PESQUISA

Zoltan Kemeny⁴⁹

São nove horas da manhã. Estou andando pelo campus da UFES, gravando o som da minha voz... Algumas palavras, pensamentos soltos... Neste momento, posso ouvir o som dos meus passos... Ora estou num trajeto mais ou menos definido e acimentado (a passarela construída pela universidade), ora estou andando em meio ao gramado, pisando em folhas e desviando de algum buraco no chão (um caminho por mim improvisado). Agora, parei um pouco. Olho para o lado e vejo a biblioteca. Gosto de lá. Não sei bem o porquê, mas gosto de estar entre os livros. Sinto-me aconchegada, bem acompanhada... Olhando para o outro lado, vejo o prédio da Psicologia. É pra lá que estou indo... Começo a caminhar novamente. Agora, um pouco mais rápido, pois tenho uma aula do mestrado pra assistir. Depois de alguns segundos caminhando, comecei a me lembrar mais uma vez das entrevistas que realizei... Já ouvi os áudios. Já transcrevi as conversas... E agora? Que pergunta me move diante do que vivi e do material que produzi? Uma sensação de angústia, de ansiedade, uma inquietude... Pronto! Cheguei ao prédio da Psicologia. Vou desligar o gravador de voz para entrar na sala. Mas vou levar esse questionamento comigo, pelo menos, pelo restante deste dia...⁵⁰

⁴⁹ KEMENY, Zoltan. **Fluctuations**. 1959. Escultura. Disponível em: <http://picasaweb.google.com/lh/photo/c4DzTfHMBu9SRX4EdvqGDA>. Acesso em: 15 mar. 2010.

⁵⁰ Diário de Campo, 2009. Gravado em áudio e, posteriormente, transcrito para o computador.

E levei comigo. Não apenas pelo restante do dia em questão, mas pelo restante da produção da pesquisa. Levei comigo uma pergunta que me marcou e me conduziu na escrita da dissertação. Um questionamento que convocou autores e conceitos, e que provocou em mim *um modo de pensar pesquisa*: **afinal, o que é isso, o processo de pesquisar?**

4.1 PRODUZINDO PESQUISAS – UM PROCESSO QUE GANHA CORPO



Body Art de Kim Joon⁵¹

Afinal, como “acontece” esse *processo de pesquisar*? O que é isso? Que movimento é esse que produzimos em determinado “espaço de tempo” (sejam dois ou quatro anos) e que chamamos *pesquisa*? O que se passa em nós, em meio a nós, e que nos impulsiona, e que nos faz criar, tal como uma forte onda do mar, que se vai fazendo, ganhando forma, “encorpando”, até “arrebentar” próximo à areia?

⁵¹ JOON, Kim. [Sem Título]. [19--]. 1 fotografia, color. Body Art. Disponível em: <http://blogdonuppi.blogspot.com/2009/04/body-art-de-kim-joon.html>. Acesso em: 15 mar. 2010.

Neste momento, sentada em frente ao computador, escrevendo a dissertação e sentindo a aproximação da data da defesa, percebo que: quando nos aproximamos dessa “arrebentação”, diferentes e estranhas sensações parecem invadir nosso corpo e parecem transformar-nos, em meio a um mar de acontecimentos... Por vezes, pequenos... Porém intensos!

Mas, afinal, o que se passa conosco nesse processo? Como é que vivenciamos tantas sensações, e como é que elas nos constituem como pesquisadores, fazendo-nos acionar um modo de pesquisar?

Acredito que certas questões afetam-nos, rondam nosso pensamento – produzem um pensamento. Formamos, então, frases, que transbordam em nosso próprio corpo. Frases que vão compondo, no papel, isso que denominamos *pesquisa*...

Todo sujeito vivo é primeiramente um sujeito afetado, um sujeito que sofre de suas afecções, de seus encontros, da alteridade que o atinge, da multidão de estímulos e excitações, que cabe a ele selecionar, evitar, escolher, acolher...⁵²

Assim, nosso corpo parece ser afetado, a cada momento – em cada encontro – por outros corpos: por estímulos e excitações, pela luz e pelos sons... Pelas *coisas* e pelas *palavras*. E de que corpo estamos falando? Corpo do pesquisador? Corpo da escrita? Pesquisa como corpo? E como pensamos, aqui, essa palavra *corpo*?

Para nos ajudar a pensar essa questão, convidamos Deleuze e Espinosa, para compor nossa conversa – esta carta. Pensando corpo como palavra, pensando corpo como conceito. E comecemos assim...

Para Deleuze⁵³, Espinosa define um corpo – um corpo qualquer – de duas maneiras: por suas relações de repouso e de movimento (de velocidades e de lentidões entre partículas: a individualidade de um corpo); e por seu poder de afetar e de ser afetado (o que também define sua individualidade). São duas proposições: uma cinética e outra dinâmica.

⁵² PELBART, Peter Pál . O corpo do informe. In: FONSECA, Tania Mara Galli; ENGELMAN, Selda. (Org.). **Corpo, arte e clínica**. 1 ed. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004, p. 45.

⁵³ DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002, p. 128.

A proposição cinética, que define um corpo por suas relações de movimento e de repouso, não se define por uma forma ou mesmo por funções; são as formas e as funções de um corpo que dependerão dessa relação de velocidades e de lentidões: “é pela velocidade e lentidão que a gente desliza entre as coisas, que a gente se conjuga com outra coisa”.⁵⁴

Tampouco definimos um corpo como uma substância ou um sujeito. Para Espinosa, os corpos e as almas não são sujeitos, nem substâncias, mas *modos*. E um modo é, justamente, uma relação complexa de velocidade e de lentidão (elementos não formados), no corpo, mas também no pensamento. Ademais, é um poder de afetar e de ser afetado (estados intensivos de uma força anônima, de uma força de existir. Do corpo e do pensamento).

Definimos, portanto, corpo e pensamento (o tão falado “corpo e alma”) pelos afetos de que é capaz: com um limiar máximo e um limiar mínimo. Eis a ética de Espinosa. Não uma moral, um conjunto de regras e valores transcendentais e abstratos, mas uma composição das velocidades e das lentidões, dos poderes de afetar e de ser afetado, nesse plano de imanência⁵⁵.

Para Espinosa nada é separável de suas relações com o mundo. Nem pesquisador, nem pesquisa. O interior é um exterior selecionado, e o exterior é um interior projetado: “a velocidade ou a lentidão dos metabolismos, das percepções, ações e reações entrelaçam-se para constituir tal indivíduo no mundo”.⁵⁶ Um corpo, deste modo, pode ser qualquer coisa. Pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma ideia, uma coletividade, ou, mesmo, uma pesquisa...

O conjunto das velocidades e lentidões, do poder de afetar e de ser afetado constitui a natureza de um corpo, seu plano de imanência ou de consistência – sempre

⁵⁴ DELEUZE, 2002, p. 128.

⁵⁵ O plano de imanência ou de consistência define-se pelo processo de composição captado por si mesmo, mediante o que ele dá, naquilo que ele dá. É um plano de composição. Não de organização ou de desenvolvimento. Um plano onde não há mais formas, mas apenas relação de velocidade entre partículas de uma matéria não formada; e não há sujeito, mas apenas estados afetivos individuantes de uma força anônima, uma força de existir (DELEUZE, 2002, p. 133).

⁵⁶ DELEUZE, 2002, p. 130.

variável, e que não cessa de ser composto e recomposto pelos indivíduos e pelas coletividades.

Além disso, Espinosa também nos alerta sobre nós não sabermos *o que pode um corpo*: “Falamos da consciência e de seus decretos, da vontade e de seus efeitos, dos mil meios de mover o corpo, de dominar o corpo e as paixões – mas nós nem sequer sabemos de que é capaz um corpo”.⁵⁷ E por que não o sabemos, tagarelamos...

“Ninguém, na verdade, até o presente, determinou o que pode o corpo, isto é, a experiência não ensinou a ninguém, até o presente, o que [...] o corpo pode fazer e o que não pode fazer”.⁵⁸ Dessa forma, também nós, não podemos prever o que nossas pesquisas – enquanto corpo – são capazes em seu poder de afetar e de ser afetadas em meio a esses processos de composição.

Talvez neste momento, você, caro leitor, esteja se perguntando: “e o que seriam os tais *encontros de corpos*, em meio à composição das pesquisas? Em que se constituiriam? E o que se passaria em meio a eles?”.

Pois bem! Continuemos assim...

Quando um corpo encontra outro corpo, quando uma idéia encontra outra ideia, tanto pode acontecer que as duas relações se componham para formar um todo mais potente, quanto pode acontecer que um decomponha o outro e, assim, destrua a coesão de suas partes. A ordem das causas é, então, uma ordem de composição e de decomposição de relações.

Assim, nosso corpo, e também nosso pensamento, encontra em meio à composição da pesquisa, outros corpos... Encontra os cheiros, os sons e as cores. A sala de aula, o caderno e o computador. O grupo de estudo e de orientação, e o orientador. Mas, também, os livros, os filmes, os trajetos percorridos... Encontra tudo aquilo,

⁵⁷ DELEUZE, 2002, p. 23-24.

⁵⁸ ESPINOSA, Baruch de. Ética, In:_____. **Coleção “Os Pensadores”**. Traduções de Marilena de Souza Chauí [et al.]. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 180.

enfim, que compõe e que decompõe conosco. E, também, com nossas pesquisas.

A questão que se coloca, porém, é que nós recolhemos apenas os *efeitos* dessas composições e decomposições: sentimos alegria quando um corpo se encontra com o nosso e com ele se compõe, quando uma ideia se encontra com a nossa e com ela se compõe; e sentimos tristeza quando um corpo ou uma ideia ameaça nossa própria coerência.

Encontramo-nos, pois, numa tal situação que recolhemos apenas o que *acontece* ao nosso corpo e à nossa “alma”.⁵⁹ Ou melhor, recolhemos apenas o *efeito* de um corpo sobre o nosso, e de uma ideia sobre a nossa. “Digo expressamente que a alma não tem um conhecimento adequado, mas apenas um conhecimento confuso e mutilado de si mesma e do seu corpo e dos corpos exteriores”.⁶⁰

Ainda com Deleuze, e considerando que a consciência recolhe apenas efeitos, afirmamos, então, que ela passa a suprir sua ignorância invertendo a ordem das coisas: tomando os efeitos por suas causas – um efeito de um corpo sobre o nosso, ela converte em causa final da ação do corpo exterior, fazendo, assim, desse efeito, a causa final de suas próprias ações.

E a consciência vai, desse modo, constituindo-se como uma espécie de *sonho de olhos abertos*.⁶¹ Constituindo-se como *passagem* – como um sentimento de passagem das totalidades mais poderosas às menos poderosas (em meio às composições e decomposições), e também, inversamente. A consciência apresenta-se, assim, como puramente transitória...

O objeto que convém à minha natureza determina-me a formar uma totalidade superior que nos inclui, a ele e a mim. Aquilo que não me convém compromete a minha coesão e tende a dividir-me em subconjuntos que, em última instância, entram em relações inconciliáveis com minha relação constitutiva.⁶²

⁵⁹ O corpo é um modo da extensão. O espírito (ou alma, ou ideia), um modo do pensamento. E toda coisa é corpo e espírito simultaneamente, ou seja, coisa e idéia (DELEUZE, 2002, p. 73).

⁶⁰ ESPINOSA, 1979, p. 158.

⁶¹ DELEUZE, 2002, p. 26.

⁶² Ibid., p. 27.

E assim, “não tendemos para uma coisa porque a julgamos boa; mas ao contrário, julgamos que uma coisa é boa porque tendemos para ela”...⁶³ O bom existe quando um corpo compõe diretamente a sua relação com o nosso, e com toda, ou com uma parte de sua potência, aumenta a nossa. E o bom e o mau apresentam-se como aquilo que convém ou não à nossa natureza e à natureza de nossas pesquisas – como nos sugere Deleuze.

Como, então, organizar encontros, em meio à produção das pesquisas, que componham conosco relações combináveis, e que aumentem, assim, nossa potência de agir e a potência de nossas próprias pesquisas – como corpo – em seu poder de afetar? E como evitar viver ao acaso dos encontros, sofrendo as consequências de nossa própria impotência?

Para Espinosa, a moral relaciona sempre a existência a valores transcendentais, e ele nos propõe substituí-la por uma ética como tipologia dos modos de existência *imanescentes*, onde a oposição dos valores bem/mal é substituída pela diferença qualitativa dos modos de existência bom/mau. E são, justamente, esses modos – que acionamos em meio às nossas pesquisas, em meio aos encontros que realizamos – que devemos problematizar.

Há, efetivamente, em Espinosa, uma filosofia da “vida”: ela consiste precisamente em denunciar tudo o que nos separa da vida, todos esses valores transcendentais que se orientam contra a vida, vinculados às condições e às ilusões da nossa consciência.⁶⁴

Percebamos que a lei de valores transcendentais, moral ou social, não nos força a produzir sentidos, não abala o senso comum, e não nos tira dos clichês da pesquisa e das ilusões da nossa consciência. A lei não nos traz, portanto, conhecimento algum – não dá nada a conhecer – e não nos ajuda a inventar e a criar. Para Espinosa, a lei é sempre uma *instância transcendente*, e o conhecimento que produzimos em meio às pesquisas é sempre uma *potência imanente*. E o que pensar, então, sobre esse conhecimento que produzimos? Deleuze⁶⁵ afirma que o conhecimento produzido pode apresentar-se em três gêneros, que correspondem a

⁶³ DELEUZE, 2002, p. 26.

⁶⁴ Ibid., p. 32.

⁶⁵ DELEUZE, Gilles. Spinoza e as três éticas. In:_____. **Crítica e Clínica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997b. p. 156.

modos de existência e de expressão: os Signos ou afectos; as Noções ou conceitos; e as Essências ou perceptos.

O conhecimento, em seu sentido mais básico, forma-se a partir do Signo, ou seja, do afecto – daquilo a que Espinosa denomina “ideia-afecção”. Mas o que seria isso? A afecção é, justamente, o estado de um corpo quando sofre a ação de outro corpo. É o *efeito*, ou seja, a ação de um corpo sobre outro. A “ideia-afecção” registra passivamente os afectos dos corpos, e diz-nos mais sobre o atual estado de nosso corpo do que sobre a causa desse estado. “Conhecemos nossas afecções pelas idéias que temos, sensações ou percepções, sensações de calor, de cor, percepção de forma e de distância [...]”.⁶⁶

Esse primeiro gênero do conhecimento, que se apresenta como um conhecimento por signos,⁶⁷ indica a natureza do corpo afetado e envolve a natureza do corpo afetante. É um conhecimento obtido mediante “ideias inadequadas”, isto é, ideias separadas da causa do encontro dos corpos: ideias da imaginação. Os afectos que acompanham tais ideias denominam-se passivos e são eles: a tristeza e a alegria. E são, a bem dizer, paixões...⁶⁸

“O próprio da paixão, em qualquer caso, consiste em preencher a nossa capacidade de sermos afetados, separando-nos ao mesmo tempo de nossa capacidade de agir, mantendo-nos separados desta potência”.⁶⁹

Esse conhecimento por afecções – pelos atributos das substâncias, pelas modificações do modo, pelos efeitos de outros modos sobre este – corresponde a um *conhecimento representativo*, pois nele os afectos indicam, tão-somente, que estamos suscetíveis à variação de nossa potência de agir. E assim, tal conhecimento deixa-nos relegados ao *acaso dos encontros*⁷⁰.

⁶⁶ DELEUZE, 1997b, p. 156.

⁶⁷ “Em um primeiro sentido, signo é sempre a idéia de um efeito captado em condições que o separam de suas causas”. Os signos são indicativos, são efeitos de mistura, e mostram, primariamente, o estado de nosso corpo e, secundariamente, a presença do corpo exterior (DELEUZE, 2002, p. 111).

⁶⁸ CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. **Espinosa: alegria e inteligência**. 2008. Disponível em: http://www.alegrar.com.br/05/TEXTOS_A_05/Espinosa.pdf. Acesso em: 25 mar. 2009.

⁶⁹ DELEUZE, 2002, p. 33.

⁷⁰ CARDOSO JUNIOR, 2008.

É bom deixar claro, que o *poder de ser afetado* se apresenta como uma *potência de agir* na medida em que se supõe preenchido por afecções ativas. E, diferentemente, apresenta-se como potência de padecer quando é preenchido por paixões: alegres ou tristes.

Porém, fazemos aqui uma importante ressalva: quando as paixões que nos afetam são de alegria, nossa potência de agir é ampliada ou favorecida, mas, mesmo assim, essa alegria ainda se compõe como uma paixão, visto que tem uma causa exterior, ou seja, ainda permanecemos separados de nossa potência de agir (não a possuímos formalmente). Essa potência de agir, contudo, não deixa de aumentar de modo proporcional, aproximando-nos, por assim dizer, do ponto de transmutação que nos tornaria senhores dela e, por isso, dignos de ação – dignos de alegrias ativas.⁷¹

Como, então, poderíamos escapar desses afetos passivos e nos aproximarmos de tal ponto de transmutação, já que essa parece ser a nossa condição de conhecimento deste mundo? Para Espinosa, há sim, um meio de lançarmo-nos em outra forma de produção...

Segundo Deleuze⁷², Espinosa afirma que, quando nossa potência de agir aumenta, isso significa que estamos relativamente menos separados dela. Do mesmo modo, quando nossa potência de agir diminui, isso quer dizer que estamos formalmente mais afastados dela.

[...] a tristeza não torna ninguém inteligente. Na tristeza estamos arruinados. É por isso que os poderes têm necessidade de que os súditos sejam tristes. [...] Quando vocês têm um afeto triste, é porque um corpo age sobre o seu, uma alma age sobre a sua em condições tais e sob uma relação que não convém com a sua.⁷³

Tomados por afetos tristes permanecemos presos à formação das ideias-afecções, das tais “ideias inadequadas”. E essas ideias não nos dão a conhecer as causas, mas apenas os efeitos dos encontros que vivenciamos. Contudo, quando

⁷¹ DELEUZE, 2002, p. 34.

⁷² Ibid., p. 34.

⁷³ Ibid., p. 34.

experimentamos uma alegria e sentimos que essa alegria nos concerne, que ela concerne a algo importante quanto às nossas relações principais, então podemos servir-nos dela como de um trampolim. Um trampolim que nos ajuda a formar uma “ideia-noção”: uma ideia que nos faz pensar “em que o corpo que me afeta e o meu convêm entre si”.⁷⁴ Esse tipo de ideia, essa “noção comum”, apresenta-se como a ideia de alguma coisa que é comum a todos os corpos ou a muitos corpos, e que é comum ao todo e às partes.

E o que é comum, afinal, a todos os corpos? Deleuze⁷⁵ apresenta-nos, por exemplo, a condição dos corpos de movimento e repouso. E, como não existe um único corpo que não seja ele mesmo, muitos, Deleuze afirma ainda, que há “noções comuns” *em cada corpo*.

Quando chegamos a ter uma noção comum sobre em que ponto nossa relação compõe com tal pessoa – ou com um livro, por exemplo –, enfim podemos afirmar: “compreendi alguma coisa sobre essa relação”. Mas, em que isso importa a nós, em meio às pesquisas que criamos, em meio às nossas produções? Importa pensarmos que é preciso fazer os encontros que nos convêm. Importa sabermos que é preciso criar os bons encontros. E que assim, criando bons encontros, criamos novos possíveis e novas formas de viver.

O mais belo é viver nas bordas, no limite do seu próprio poder de ser afetado, à condição de que seja o limite alegre, pois há o limite de alegria e o limite de tristeza; mas tudo o que excede o seu poder de afetar é feio. Relativamente feio...⁷⁶

Relativamente, porque o que pode ser mau para um, pode não o ser para outro, e vice-versa... “Homens diferentes podem ser diversamente afetados por um só e mesmo objeto; e um só e mesmo homem pode, em tempos diferentes, ser afetado diversamente por um só e mesmo objeto”.⁷⁷ O corpo humano é, portanto, afetado pelos corpos exteriores de maneiras muito diversas...

⁷⁴ DELEUZE, Gilles. Spinoza, Cours Vincennes. 1978. Tradução de Francisco Traverso Fuchs. Disponível em: <http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=194&groupe=Spinoza&langue=5>. Acesso em: 18 abr. 2009.

⁷⁵ Ibid.

⁷⁶ Ibid.

⁷⁷ ESPINOSA, 1979, p. 206.

“Além disso, como cada um julga, segundo a sua afecção, o que é bom, o que é mau, o que é melhor e o que é pior, daí se segue que os homens podem diferir tanto pelo juízo como pelas afecções”.⁷⁸

Esse trabalho de pensar o que nos convém a cada encontro, Deleuze afirma ser um trabalho de vida, e para toda a vida... “A única coisa que conta são as maneiras de viver. A única coisa que conta é a meditação da vida, e a filosofia só pode ser uma meditação da vida”.⁷⁹ A formação dessas noções comuns, que não são ideias abstratas, mas que são regras de vida – regras *coletivas*, e que remetem sempre a uma coletividade – dá-nos, então, a posse da nossa potência de agir. E essas ideias constituem, portanto, o segundo gênero de conhecimento, para Espinosa.

Mas para além das relações características existe ainda o mundo das essências singulares. Então, quando formamos aqui idéias que são como puras intensidades, onde minha própria intensidade irá convir com a intensidade das coisas exteriores, nesse momento se dá o terceiro gênero [...]. Nesse momento, o amor que vocês têm por si mesmos é ao mesmo tempo, como diz Spinoza, o amor às outras coisas.⁸⁰

Acima das noções comuns forma-se o terceiro gênero do conhecimento: a *Essência*. Uma essência *singular*, que corresponde ao nosso grau de potência, ou seja, aos nossos limites de intensidade. Espinosa, então, apresenta-nos a palavra “beatitude”, ou afeto ativo (ou autoafeto). Algo que continua sendo muito concreto, mas que diz de um mundo de intensidades puras...

Diante dessa forma de pensar o conhecimento que produzimos em meio às pesquisas, questionamo-nos sobre: o que, afinal, nos move a criar *noções comuns*, ou até mesmo, produzir conhecimentos de terceiro gênero (as tais *essências*)?

Como escapar dos afetos passivos e produzir um conhecimento que não seja apenas representativo? Que força é essa que nos impulsiona, e que nos *força a pensar* em meio aos encontros que realizamos? E como isso ocorre?

⁷⁸ ESPINOSA, 1979, p. 206.

⁷⁹ DELEUZE, 1978.

⁸⁰ Ibid.

4.2 PRODUZINDO PESQUISAS... PRODUZINDO PENSAMENTOS.



Guilherme de Santa-Rita⁸¹

Dizem-nos que o pensador, enquanto pensador, quer e ama o verdadeiro [...]; que o pensamento como pensamento possui ou contém formalmente o verdadeiro [...]; que pensar é o exercício natural de uma faculdade, que basta então pensar “verdadeiramente” para pensar com verdade [...]. Dizem-nos também que somos desviados do verdadeiro por força; estranhas ao pensamento (corpo, paixões, interesses sensíveis). Por não sermos apenas seres pensantes, caímos no erro, tomamos o falso pelo verdadeiro. [...] Dizem-nos finalmente que basta um método para pensar bem, para pensar verdadeiramente. O método é um artifício pelo qual reencontramos a natureza do pensamento, aderimos a essa natureza e conjuramos o efeito das forças estranhas que a alteram e nos distraem. Pelo método nós conjuramos o erro. Pouco importa a hora e o lugar se aplicamos o método: ele nos faz penetrar no domínio do “que vale em todos os tempos, em todos os lugares”.⁸²

Eis uma imagem do pensamento, uma espécie de “modelo”, de “modo” de pensar o pensamento. Eis, portanto, um modo de pensar pesquisa, de pensar produção de conhecimento e de pensar vida...

⁸¹ SANTA-RITA, Guilherme de. **Cabeça**. 1910. Pintura. Disponível em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/5c/Guilherme_de_Santa-Rita_001.jpg/408px-Guilherme_de_Santa-Rita_001.jpg. Acesso em: 15 mar. 2010.

⁸² DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976, p. 49.

Um modo que assume e afirma o “verdadeiro” como universal abstrato, e que não o relaciona com as forças que ele supõe como pensamento (com as forças reais que fazem o pensamento).

“Ora, não há verdade que, antes de ser uma verdade, não seja a efetuação de um sentido ou a realização de um valor”.⁸³ “Tudo depende do valor e do sentido do que pensamos”, afirma-nos Deleuze, a propósito de Nietzsche. Temos, portanto, as verdades que merecemos em função do sentido daquilo que concebemos (do valor daquilo em que acreditamos), pois um sentido pensável ou pensado é sempre efetuado na medida em que as forças que lhe correspondem no pensamento se apoderam também de alguma coisa fora do pensamento.

O pensamento não pensa por si mesmo, assim como também não encontra por si mesmo o “verdadeiro”. A verdade de um pensamento deve ser sempre avaliada segundo as forças que o determinam a pensar. Quando nos falamos da verdade “simplesmente”, devemos perguntar: Que forças se escondem no pensamento daquela verdade?

O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas.⁸⁴

As verdades já cristalizadas apresentam-se como algo que: “*todo mundo sabe, ninguém pode negar*”⁸⁵. Mas, para Deleuze, é justamente porque todo mundo “pensa naturalmente” que se presume que todo mundo saiba, implicitamente, o que quer dizer *pensar*.

Esse modo da representação está, pois, no elemento do senso comum como

⁸³ DELEUZE, 1976, p. 49.

⁸⁴ NIETZSCHE, Friedrich W. Obras incompletas. In:_____. **Coleção “Os Pensadores”**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 48.

⁸⁵ DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006, p. 190.

natureza reta e de boa vontade, e constitui-se, assim, como uma “Imagem” do pensamento. Uma imagem *pré-filosófica e natural*, tirada do elemento puro do senso comum. Uma imagem sobre a qual se presume que cada um saiba o que significa pensar...

A imagem dogmática do pensamento oculta o trabalho das forças estabelecidas que determinam o pensamento como ciência pura, o trabalho dos poderes estabelecidos que se exprimem idealmente no verdadeiro tal como ele é em si.⁸⁶

Pela imagem dogmática, tudo o que se opõe ao pensamento tem apenas um efeito: induzi-lo ao erro. E o conceito de erro exprimiria, portanto, o que pode acontecer de pior. O bom senso e o senso comum são, então, tomados como a determinação do pensamento puro, sendo, por conseguinte, próprio do sentido, prejudicar sua própria universalidade e postular-se como universal de direito. Para reencontrar esse direito, seria preciso apenas um método – um método explícito.

Em meio às nossas pesquisas, por vezes, seguimos produzindo “novas verdades”. Verdades que são garantidas por seus métodos: pela metodologia que utilizamos e a que devem obedecer. Essas produções são percebidas como novas, porém elas não contestam, não derrubam, e nem mesmo fazem balançar o que está estabelecido...

Mas, ao contrário, há alguém, mesmo que seja apenas um, com a modéstia necessária, que não chega a saber o que todo mundo sabe e que nega modestamente o que se julga ser reconhecido por todo mundo. Alguém que não se deixa representar e que também não quer representar quem quer que seja. Não um particular dotado de boa vontade e de pensamento natural, mas um singular cheio de má vontade, que não chega a pensar nem na natureza e nem no conceito.⁸⁷

Mergulhado neste modo de pensar: cheio de “má vontade”, Deleuze afirma, com Nietzsche, uma nova imagem do pensamento. Uma imagem na qual o “verdadeiro” não é o seu elemento, mas o *sentido* e o *valor*... “Em lugar de um conhecimento que se opõe à vida, um pensamento que *afirme* a vida. A vida seria a força ativa do pensamento, e o pensamento seria o poder afirmativo da vida”.⁸⁸

⁸⁶ DELEUZE, 1976, p. 49.

⁸⁷ DELEUZE, 2006, p. 191.

⁸⁸ DELEUZE, 1976, p. 48.

Pensar ativamente constitui-se, portanto, como “agir de maneira intempestiva”, contra o tempo e, por isso mesmo, sobre o tempo. É colocar o pensamento no elemento do sentido e do valor, fazendo-o como pensamento ativo. É produzir, enfim, uma nova imagem do pensamento, ou, quem sabe?, um pensamento sem imagem.

“‘Todo mundo’ bem sabe que, de fato, os homens pensam raramente e o fazem mais sob um choque do que no elã de um gosto”...⁸⁹ Assim, “pensar depende das forças que se apoderam do pensamento”,⁹⁰ e enquanto nosso pensamento é ocupado por forças reativas, é preciso confessar que ainda não pensamos, que continuamos esperamos pelas forças capazes de fazer do pensamento algo absolutamente ativo, capaz de fazer dele uma *afirmação*.

Pensar como atividade, mas como um extraordinário acontecimento no próprio pensamento e para o próprio pensamento. Pensar à enésima potência, para que o pensamento se torne, então, “leve”, “afirmativo”, “*dançarino*”... Pensar, dessa forma, significaria inventar *novas possibilidades de vida*... Novos modos de viver e de pesquisar. Mas o pensamento nunca exerceria essa potência, se as forças não exercessem sobre ele uma *violência*: “[...] é preciso que uma violência se exerça sobre ele enquanto pensamento, é preciso que um poder *force-o a pensar*, lance-o num devir ativo”.⁹¹

Podemos, então, distinguir duas espécies de coisas: as que deixam o pensamento tranquilo e aquelas que o forçam a pensar. As primeiras são objetos da reconhecimento, e o pensamento e todas as suas faculdades mentais podem aí encontrar um pleno emprego. O pensamento pode aí ocupar-se, mas essa ocupação e esse emprego não têm nada a ver com pensar: “[...] as coisas certas, tanto quanto as duvidosas, não forçam a pensar”...⁹² Faltaria, assim, uma garra, que seria a da necessidade absoluta, uma violência original feita ao pensamento: uma estranheza, uma inimizade...

⁸⁹ DELEUZE, 2006, p.193.

⁹⁰ DELEUZE, 1976, p. 51.

⁹¹ Ibid., p. 51.

⁹² DELEUZE, 2006, p. 202.

[...] tanto quanto só há pensamento involuntário, suscitado, coagido no pensamento, com mais forte razão é absolutamente necessário que ele nasça, por arrombamento, do fortuito no mundo. O que é primeiro no pensamento é o arrombamento, a violência [...].⁹³

Deleuze⁹⁴ afirma, então, que é apenas quando sofremos uma espécie de “violência” que somos levados a buscar/construir sentidos para aquilo que vivemos. E é, precisamente, essa violência de um signo que força o nosso pensamento a pensar...

As condições de uma verdadeira crítica e de uma verdadeira criação são as mesmas: destruição da imagem de um pensamento que pressupõe a si própria, gênese do ato de pensar no próprio pensamento.⁹⁵

Essas produções de pensamento não resultam, portanto, de uma boa vontade prévia. “Há no mundo alguma coisa que força a pensar. Este algo é o objeto de um encontro fundamental e não de uma reconhecimento”.⁹⁶ E esse algo pode ser apreendido sob tonalidades afetivas diversas: tais como admiração, ódio, amor... Porém, ele só pode ser: *sentido*. E dessa forma, ele se opõe à reconhecimento, pois, na reconhecimento, o sensível nunca é o que só pode ser sentido, mas é também o que pode ser lembrado, imaginado, concebido. O objeto da reconhecimento pressupõe, pois,

[...] o exercício dos sentidos e o exercício de outras faculdades num senso comum. O objeto do encontro, ao contrário, faz realmente nascer a sensibilidade no sentido. [...] Não é uma qualidade, mas um signo. Não é um ser sensível, mas o ser do sensível. Não é o dado, mas aquilo pelo qual o dado é dado.⁹⁷

E o sentido depende, portanto, da ocorrência de um encontro, depende de algo que “mexa” conosco e que nos force a pensar... E é o signo, ele mesmo, o objeto desse encontro, é ele que exerce sobre nós essa violência.

Deleuze afirma que, de qualquer forma, quando aprendemos sobre algo, é sempre por intermédio dos signos, não pela assimilação de conteúdos objetivos – não aprendendo a fazer *como* alguém, mas aprendendo a fazer *com* alguém... “As significações explícitas e convencionais nunca são profundas; somente é profundo o

⁹³ DELEUZE, 2006, p. 202-203.

⁹⁴ DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Tradução de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 16.

⁹⁵ DELEUZE, 2006, p. 203.

⁹⁶ Ibid., p. 203.

⁹⁷ Ibid., p. 203.

sentido, tal como aparece encoberto e implícito num signo exterior”.⁹⁸ A violência do encontro é, portanto, primeira. E a inteligência, a produção de um sentido, de uma noção comum, é sempre secundária. Ela vem sempre depois...

Em primeiro lugar, é preciso sentir o efeito violento de um signo, e que o pensamento seja como que forçado a procurar o sentido do signo. [...] é a inteligência, apenas ela, que é capaz de tornar possível o esforço do pensamento, ou de interpretar o signo; é ela que o encontra, contanto que venha “depois”.⁹⁹

Confirmamos, portanto, e mais uma vez, que o que nos força a pensar é o signo: o signo como objeto de um encontro. Mas é precisamente a contingência do encontro que garante a necessidade daquilo que ele faz pensar. O ato de pensar não decorre, portanto, de uma simples possibilidade natural; é, ao contrário, a única criação verdadeira. “Procurar a verdade é interpretar, decifrar, explicar, mas esta 'explicação' se confunde com o desenvolvimento do signo em si mesmo”.¹⁰⁰ Deleuze afirma, ainda, que, se o pensamento tem o poder de explicar o signo, de desenvolvê-lo em uma ideia, é porque essa ideia já estava lá, presente no signo em questão...

O signo sensível nos violenta: mobiliza a memória, põe a alma em movimento; mas a alma, por sua vez, impulsiona o pensamento, lhe transmite a pressão da sensibilidade, força-o a pensar a essência como a única coisa que deve ser pensada.¹⁰¹

E assim, “[...] não há Logos, só hieróglifos”...¹⁰² As essências são, ao mesmo tempo, a coisa a traduzir e a tradução, o signo e o sentido. As essências enrolam-se no signo para nos forçar a pensar e se desenrolam no sentido para serem necessariamente pensadas. Mas é preciso ser dotado para os signos, predispor-se ao seu encontro, expor-se à sua violência... Por vezes nos fechamos a essas afetações: aos encontros e aos signos que eles emanam. Por vezes anestesiámos nosso corpo de pesquisador e produzimos uma espécie de “coma” na pesquisa...

Corpos adormecidos, para que não estremeçam diante do vivido. Corpos silenciados, para que não interfiram nas “escolhas acertadas” que “devem fazer”: escolha pelo que está pronto, pelos clichês a serem reproduzidos. Mas sob essa

⁹⁸ DELEUZE, 1987, p. 16.

⁹⁹ Ibid., p. 23.

¹⁰⁰ Ibid., p. 17.

¹⁰¹ Ibid., p. 100.

¹⁰² Ibid., p. 100.

violência somos forçados, pressionados e coagidos a pensar. E, por vezes, vertiginosamente, despertamos nosso corpo adormecido. Não por uma boa vontade, mas por uma estranha sacudida que, de início, nem sabemos de onde vem. Sacudidas violentas, que nos reanimam e que nos trazem de volta à vida.

No momento da escrita da pesquisa – seja para a Qualificação: “o Projeto”, seja para a Defesa, “a Dissertação” –, somos forçados/pressionados a olhar para todo aquele material produzido (um material ainda “desconexo”, meio “sem sentido”, meio sem “liga”). E precisamos, então, dar-lhe corpo – um sentido, um valor...

Mas é preciso que se produza um corpo que não seja composto por peças prontas para serem encaixadas, tal como um quebra-cabeças de partes predeterminadas. É necessário que se produza um corpo com madeira “reaproveitada”... Pedacos soltos, vindos de outros corpos – daqui e dali –, cheios de arestas e curvaturas que não se permitam um fácil encaixe. Dessa forma, o pesquisador pode produzir suas peças, uma a uma, criando-as e encaixando-as, flexivelmente, a fim de que permaneçam entre elas fendas que permitam ao corpo do texto “respirar”... E reinventar-se a cada leitura.

É preciso, portanto, que o pesquisador volte-se contra os clichês da pesquisa e dos modos de produzi-la... Que se recuse a reproduzir pesquisas formatadas, sem espaços para a criação e a produção de um pensamento forçado por signos. E que, igualmente, o pesquisador se recuse a reproduzir modos de viver, (re)afirmados e (re)normatizados por nossas “confirmações de hipóteses”, que se prestam a reproduzir a vida e que acabam por estancam seu fluxo...

O pintor não pinta sobre uma tela virgem, nem o escritor escreve sobre uma página branca, mas a página ou a tela estão já de tal maneira cobertas de clichês preexistentes, preestabelecidos, que é preciso de início apagar, limpar, laminar, mesmo estraçalhar para fazer passar uma corrente de ar, saída do caos, que nos traga a visão.¹⁰³

E é mesmo porque a “tela do computador” está tão recoberta por clichês que o “pesquisador-pintor” deve enfrentar o caos e apressar as destruições, produzindo

¹⁰³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 262.

uma sensação que desafie qualquer opinião. Mas, por vezes, temerosos, insistimos nas reproduções “seguras”, enquanto pedimos “um pouco de ordem para nos proteger do caos”...¹⁰⁴

Nada é mais doloroso, mais angustiante do que um pensamento que escapa a si mesmo, idéias que fogem, que desaparecem apenas esboçadas, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas em outras, que também não dominamos.¹⁰⁵

São variabilidades infinitas, afirma Deleuze, cuja desaparecimento e aparição coincidem. Variabilidades que experimentamos em meio ao processo da pesquisa. Aparição e desaparecimento que nos levam, mesmo, a perder, e sem cessar, as nossas ideias. E isso é terrível! Uma grande angústia vivida pelo pesquisador, que talvez justifique um pouco, o movimento de nos agarrarmos tanto às opiniões prontas, às formas instituídas, e aos modos de viver e de pesquisar já estabelecidos. De certa forma, queremos que nossas ideias se encadeiem segundo um mínimo de regras constantes. Agarramo-nos em regras protetoras que nos permitem colocar um pouco de ordem nas ideias produzidas, passando de uma a outra segundo uma lógica, uma ordem de espaço e tempo, que impeça nossa fantasia, um delírio – a loucura em meio à pesquisa. Fantasia, talvez, “de percorrer o universo no instante, para engendrar nele cavalos alados e dragões de fogo!”¹⁰⁶

O que seriam, pois, essas opiniões prontas senão uma espécie de “guarda-sol” a nos proteger do caos, como nos dizia Deleuze? E admitamos: é bem verdade que não deixamos de fabricar esse guarda-sol que nos abriga. Mas, ao nos lançarmos nesse devir-poeta, apostando num modo “pesquisador-artista”, ousamos buscar a abertura de fendas nesse guarda-sol que (ilusoriamente) nos protege, a fim de fazer passar um pouco de caos livre e tempestuoso. E assim, abrimos mão de seguirmos como a massa dos imitadores que remendam o guarda-sol, e a massa dos glosadores que preenchem a fenda com opiniões...

Caminhos inteiramente prontos, que se segue aos poucos, implicam num traçado prévio; mas trajetos que se constituem num campo de forças,

¹⁰⁴ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 259.

¹⁰⁵ Ibid., p. 259.

¹⁰⁶ Ibid., p. 259.

procedem por resoluções de tensão, agindo também gradativamente.¹⁰⁷

E seguimos, desse modo, criando, e produzindo, caminhos e trajetos... Ambos. Paradoxalmente juntos, misturados, com suas linhas enoveladas. Linhas que produzimos, linhas nas quais deslizamos, linhas que acionamos e habitamos, em modos de viver e de pesquisar.

4.3 O TEMPO DA PESQUISA



Marcos Andruchak¹⁰⁸

O paradoxo traduz esse arrombamento e violentação, a paixão do encontro fortuito, sua perturbação irresoluta: nem descanso nem conformismo. Seu efeito primeiro é desfazer a tranqüilidade com que nos reconhecemos em meio às coisas, ao mesmo tempo em que as reconhecemos.¹⁰⁹

“Eu sei o que dizer... Quer dizer, eu sei mais ou menos o que eu vou escrever... [Silêncio]. Mas, na verdade, eu não sei bem se é isso mesmo, entende? Você já se sentiu assim? Você tem uma idéia do que escrever, mas parece que não é bem

¹⁰⁷ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 268.

¹⁰⁸ ANDRUCHAK, Marcos. **Xadrez.** 2002. Pintura. Disponível em: http://www.andruchak.com.br/estilo2/images/andruchak_xadrez_60x80_2002.jpg. Acesso em: 15 mar. 2010.

¹⁰⁹ PELBART, Peter Pál. **O tempo não-reconciliado.** São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 63.

aquilo ali que o campo te diz... Quer dizer, não é 'só' aquilo ali, entendeu? Parece que é muita coisa... O que eu quero dizer é assim: é que não é uma coisa só. Acho que é por isso que é meio confuso...". Com essa fala, um pesquisador contava-me sobre o “momento” que vivia em sua pesquisa. Falava de um momento em que tentava pensar como tudo aquilo que vinha lendo nos livros poderia ajudá-lo a criar um pensamento – um sentido – para o que estava vivendo em suas “idas a campo”.

Ele concordava com o que diziam os livros: era aquilo mesmo. Mas o que ele vivia parecia não caber ali. O que ele vivia não parecia ser “tão simples assim”. Ele esperava escutar certas coisas. Existia uma expectativa. Ele esperava por coisas que confirmassem o que ele pensava e o que ele estava lendo. Mas o que ele via, o que escutava e, especialmente, o que vinha sentindo em meio àquilo tudo parecia ultrapassar qualquer “discurso”. Afinal, as pessoas com quem ele conversava não diziam uma coisa só. E, além disso, pareciam não habitar um único modo de viver aquelas experiências pesquisadas por ele.

Ele estava confuso... Não encontrava uma lógica que desse conta de ordenar, classificar, e categorizar o que se passava. E aquilo tudo ali parecia um grande desafio, um grande *paradoxo*...

E o que entendemos por paradoxo? Segundo Deleuze,¹¹⁰ o paradoxo é, em primeiro lugar, o que destrói o bom senso como sentido único, mas também o que destrói o senso comum como designação de identidades fixas. Ele aparece como destituição da profundidade, como exibição dos acontecimentos na superfície e como desdobramento da linguagem ao longo desse limite. “O paradoxo é duplamente destrutivo: subverte o bom senso e também o senso comum, as duas formas que constituem conjuntamente nossa Imagem do pensamento”.¹¹¹ Ao corroer a ideia de sentido, o paradoxo concomitantemente desafia certa ideia de tempo da qual o sentido depende, e faz, assim, emergir outros sentidos e outra temporalidade: o tempo do pensamento – do acontecimento.¹¹²

¹¹⁰ DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2007, p.1.

¹¹¹ PELBART, 2007, p. 63.

¹¹² *Ibid.*, p. 64.

E o que seria, então, o *acontecimento*? Para Deleuze,¹¹³ o acontecimento não se refere a qualidades ou propriedades físicas, mas a atributos lógicos. Não se constitui como coisa ou estado de coisa. Não é um corpo, é um efeito. Não é substantivo ou adjetivo; é verbo. Não é agente, nem paciente. É resultado de ações e de paixões – impassível resultado. Não é presente vivo, mas infinitivo: *Aion* ilimitado. O acontecimento é devir, que se divide ao infinito em passado e em futuro, porém sempre se esquivando do presente.

Ademais, afirmamos que o tempo pode ser apreendido de duas maneiras: inteiro, como presente vivo nos corpos que agem e padecem; e, também inteiro, como instância infinitamente divisível em passado-futuro – presente nos efeitos incorporais que resultam dos corpos (de suas ações e de suas paixões). Esse devir-ilimitado torna-se, portanto, o próprio acontecimento: incorporal, e com todas as reviravoltas que lhe são próprias, do futuro e do passado, do mais e do menos, do muito e do pouco, do já e do não, pois o acontecimento é sempre os dois ao mesmo tempo: eternamente o que acaba de passar, e também o que vai se passar, mas nunca o que *se passa*.¹¹⁴

E se o paradoxo subverte o bom senso, de que forma o bom senso – esse “bom sentido” – se relaciona com o tempo? O bom senso, ou “sentido correto”, apresenta-se como a direção única das coisas na sua sucessão sensata, que vai do anterior ao posterior, do passado ao futuro. É, portanto, uma distribuição fixa e sedentária, que orienta a flecha do tempo sempre a partir de um presente.¹¹⁵ O paradoxo não inverte a direção dessa flecha, mas abole o princípio da mão única. Por ele sempre são afirmadas várias direções concomitantes, e vai-se de imediato em múltiplos sentidos simultaneamente. “O paradoxo se instala nessa disjunção incessante e infinita, sem negá-la, obturá-la ou superá-la, antes deixando-a escancarada”.¹¹⁶ Ele coloca em xeque o presente que lhe serve de parâmetro, furta-se ao presente e esquivava-se dele, instalando-se na divisão infinita do instante, e afirmando concomitantemente os vários sentidos.

¹¹³ DELEUZE, 2007, p. 6.

¹¹⁴ Ibid., p. 9.

¹¹⁵ PELBART, 2007, p. 65.

¹¹⁶ Ibid., p. 65.

“Mas também compete ao paradoxo desafiar o senso comum”.¹¹⁷ Esse senso que preserva a identidade do sujeito universal e que funciona como um operador de reconhecimento do Mesmo. Ao afirmar, ao mesmo tempo, múltiplos sentidos – várias direções –, o paradoxo sabota a reconhecimento e seus postulados implícitos, assim como a identidade do sujeito que reconhece, e a permanência do objeto reconhecido.

[...] o tempo é paradoxal, ele se dobra, se torce, é uma variedade que seria preciso comparar a uma chama num braseiro, móvel, inesperada. [...] o tempo passa e não passa, filtra, percola, com contracorrentes e turbulências. Nem métrico nem geométrico: topológico.¹¹⁸

Para Deleuze podemos fazer duas leituras simultâneas do tempo: Aion e Cronos. Aion repousa sobre o paradoxo, constitui-se no cerne do acontecimento. Nele não existe presente, mas apenas o passado e o futuro subdividindo o instante ao infinito. Esse instante – existência paradoxal – extrai do presente e dos indivíduos que o ocupam as singularidades, projetando-as sobre o passado e o futuro. Aion, “[...] como pura forma vazia do tempo, que se liberou de seu conteúdo corporal presente...”.¹¹⁹ Cronos é o presente – apenas o presente existente. É limite, delimitação, mistura de corpos, mensuração de ciclos. “Movimento regulado dos presentes vastos e profundos [...]”.¹²⁰

Cronos é o tempo da medida ou da profundidade desmedida, ao passo que Aion é o da superfície. Cronos exprime a ação dos corpos, das qualidades corporais, das causas, Aion é o lugar dos acontecimentos incorporais, dos atributos, dos efeitos. Cronos é o domínio do limitado e infinito, Aion do finito e ilimitado. Cronos tem a forma circular, Aion é linha reta. Sensato ou tresloucado, Cronos é sempre da profundidade, localizado e localizável, assinalado e assinalável. Aion é radicalmente atópico, ou “transtópico”, mas também, num certo sentido, condição de qualquer assinalamento temporal.¹²¹

E assim, experimentamos em meio às pesquisas Aion e Cronos, as duas leituras simultâneas do tempo: tempo de criação, lugar dos acontecimentos; e tempo cronológico, materializado, encarnado e tornado quantidade (um tempo que “pesa”

¹¹⁷ PELBART, 2007, p. 65.

¹¹⁸ PELBART, Peter Pál. Tempo sem tempo. In: BOUSSO, Vitoria Daniela. (Org.). **Em tempo, sem tempo**. São Paulo: Paço das Artes, Imprensa Oficial, 2005, p. 69-70.

¹¹⁹ PELBART, 2007, p. 72.

¹²⁰ Ibid., p. 69.

¹²¹ Ibid., p. 72.

sobre os ombros do pesquisador).

É fato que, por vezes, nos perdemos em meio aos prazos e às exigências de uma enorme quantidade de produções. Mas se a criação não responde necessariamente às exigências desse modo “corrido” de viver e pensar o tempo, que fazemos nós, em muitas das vezes, senão nos colarmos nesse lugar de reproduzir o já dito e os clichês da comunicação?

Afirmamos, pois, que é preciso apostar na ousadia de experimentar – também em meio às pesquisas – o tempo como multiplicidade: essa explosão da flecha do tempo. Multiplicidade de flechas, de direções, de sentidos. Um rizoma temporal, em que não se trata mais de uma linha do tempo, nem de um círculo do tempo, mas de uma rede temporal, que implica uma navegação multitemporal num fluxo aberto, assim como hoje se navega num hipertexto¹²² (numa rede de fluxos inter cruzados).

De tudo isso, o que nos importa, especialmente, é trazer para análise essa concepção de um tempo consentâneo à invenção – tempo alçado à sua potência última, que faz retornar a *diferença*.

Tempo que aparece ao pensamento como a força que o força a ir ao seu limite. Um tempo como criação contínua – tempo da invenção – que se descola do tempo como mera sucessão de instantes, e de um estoque prévio de possíveis (essa reprodução de clichês).

Tempo pensado como um lenço amassado, e não como um lenço passado: fatos que estariam distantes encontram-se intimamente ligados; eventos supostamente muito próximos fazem-se sentir muito distantes. Tempo amarrotado, multiplamente dobrado...¹²³

¹²² O termo hipertexto foi criado por Theodore Nelson, na década de 1960, para denominar a forma de escrita/leitura não linear na informática, pelo sistema “Xanadu”. O hipertexto está relacionado à própria evolução da tecnologia computacional quando a interação passa à interatividade, em que o computador binário, rígido e centralizador, para oferecer ao usuário interfaces interativas. O termo interativo já pertencia ao campo das artes quando se propunha intervenção do/com apreciador, no entanto o termo interatividade passa a se associar a sistemas da informática, por fazer um contraponto à leitura/escrita das metanarrativas (Infoescola, disponível em: <http://www.infoescola.com/informatica/hipertexto/>).

¹²³ PELBART, 2005, p. 70.

[...] transformação incessante, modulação que reinventa e faz variar as relações entre os vários lençóis e seus pontos cintilantes, cada rearranjo criando algo novo, memória plástica, sempre refeita, sempre por vir.¹²⁴

Esse modo de pensar o tempo, essas formas-tempo que acionamos em nossas pesquisas, pressupõe a *duração*. E podemos afirmar: a pesquisa, como um processo de produção, também *dura*...

“O universo dura. [...] o organismo que vive é algo que dura. Seu passado prolonga-se inteiro em seu presente, nele permanece atual e atuante”...¹²⁵ “[...] o ser vivo dura essencialmente; ele dura, justamente porque elabora incessantemente algo novo e porque não há elaboração sem procura, nem procura sem tateio”.¹²⁶ Para Bergson, portanto, existir consiste em mudar, em criar-se indefinidamente a si mesmo. E a vida não é senão criação, essa invenção incessante...

Quanto mais aprofundarmos a natureza do tempo, melhor compreenderemos que duração significa invenção, criação de formas, elaboração contínua do absolutamente novo.¹²⁷

E o que criamos aqui, afinal? Criamos formas, sentidos, modos... De viver e de pesquisar. Produzimos pensamentos e produzimos, também, novas possibilidades de vida.

É cômodo não prestar atenção a essa mudança ininterrupta, afirma-nos Bergson.¹²⁸ E somente a notarmos quando se torna suficientemente grande para imprimir uma nova atitude ao corpo, uma nova direção à atenção. E é apenas nesse momento preciso que, então, descobrimos que mudamos de estado, mas a verdade é que mudamos incessantemente, e que o próprio estado já é mudança.

Se o estado, que parece permanecer o mesmo, é mais variado do que cremos, de modo inverso, a passagem de um estado a outro assemelha-se mais do que

¹²⁴ PELBART, 2005, p. 69.

¹²⁵ BERGSON, Henri. **A Evolução Criadora**. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 12-16.

¹²⁶ BERGSON, Henri. **O pensamento e o movente**: ensaios e conferências. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

¹²⁷ BERGSON, 2005, p. 12.

¹²⁸ *Ibid.*, p. 2.

podemos imaginar a um mesmo estado que se prolonga. A transição é, portanto, contínua. A descontinuidade que aparentam tais estados destaca-se sobre a continuidade de um fundo no qual se desenham. Nossa atenção se fixa nesses estados descontínuos porque lhe interessa mais, mas cada um desses estados é carregado pela “massa fluida” de nossa existência inteira... “Cada um deles não é mais que o ponto mais iluminado de uma zona movente que compreende tudo o que sentimos, pensamos, queremos, tudo aquilo, enfim, que somos em dado momento”.¹²⁹ O passado conserva-se, assim, por si mesmo. E ele nos segue a todo instante...

Dessa sobrevivência do passado resulta a impossibilidade de uma consciência passar duas vezes pelo mesmo estado. Por mais que as circunstâncias sejam as mesmas, não é mais sobre a mesma pessoa que agem, uma vez que a tomam em um novo momento de sua história.¹³⁰

E é por isso que podemos afirmar que nossa duração é “irreversível”...

E, assim como o talento do pintor se forma ou se deforma, em todo caso se modifica, pela própria influência das obras que produz, assim também cada um de nossos estados, ao mesmo tempo que sai de nós, modifica nossa pessoa, sendo a forma nova que acabamos de nos dar. Tem-se portanto razão em dizer que o que fazemos depende daquilo que somos; mas deve-se acrescentar que, em certa medida, somos o que fazemos e que nos criamos continuamente a nós mesmos.¹³¹

Além disso, nossa razão, incrivelmente presunçosa, imagina possuir por direito todos os elementos essenciais do conhecimento da verdade, e ali mesmo onde ela confessa não conhecer o objeto que lhe é apresentado, crê que sua ignorância verse apenas em saber em qual das categorias antigas, já existentes, convém o novo objeto... “Em que gaveta prestes a se abrir o enfiaremos? Com que roupa já cortada iremos vesti-lo? É ele isto, ou aquilo, ou outra coisa?”¹³² A ideia de criar para o novo objeto, um novo conceito, ou, quem sabe?, um novo método de pesquisar, repugna-nos profundamente. “[...] essa crença é natural para a inteligência humana, sempre preocupada em saber sob que antiga rubrica irá catalogar todo e qualquer objeto novo”.¹³³

¹²⁹ BERGSON, 2005, p. 3.

¹³⁰ Ibid., p. 6.

¹³¹ Ibid., p. 7.

¹³² Ibid., p. 53.

¹³³ Ibid., p. 53.

Devemos, porém, perceber que ainda não há uma forma/fôrma preexistente ao que experienciamos, em meio às nossas pesquisas, e que é à vida que caberá criar para si mesma uma forma apropriada para as condições que lhe são impostas. A pesquisa não se faz, portanto, tão compartimentada. O que se passa em meio à vida e nos movimentos de composição da pesquisa (desde a construção do campo problemático até a sua escrita “final”) compõe a sua duração. E compõe, por conseguinte, um MODO de pesquisar – um modo de habitar esse verbo e de habitar a própria vida...

Diante da forma como pensamos/vivemos o tempo da pesquisa – esse tempo de assistir às aulas, de montar um projeto, de ir a campo, de produzir um pensamento com os colegas, os professores e o orientador, de escrever sobre esse pensamento produzido, sobre essa produção da pesquisa, e de, enfim, apresentá-la à comunidade científica, no momento da banca de defesa – podemos nós afirmar que tudo isso se passe como uma colagem de momentos descontínuos e separados? Podemos pensar esse tempo, essa duração da pesquisa, como a junção de etapas sequencialmente executadas? Ou não seriam, afinal, todos esses momentos, essas vivências contínuas, constitutivas de um processo inteiro, que se vai fazendo, tecendo no tempo, e que, por fim, denominamos “pesquisa”?

Como afirmar compor um campo problemático sem estar mergulhado nele? Como produzir um pensamento com a Banca – de qualificação e defesa – sem trazer os elementos que realmente façam a Banca pensar conosco (elementos que se venham processando na trajetória construída da pesquisa, desde o seu “começo”)? Não seria isso, essa forma de habitar a pesquisa “constituída por etapas”, por um início-meio-e-fim determinados, um modo transcendente, e não imanente, de pensar e produzir pesquisa?

Pois é justamente isto que buscamos aqui afirmar: essa continuidade indivisível de mudança que constitui a *duração*, aquilo o que sempre se denominou *tempo*. Mas um tempo “dado num só golpe”, um tempo indivisível em sua produção processual.

Não discordo de que o tempo implica sucessão. Com o que não posso concordar é com a idéia de que a sucessão se apresenta à nossa consciência primeiro como distinção entre um “antes” e um “depois” justapostos. Quando escutamos uma melodia temos a mais pura impressão de sucessão que se possa ter – uma impressão tão distante quanto possível da da simultaneidade – e, no entanto, é a própria continuidade da melodia e a impossibilidade de decompô-la que causam em nós essa impressão. Se a recortarmos em notas distintas, em tantos “antes” e “depois” quantos quisermos, é porque misturamos a ela imagens espaciais e impregnamos a sucessão de simultaneidade: no espaço e apenas no espaço há distinção nítida de partes exteriores umas às outras.¹³⁴

Porém, admitamos, é sobre esse tempo espacializado que nos colocamos a todo instante e que pensamos, no mais das vezes, a produção de nossas pesquisas: pré-projeto, projeto, dissertação; aulas, produções escritas; coletas de dados, categorizações, análises... Está claro que não apresentamos nenhum interesse em escutar o “burburinho ininterrupto da vida”,¹³⁵ mas mesmo assim, a duração real está lá, e é graças a ela que ocorrem, num único e mesmo tempo, as mudanças a que assistimos em nós e no mundo.

Diante do espetáculo dessa mobilidade universal, alguns de nós serão tomados de vertigem. Estão acostumados à terra firme; não conseguem se acostumar com o caturro e a arfagem. Precisam de pontos “fixos” aos quais amarrar as idéias e a existência. Acreditam que, se tudo passa, nada existe; e que, se a realidade é mobilidade, ela já não é no momento em que a pensamos, ela escapa ao pensamento. O mundo material, dizem eles, vai se dissolver e o espírito se afogar no fluxo torrencioso das coisas. – Podem ficar tranqüilos! A mudança, se consentirem em olhar para ela diretamente, sem véu interposto, logo lhes aparecerá como o que pode haver de mais substancial e duradouro no mundo. Sua solidez é infinitamente superior à de uma fixidez que não passa de um arranjo efêmero entre mobilidades.¹³⁶

Para além disso, como nos diz Bérson, na experiência das pesquisas, trata-se de encontrar um problema e de formulá-lo, bem mais que de resolvê-lo. O problema estará resolvido a partir do momento em que estiver bem formulado. E formular um problema não é simplesmente descobri-lo “em campo”, mas inventá-lo em meio a um *campo problemático*. E essa “descoberta” incide sobre o que já existe, atual ou virtualmente. Sendo certo que, cedo ou tarde, a resposta apareça.¹³⁷

¹³⁴ BERGSON, Henri. **Memória e vida**. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006b, p. 16-17.

¹³⁵ *Ibid.*, p. 17.

¹³⁶ *Ibid.*, p. 17.

¹³⁷ *Ibid.*, p. 20.

A questão é que muitos problemas de pesquisa são geralmente malpostos, ou são formulados em termos de ilusão. São, pois, *falsos problemas*. E os falsos problemas podem ser de dois tipos: problemas inexistentes, que assim se definem porque seus próprios termos implicam uma confusão entre *mais* e *menos*, fazendo como se o não-ser preexistisse ao ser (a desordem à ordem, o possível à existência); e problemas malcolocados, que se definem dessa forma porque seus termos representam mistos mal-analisados, ou seja, quando arbitrariamente agrupamos coisas que diferem por natureza.¹³⁸

Ademais, o primeiro tipo de falso problema repousa, em última instância, sobre o segundo: “[...] a idéia de desordem nasce de uma idéia geral de ordem como misto mal analisado”;¹³⁹ e o possível aparenta menos que o real, e apresenta-se como precedendo a existência das coisas... O engano mais geral do pensamento apresenta-se, assim, ao conceber tudo em termos de mais e de menos, e de ver apenas diferenças de grau ou de intensidade, ali onde há, profundamente, diferenças de natureza. E é a intuição, como método rigoroso e tendência crítica, que pode reencontrar as diferenças de natureza sob as aparentes diferenças de grau e, assim, comunicar à inteligência os critérios que permitem distinguir os verdadeiros e os falsos problemas.

Mas, o que afinal entendemos aqui por intuição? A intuição consiste em pensar as coisas em termos de duração... Ela é o movimento pelo qual saímos de nossa duração e, servindo-nos dela, buscamos afirmar e reconhecer a existência de outras durações, outros modos possíveis de vida a se criar. Pensar a vida e as nossas pesquisas por meio da intuição e em termos de duração (em termos de mudança e de criação contínua) é pensar o possível como algo que se cria, e não como algo que se realiza e se estabiliza. O possível que se cria remete à criação de possíveis reais que vêm dos acontecimentos: possíveis que se atualizam e que efetivam a criação de outros possíveis. Já o possível que se realiza, refere-se à realização de um projeto previamente pensado.¹⁴⁰

¹³⁸ DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Tradução de Luiz Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999, p. 11.

¹³⁹ Ibid., p. 13.

¹⁴⁰ LAVRADOR, Maria Cristina Campello. **Loucura e vida na contemporaneidade**. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006, p. 56.

Acontece que estamos acostumados a acreditar na ilusão do possível como algo “pré-visto”, como possibilidades previamente pensadas... Como sabemos que o porvir acabará por ser presente, acreditamos que, em nosso presente atual, que será o passado de amanhã, a imagem de amanhã já está contida, ainda que não consigamos apreender. Aí está, pois, a ilusão! Como não ver que, embora o acontecimento se explique sempre, depois, por tais ou tais eventos antecedentes, um acontecimento inteiramente diferente teria sido explicado, com igual propriedade e nas mesmas circunstâncias, por antecedentes diferentemente escolhidos, e diferentemente percebidos pela atenção retrospectiva. “De trás para frente, desenvolve-se uma remodelagem constante do passado pelo presente, da causa pelo efeito. [...] É preciso aceitá-lo: é o real que se faz possível e não o possível que se torna real”.¹⁴¹ E “o possível é portanto a miragem do presente no passado”...¹⁴²

Acreditar na efetuação de possíveis – de “possíveis impossíveis” – lança-nos numa tentativa de abrir mão dos clichês, de desacreditar das ideias prontas e de tudo aquilo que já está dado de antemão. Desse modo, desacreditamos, também, de tudo aquilo que nos faz sentir que não há mais o que fazer, e de tudo aquilo que nos faz pensar que não há mais o que criar. Acreditar na efetuação de possíveis é apreender o possível como potência, como criação de novas possibilidades de vida e de outros modos de pensar e criar pesquisa... “Acreditar que é possível pensar e sentir diferentemente, para além da consciência de um eu, arriscar mais nas ‘pequenas’ experimentações cotidianas, tornando-se mais permeável às incertezas”.¹⁴³

Essa criação de novas possibilidades de vida, essa abertura para novos campos de possíveis, envolve uma nova maneira de ser: um novo modo de afetar e de ser afetado. Envolve uma espécie de *disposição*, uma abertura para ousar produzir a diferença e diferentes formas de viver. Produção da diferença nos movimentos que realizamos: em meio às nossas pesquisas, nos modos de pensá-la, e nas formas de escrevê-la...

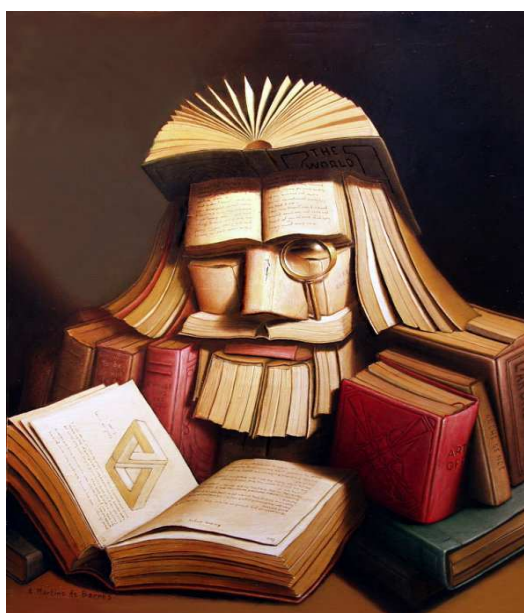
¹⁴¹ BERGSON, 2006a.

¹⁴² Ibid.

¹⁴³ LAVRADOR, 2006, p. 57.

Produção que desemboca na escrita, na criação de um novo corpo – agora, no papel.

4.4 A ESCRITA DAS PESQUISAS – UM CORPO NO PAPEL



André Martins de Barros¹⁴⁴

[...] o trabalho com o pensamento – aquilo que em princípio se desenvolve numa prática acadêmica, sob a forma de estudo, escrita, ensino – diz respeito fundamentalmente às marcas, sua violência, nosso desassossego. [...] se a marca coloca uma exigência de trabalho que consiste na criação de um corpo que a existencialize, o pensamento é para mim uma das práticas onde se dá esta corporificação. O pensamento é uma espécie de cartografia conceitual cuja matéria prima são as marcas e que funciona como universo de referência dos modos de existência que vamos criando, figuras de um devir.¹⁴⁵

¹⁴⁴ BARROS, André Martins. **The art scholar**. [19--]. Ilustração. Disponível em: http://2.bp.blogspot.com/_vsVXJhAtvc8/SxMiDkYWaxI/AAAAAAAAADNc/bEbwMCI5Yzg/s1600/The_art_scholar_by_amartinsdebarros.jpg. Acesso em: 15 mar. 2010.

¹⁴⁵ ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduated de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>. Acesso em: 14 set. 2008.

Para Rolnik,¹⁴⁶ escrever é um exercício conduzido e exigido por tais marcas – essa violência que nos tira de nosso “natural estupor”, de um modo de pensar “familiar”, e que nos faz pensar a “familiaridade”: nossos clichês. Escrever dessa forma, conduzidos pelas marcas, transporta-nos ao invisível, conectando-nos com fluxos e fazendo surgir outras composições. E, nessa aventura, encarna-se um sujeito, sempre outro – um pesquisador-outro.

Escrever, assim, é esculpir com palavras a matéria-prima do tempo. E o tempo não existe, senão esculpido num corpo; neste caso, um corpo de escrita, um corpo no papel...

Escrever o quê? Escrever como? Escrever pra quê? Afinal, o que me afeta? O que me move nesta pesquisa? Qual o meu combate? No que aposto com essa produção na escrita?¹⁴⁷

Vivência e escrita: produção do pesquisador...

Aquilo que nos toca, aquilo que nos marca nesse processo de pesquisa, pode ganhar um corpo com a escrita. Essas “marcas” que nos atravessam falam dos estados inéditos que experimentamos durante a composição das pesquisas e que produzem em nós uma diferença. *Afirmamos, pois, essa diferença*. Uma diferença que fala de um novo estado, e que pode instaurar uma abertura para a criação de um novo corpo. Um novo corpo que pode ganhar uma forma em nossas dissertações, e que pode ressoar em nossas vidas...

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva.

LISPECTOR, 1999, p. 134

¹⁴⁶ ROLNIK, 1993.

¹⁴⁷ Anotações do Diário de Campo da pesquisa.

Com Deleuze,¹⁴⁸ apostamos na escrita como um dispositivo com grande potência de transformação: escrita como devir, um processo, um movimento que se atualiza em determinado momento numa forma provisória sobre o papel. Escrevendo desse modo, escrevemos como Proust: inventamos uma nova língua, uma língua estrangeira que traz à luz novas potências, e que se arrasta para fora dos sulcos costumeiros. Escrevemos, pois, como um vidente: malvisto e maldito. Afinal, “é através das palavras, entre as palavras, que se vê e se ouve”.¹⁴⁹ Visões e audições que não dizem respeito ao privado, mas que formam figuras de uma história e de uma geografia incessantemente inventadas. Processo que arrasta as palavras de um extremo a outro e que se faz como acontecimento na fronteira da linguagem.

Para Deleuze, a escrita não é uma forma que se impõe a uma matéria que se vive, mas é algo que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. Não se trata, portanto, de contar as próprias lembranças: “Não se escreve com as próprias neuroses”...¹⁵⁰ É preciso escrever descobrindo sob as aparentes pessoas a potência de um impessoal, que não é generalidade, mas singularidade no mais alto grau.

[...] caminhos do texto, da palavra extraída do corpo sensível, que soa e ressoa na pele fazendo vibrar a neutra potência do impessoal, compondo um plano do comum, produzindo povo nos desertos... Caminhos da **escrileitura**, daquilo que registra o que punge, daquilo que observa desde a imersão no desmedido e no sem juízo, daquilo que se produz como secreção, fazendo acontecer o texto como oferta de uma pérola ensangüentada extraída do próprio corpo.¹⁵¹

Escrever como na literatura, que só começa quando nasce uma terceira pessoa que se destitui do poder de dizer Eu. “Quem fala, parece que sou eu, mas não sou. É uma ‘ela’ que fala em mim”.¹⁵²

Traçar uma língua estrangeira que não é outra língua, mas um devir-outro da língua, uma minoração dessa língua maior...

¹⁴⁸ DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In:_____. **Crítica e Clínica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997a, p. 11.

¹⁴⁹ Ibid., p. 9.

¹⁵⁰ Ibid., p. 13.

¹⁵¹ Parecer enviado à Banca de Qualificação pela Professora Doutora Tânia Mara Galli Fonseca, em 2008.

¹⁵² LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida: pulsações**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 71.

Criar nos interstícios, nos desvios da linguagem. Criações/invenções que não estão fora da linguagem, mas que são o seu fora. “Na experiência do Fora [...] o *eu* não se reconhece mais, uma vez que cede lugar à impessoalidade do *ele*”.¹⁵³ E nesse sentido, colocar-se fora de si é fazer sentir a aproximação de uma estranha potência neutra e impessoal.

A escrita como encontro com a alteridade, como um desmanchar do Idêntico, a escrita como um ‘outramento’. Uma estranheza. [...] A escrita percorrida por algo que não nos diz respeito e nos é próximo, por algo que se relaciona a nós e nos é distante. Algo que é o próprio desmanchar de mim mesmo. Algo que nos incita a inventar outras formas ao conjugarmos os tantos verbos da nossa vida. Um desafio, uma provocação, o ressoar de uma questão em nós: o que tenho escolhido fazer de mim?¹⁵⁴

Escrever sobre as intensidades de um encontro. Encontros que se dão no processo de construção das pesquisas. Encontros que se dão na vida...

Escrever sobre o “como” das pesquisas e sobre seus fazeres cotidianos. Fazeres que perpassam, mas que, também, ultrapassam qualquer individualidade, qualquer pessoa, qualquer sujeito. Fazeres que não se iniciam ou finalizam num corpo, mas que falam de atravessamentos, dos lugares que ocupamos e das instituições que transpassam a pesquisa.

No momento em que a interioridade é atraída para fora de si, um exterior cava o próprio lugar onde a interioridade costuma encontrar seu recuo e esvazia a própria possibilidade desse recuo: uma forma aparece – menos do que um forma, mas uma espécie de anonimato informe e obstinado –, que despoja o sujeito de sua identidade simples, o esvazia e o divide em duas figuras gêmeas mas não sobrepostas, o despoja do seu direito imediato de dizer Eu e eleva contra seu discurso uma palavra que é indissociavelmente eco e denegação.¹⁵⁵

É preciso pensar nesse recuo, é preciso apostar nesse vazio de que nos fala Foucault: nessa erosão da pessoa que fala, nesse espaço de uma linguagem neutra que se libera e, assim, abre um lugar sem lugar, que é exterior de todo discurso e de toda escrita. Pensar que nesse fluxo contínuo da linguagem qualquer sujeito delinea

¹⁵³ LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do Fora**: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, p. 48.

¹⁵⁴ MACHADO, Leila Aparecida Domingues. O desafio ético da escrita. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, 2004b, p. 149.

¹⁵⁵ FOUCAULT, Michel. O pensamento do exterior. In: _____. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 236.

aí apenas uma dobra gramatical, e que, nesse espaço, nenhuma existência pode enraizar-se.

A noção de *Fora*, utilizada por Foucault, é tomada de Maurice Blanchot. E para Blanchot, o *Fora* é menos um conceito que possa ser delimitado e conhecido que uma função, uma prática que envolve um questionamento radical do fazer literário.

O poder da linguagem na literatura consiste mesmo em dar materialidade àquilo que nomeia e dessa forma revelar seu poder criador. Não para expressar o que se sabe, mas para sentir o que não se sabe. Sua fala é, assim, errante, móvel, nômade, e se coloca sempre fora de si mesma. Desdobra-se, pois, e substitui a intimidade do sujeito pelo *Fora* da linguagem.¹⁵⁶ Nessa exterioridade radical da linguagem, a literatura aposta numa força impessoal da escrita, numa consciência sem sujeito e numa existência sem ser. Experimentar o *Fora* em Blanchot é fazer-se um errante, um exilado que se deixa levar pelo imprevisível de um espaço sem lugar, pelo inesperado de uma palavra que não começou e de um livro que está ainda e sempre por vir.

O *Fora* como experiência estética estremece o *Cogito*¹⁵⁷ Cartesiano, desmorona a unidade do *eu* e provoca um trânsito ao *ele*. A passagem do *eu* ao *ele* tem em Blanchot um nome: o neutro.

O *neutro* constitui um movimento de sairmos de nós mesmos para vivermos essa experiência do que é inteiramente fora de nós, esse outramento, essa absoluta alteridade: escrever uma pesquisa que nos perpassa, que nos atravessa, mas que nos ultrapassa; que diz algo, também, de nossa história, dessa experiência vivida, mas que não fala de uma “vivência interior” de um eu-pesquisador. É como se uma questão que leva o pesquisador/escritor a escrever o interpelasse, o atravessasse,

¹⁵⁶ LEVY, 2003.

¹⁵⁷ O *Cogito* Cartesiano (“Penso, logo existo”) constitui-se como um método criado por René Descartes. Segundo Descartes, é através da razão que temos a capacidade de conhecer e estabelecer a verdade. Para ele, a razão é entendida como inata, imutável e universal. Todos a possuem, mas nem todos sabem usá-la. Para isso ele cria o método da dúvida metódica como um caminho seguro para se alcançar a verdade. O *Cogito* Cartesiano, “Penso, logo existo”, ocupa, assim, o lugar do *sujeito da verdade*. E a verdade passa a habitar, então, a consciência (LAVRADOR, Maria Cristina Campello. Interfaces do Saber PSI. In: BARROS, Maria Elizabeth Barros de. (Org.). **Psicologia: questões contemporâneas**. Vitória: EDUFES, 1999).

mas sem lhe dizer respeito e sem se constituir como ao “interior” a si. Um discurso sem “eu” que se faz discurso de todos e de ninguém: um discurso da multidão. O que busca Blanchot ao fazer da literatura uma experiência do Fora é, justamente, a recusa das formas de unidade, identidade, mesmo e presença, implicadas pelo conhecimento moderno e positivista.

Mas, como? Como a escrita acadêmica pode, assim como a literatura, forçar o pensamento, causar estranhamento e promover uma quebra, uma ruptura? E como pode produzir possíveis, linhas de fuga, e resistências? Como pode construir, enfim, outros modos de viver e de pesquisar? É preciso, pois, que percebamos... Essa ação de escrever constitui-se sempre como uma ação inacabada. E a escrita das pesquisas apresenta-se, assim, como essa tentativa de dar corpo às composições que vivenciamos durante o trajeto construído. Uma exigência de inventar um corpo conceitual que encarne as transformações que se produzem nesses processos de produção das pesquisas.

E, afinal, o que é essa escrita na qual nos lançamos – essa escrita acadêmica? Como é que se faz? A que regras devem atender? Que normas a regularizam? Que leis a determinam? E como somos levados a limpar essa escrita suja por nosso corpo em “campo de batalha”?

Para Lourau, a dissertação ou a tese, ou seja, essa “redação institucional”, é aquela que escrevemos para a universidade ou para a instituição de fomento. E o modo como elaboramos essa escrita está extremamente implicado com as expectativas que buscamos atender para o cumprimento das exigências dessas instituições. Sabemos, assim, que, de certa forma, “[...] a instituição segura nossa mão e escreve o produto final de nosso trabalho”.¹⁵⁸

Ora, a pesquisa e sua redação são inseparáveis. [...] a redação é, em suma, o critério absoluto de legitimação da pesquisa e do pesquisador. Essa legitimação inscreve o escrever como parte essencial da institucionalização do pesquisador e da pesquisa. A redação não é, obviamente, apenas um detalhe técnico e marginal.¹⁵⁹

¹⁵⁸ LOURAU, René. **Análise Institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ, 1ª. ed., 1993, p. 70.

¹⁵⁹ *Ibid.*, p. 69.

Pensando desse modo, a instituição acadêmico-científica faz-nos escrever, e nós escrevemos para sermos validados e valorizados por ela. A produção de nossos textos está, portanto, implicada com a existência de tal instituição.

Podemos afirmar que, muitas vezes, escreve-se para e por uma pequena comunidade de pesquisadores. E esse aspecto do texto institucional, por muito tempo naturalizado, começou a ser questionado por meio do estudo sobre os diários de pesquisa, ou diários de campo, um fato ainda recente no cenário acadêmico-científico.

Convencionou-se chamar certa escrita de “acadêmica” e elegê-la como a forma prioritária e reconhecida de expressão dos estudos e pesquisas realizados nas universidades. “Eu” escrevo, “nós” escrevemos ou escreve-se” denotaria o estilo de cada um. Mas de que estilo se trata: lingüístico ou ético?¹⁶⁰

Os diários de pesquisa, que não obtêm aceitação científica ou editorial, mostram uma escrita quase obscena, uma escrita “suja”, violadora da “neutralidade” do pesquisador. Uma escrita que Lourau chama “fora do texto”.

Escrita-suja porque *suya*, encarnada porque feita na continuidade do viver e do respirar, porque agenciada pelos heterogêneos que compõem o mar da imanência, este mar “que se ergue e abaixa”, águas moventes e em incessante variação. Escrita que se faz como um meio flúido, como combate entre ossos e carne, entre duros e moles, um tear de águas, um tecer agonístico cuja ação se dá sobre seus próprios paradoxos, cuja obra é desobra e cujo desenvolvimento é também envolvimento.¹⁶¹

Essa escrita “fora do texto” constitui-se, assim, como tudo aquilo que está fora do cenário oficial da escritura acadêmica. Uma escrita que não fala dos movimentos particulares de um sujeito, do pesquisador como um indivíduo, como um “eu”, mas que fala de um fazer, de uma vivência de campo cotidiana, dos modos como a pesquisa efetivamente foi feita pelo pesquisador. E, segundo Lourau, essa escrita “[...] também faz parte do ‘como se faz pesquisa’”.¹⁶²

¹⁶⁰ MACHADO, 2004b, p. 147.

¹⁶¹ Parecer enviado à Banca de Qualificação pela Professora Doutora Tânia Mara Galli Fonseca, em 2008.

¹⁶² LOURAU, 1993, p. 74.

Na maioria das vezes a escrita “científica” deixa poucos rastros das inúmeras implicações que a teceu. As dúvidas, os impasses, as noites mal dormidas, as páginas em branco na tela do computador ficam para trás compondo uma memória que se quer esquecida ou uma ferida que se quer cicatrizada ou uma espécie de diário de “erros” superados.¹⁶³

A escrita das pesquisas é, desse modo, estritamente supervisionada e vigiada pelas diversas instituições culturais (acadêmica, de pesquisa, editorial, e outras). E essa censura da escrita se dá à sua “temível materialidade”, às aleatoriedades do próprio processo de produção da pesquisa, aos movimentos implicados do pesquisador e à desnaturalização da pretensa neutralidade da ação de pesquisar.

Então, é preciso salvar a imagem não contraditória do pesquisador e, conseqüentemente, da pesquisa. É preciso negar a contradição existente nele, em nós e em todos. É preciso, ainda, recorrer à lógica identitária, numa óbvia recusa a quaisquer análises desnaturalizadoras (institucionais).¹⁶⁴

A escrita “fora do texto” da pesquisa produz um conhecimento sobre a temporalidade desse processo, permite um conhecimento da vivência cotidiana de campo: não o como “deve ser feito”, mas o como “foi feito”. Essa linha que foge a um modo asséptico de fazer pesquisa desnuda as condições da produção dos dados da pesquisa e desnaturaliza várias ilusões sobre a cotidianidade das produções científicas. “Escrever para ‘fora do texto’ impõe um mergulho no seu plano. Exige um olhar desde sua imanência, naquilo que compõe sua tessitura”...¹⁶⁵

Não estamos aqui afirmando que todas as pesquisas se devem valer da ferramenta: “diário de pesquisa”, ou diário de campo. Mas acreditamos que a escrita da pesquisa pode carregar uma grande potência, quando ela traz os movimentos realizados pelo pesquisador e os processos de produção da própria pesquisa.

Escrever, então, passa a ser uma responsabilidade terrível. Invisivelmente, a escrita é convocada a desfazer o discurso no qual, por mais infelizes que nos acreditemos, mantemo-nos, nós que dele dispomos, confortavelmente instalados. Escrever, desse ponto de vista, é a maior violência que existe, pois transgride a Lei, toda lei e sua própria lei.¹⁶⁶

¹⁶³ MACHADO, 2004b, p. 147.

¹⁶⁴ LOURAU, 1993, p. 73.

¹⁶⁵ Parecer enviado à Banca de Qualificação pela Professora Doutora Tânia Mara Galli Fonseca, em 2008.

¹⁶⁶ BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita**. Tradução de Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001, p. 9.

Uma escrita, assim, “suja” por seu cotidiano, pelas experiências dos encontros que se efetuaram ao longo do processo da pesquisa... Trata-se, portanto, de trazer o cheiro, a cor, a sonoridade, o sabor, a materialidade, enfim, das pesquisas produzidas. Trata-se de fazer com que os conceitos trabalhados ganhem carne e com que a experiência pulse no papel. Acreditamos que desse modo podemos embarcar na “viagem” das pesquisas que lemos, e que podemos sentir *com o pesquisador* aquilo que lhe tocou a pele.

Pensamos que a escrita científica não “traduz” os movimentos que realizamos na pesquisa. Acreditamos que essa escrita extravasa qualquer vivido, que as intensidades dos encontros que experienciamos não encontram uma representatividade no papel, e que o modo como a narramos, como construímos essa narrativa das pesquisas, ultrapassa qualquer vivência.

Apostamos numa produção de escrita acadêmica que ultrapasse a academia, que “ganhe o mundo” e que “produza um mundo”; que possa produzir ressonâncias e interferências nas formas, não apenas como pesquisamos e escrevemos, mas também como vivemos.

[...] a escrita pode ter uma função etopoiética, ou melhor, uma função estética e política de criação de si. Não de criação de “eus” ou de demarcação de autorias e sim de alteridade, o desmanchar de modelos que reproduzimos quase como se fossem naturais. [...] A alteridade nos faz diferir, é desafio para a criação de uma escrita ética, criação de uma escrita de si, desafio que nos convida a transformarmo-nos em meio à própria escrita.¹⁶⁷

Uma escrita produzida como *obra de arte*, que busca conservar a si mesma como um bloco de sensações, isto é, como um composto de perceptos e de afectos.¹⁶⁸ Não mais percepções ou sentimentos, mas seres que valem por si mesmos e que, portanto, excedem qualquer vivido...

¹⁶⁷ MACHADO, 2004b, p. 147.

¹⁶⁸ Os perceptos não se constituem como percepções; eles são independentes do estado daqueles que os experimentam. Os afectos não são como sentimentos ou afecções, pois transbordam a força daqueles que são atravessados por eles (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 213).

Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de perceptos e de afectos. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si.¹⁶⁹

O pesquisador criaria, assim, em sua escrita acadêmica, blocos de perceptos e de afectos segundo uma única lei de criação: o composto deve ficar de pé sozinho, ou seja, deve conservar-se em si mesmo...

Expressar o que nos olha no mundo, fazer falar a mudez de algo no que acontece, tornar visível a invisibilidade colada ao que vemos, aceder a uma dimensão de videntes, ultrapassar o sensório-motor, aceder ao insensível, ao não-pensado. Assim, vemos a espécie de roupas que temos, por dever político e ético, de carregar em nossa valise: roupas-ainda-fio, sem talhe previsto, sem modelo a priori, roupa-conceitual que, como a arte, remete à imagem do pensamento sem imagem, roupa-tempo, a se fazer, desfazer e ajustar nas justas medidas do corpo-vida-mundo.¹⁷⁰

O objetivo da arte da escrita compõe-se, então, pelo arrancar das percepções o percepto e das afecções o afecto, e pelo extrair, assim, um bloco de sensações (um puro ser de sensações). Mas para isso é preciso um método. Isso não se pode negar... Mas um método que varie com cada autor e que faça, também ele, parte da obra de arte.

Os escritores, quanto a isto, não estão numa situação diferente da dos pintores, dos músicos, dos arquitetos. O material particular dos escritores são as palavras, e a sintaxe, a sintaxe criada que se ergue irresistivelmente em sua obra e entra na sensação.¹⁷¹

E a fim de elevarmos das percepções vividas, o percepto e, das afecções vividas, o afecto, torna-se necessária a presença de um “estilo”: a sintaxe de um escritor, os modos e os ritmos de um músico, e os traços e as cores de um pintor.

Lembrando-se sempre, de que para Deleuze,¹⁷² criar não é, pois, comunicar, mas resistir... E que, no ato de escrever, há essa tentativa de resistir criando, de fazer da vida algo mais que pessoal, e de libertá-la, assim, daquilo que a aprisiona...

¹⁶⁹ DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 213.

¹⁷⁰ Parecer enviado à Banca de Qualificação pela Professora Doutora Tânia Mara Galli Fonseca, em 2008.

¹⁷¹ DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 217-218.

¹⁷² DELEUZE, Gilles. **Signos e acontecimentos**. 1991. Entrevista com Gilles Deleuze por Raymond Bellour e François Ewald. Tradução de Ana Sacchetti. Disponível em: http://www.4shared.com/get/143760846/676554a5/deleuze_entrevista_signos_acon.html;jsessionid=7468CE07CA00198A655A2FAA7BA68EF3.dc211. Acesso em: 18 set. 2009.

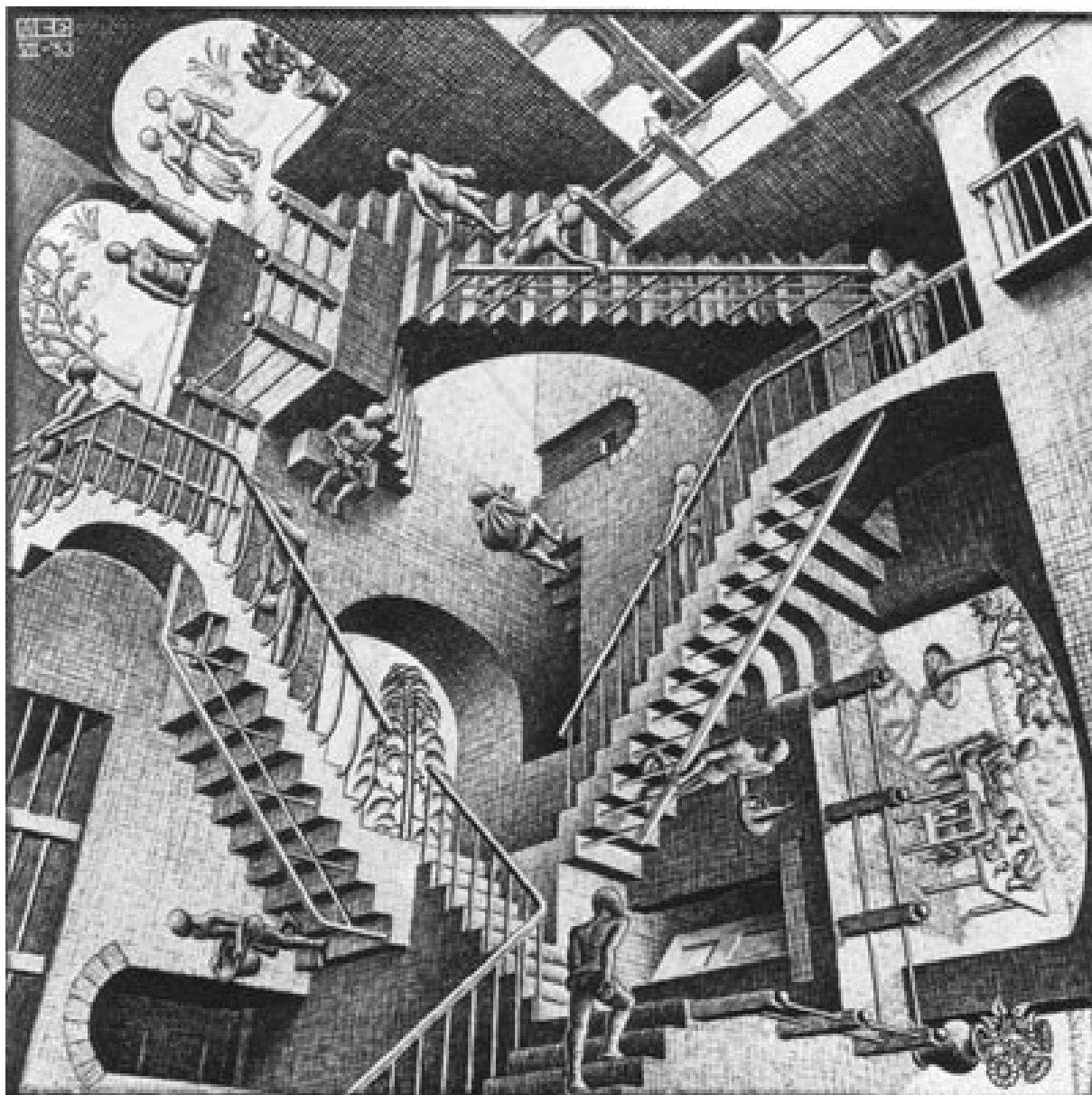
Escrever-se sempre para dar a vida, para libertar a vida lá onde ela está aprisionada, para traçar linhas de fuga. Para isto, é preciso que a linguagem não seja um sistema homogêneo, mas um desequilíbrio, sempre heterogêneo: o estilo aqui rompido das diferenças de potenciais entre as quais qualquer coisa pode passar, se passar, surgir um clarão que saia da própria linguagem, e que nos faça ver e pensar o que permaneceria na sombra à volta das palavras, estas entidades de que apenas supomos a existência.¹⁷³

¹⁷³ DELEUZE, 1991.

CARTA 5

PROBLEMATIZANDO MODOS:

PENSANDO ESCOLHAS

Mauritus Cornelis Escher¹⁷⁴

A lógica de um pensamento não é um sistema racional em equilíbrio. [...] A lógica de um pensamento é como um vento que nos impele, uma série de rajadas e de abalos. Pensava-se estar no porto, e de novo se é lançado ao alto mar [...]. Não há grande pensador que não passe por crises, elas marcam as horas de seu pensamento.¹⁷⁵

¹⁷⁴ ESCHER, Mauritus Cornelis. **Relatividade**. 1953. Gravura. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/escher/relatividade.html>. Acesso em: 15 mar. 2010.

¹⁷⁵ DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 118.

Um pensamento, uma rajada de vento... Ora forte e avassaladora: causando mudança súbita e radical. Ora como brisa que refresca: trazendo ao antigo modo de pensar, uma sutil diferença.

Pensamentos que se fazem, se desfazem e se refazem – processos de subjetivação. Pensamentos que se constituem como modos de existência, que nos impulsionam e nos impelem a criar novas possibilidades de vida e novas formas de pesquisar. Existência que não se encerra num sujeito, mas que compõe-se como obra de arte, numa espécie de “pensamento-artista”...

Um processo de subjetivação não pode, portanto, confundir-se com um sujeito – a menos que se destitua este de toda interioridade e mesmo de toda identidade. A subjetivação não tem a ver com a “pessoa”, pois ela é uma “individuação” – particular ou coletiva – que caracteriza um acontecimento (uma hora do dia, um rio, um vento¹⁷⁶... Uma vida, uma pesquisa). É, pois, um modo intensivo, e não um sujeito pessoal.

Ao pensarmos a composição das pesquisas, devemos pensá-la como um acontecimento, como um processo de subjetivação que perpassa e atravessa vidas, mas que não se encerra nelas. Ao invés de aplicarmos teorias abstratas e neutras, precisamos avaliar nossas práticas, avaliando, também, a pertinência de nossas análises e a necessidade de criação de novos instrumentos para nossa atuação.¹⁷⁷ Ao acionarmos práticas de reinvenção das pesquisas nos abrimos à possibilidade de constituí-las inventivamente em seus objetivos, instrumentos e modos de fazer.¹⁷⁸ E afirmando esse modo de pensar, acreditamos que o procedimento de pesquisa pode compor-se, conjuntamente, como produção de saber, construção de metodologia e elaboração de princípios. É a construção/invenção de um caminho. Uma construção que se faz em processo, e que busca abandonar certas vias e criar outras.¹⁷⁹

¹⁷⁶ DELEUZE, 1992, p. 123.

¹⁷⁷ MACHADO, Leila Aparecida Domingues. Capitalismo e configurações subjetivas. In: ABDALLA, Maurício; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. (Org.). **Mundo e sujeito: aspectos subjetivos da globalização**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2004a, v. 1, p. 166.

¹⁷⁸ BARROS, Maria Elizabeth Barros de; HECKERT, Ana Lucia Coelho. Desafios metodológicos para a pesquisa no campo da psicologia: o que pode uma pesquisa? In: MARCONDES, A; FERNANDES, A; ROCHA, M. (Org.). **Novos possíveis no encontro da Psicologia com a Educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 92.

¹⁷⁹ Ibid., p. 92.

*A gente pensa pra viver... A gente pensa pra organizar um pouco algumas coisas que parecem estar fora do lugar. Então, a gente tenta dar certa ordem às coisas. Mas aí, quando alguma coisa atravessa a vida da gente e dá uma mexida nessa ordem, primeiro bate um desespero. Mas depois você pensa: "Poxa! Mas eu posso pensar isso, também, de um jeito diferente. Eu não preciso pensar sempre do mesmo jeito!"*¹⁸⁰

Assim como o pesquisador entrevistado, é preciso que busquemos experimentar uma análise daquilo que se passa em meio às nossas vidas e daquilo que estamos vivendo durante a composição das pesquisas. Uma análise, pois, que incite em nós a criação de soluções provisórias para o campo problemático que enfrentamos.

Na atualidade, as máquinas capitalistas criam territórios existenciais de referência, oferecem materiais de expressão padronizados e, ao mesmo tempo, destroem os territórios que criamos, ou diminuem nossa potência desejante de criação de territórios existenciais de resistência.¹⁸¹

A estética da velocidade vem norteando nosso cotidiano, nos distanciando do exercício ético do pensamento e nos aproximando da adesão aos mais diferentes produtos manufaturados. O que se expressa em nossa forma de amar, de trabalhar, de conversar...¹⁸²

E também de pesquisar...

Cada configuração histórica tem, assim, uma forma dominante de pesquisar marcada por imbricações especiais de processos de saber, de poder e de subjetivação¹⁸³. Esses processos de subjetivação – aqui pensados como o irromper de linhas de fuga e de resistência através dos dispositivos¹⁸⁴ de saber e poder¹⁸⁵ –

¹⁸⁰ Uma fala produzida durante uma conversa com um colega do mestrado (2009).

¹⁸¹ MACHADO, 2004a, p. 166.

¹⁸² MACHADO, Leila Aparecida Domingues. O que chamamos clínica?. In: ROSA, Edinete Maria. (Org.). **A produção da Psicologia Social no Espírito Santo**: memórias, interfaces e compromissos. 1 ed. Vitória: EDUFES, v. 1, 2008a, p. 61.

¹⁸³ ORLANDI, Luiz Benedicto Lacerda. Que estamos ajudando a fazer de nós mesmos?. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. L.; VEIGA NETO, Alfredo. (Org.). **Imagens de Foucault e Deleuze ressonâncias nietzscheanas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. Disponível em: http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/orlandi/que_estamos_ajudando.pdf. Acesso em: 17 out. 2008.

¹⁸⁴ Os dispositivos têm por componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de brecha, de fissura, de fratura, que se entrecruzam e se misturam, acabando por dar uma nas outras, ou suscitar outras, por meio de variações ou mesmo mutações de agenciamento (DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: _____. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Vega, 1996. Disponível em: <http://www.pppg.ufes.br/ppgpsi/files/textos/Deleuze%20->

referem-se ao processo contínuo de produção social da subjetividade no que diz respeito à criação bem como à mortificação da vida humana em sua integralidade.

Os aspectos econômicos e culturais, a cidade, o emprego e o desemprego, a escolaridade e o analfabetismo, o medo, a violência, a miséria, os fundamentalismos religiosos, as guerras, as etnias, as diferenças, os preconceitos, a solidariedade, os projetos de vida, a falta de perspectiva, as políticas públicas, dentre tantos outros aspectos, se misturam e dão corpo ao que se chama subjetividade.¹⁸⁶

Todas as políticas que se encontram em curso no campo social produzem e expressam modos de viver. E as formas de pesquisar engendram-se nesse processo. Os modos de subjetivação colocam-se como subjetividades sempre em processo de mutação. Apresentam-se como maneiras, disposições, meios – sempre diversos – com que as configurações subjetivas se engendram. São processos de composição, decomposição e recomposição de sentidos múltiplos, que se forjam nos encontros que experimentamos com a imprevisibilidade dos acontecimentos que constituem nossas vidas.

[...] precisamos nos mover frente ao que nos acontece. [...] Entretanto, muitas vezes, experimentar a criação de novas montagens se torna algo bastante difícil porque nos grudamos naquilo que temos e no que já conhecemos.¹⁸⁷

O temor do imprevisível nos faz grudar no que julgamos “conhecido”, e nos incita a viver e a pensar a subjetividade como um produto dentre outros. Os fluxos da máquina capitalista nos invadem e nos corrompem, percorrendo a tudo e a todos. E cada um de nós, a cada momento e a cada ação, pode romper ou reforçar, mais ou menos, essas engrenagens do capital. Mas, se ele produz mentes e corpos, e se incide sobre a subjetividade numa “[...] produção concomitante da crença na hegemonia da lógica do capital e da descrença nas forças de luta”,¹⁸⁸ de outro modo, o entrelaçamento entre poder e vida faz com que hoje, mais do que nunca, a subjetividade seja uma enorme potência de resistência.

[%20O%20que%20é%20um%20dispositivo.pdf](#). Acesso em: 07 jan. 2009).

¹⁸⁵ ORLANDI, 2002.

¹⁸⁶ MACHADO, Leila Aparecida Domingues. Políticas de subjetivação. In: MANFROI, Vania Maria; MENDONÇA, Luiz Jorge Vasconcelos Pessoa. (Org.). **Política Social, Trabalho e Subjetividade**. 1 ed. Vitória: EDUFES, v. 1, 2008b, p. 1.

¹⁸⁷ Ibid., p. 3.

¹⁸⁸ MACHADO, 2008a, p. 61.

Acreditamos, assim, que precisamos “tomar posse” das nossas pesquisas, ou seja, dos modos de fazê-la. Pensamos que, dessa forma, tomamos posse do mundo: inventamos novos *modos de estar* no mundo. Uma invenção/criação de novos modos de viver e de pesquisar!

Para Deleuze, ao acreditarmos no mundo suscitamos acontecimentos – mesmo que pequenos – que escapam ao controle. E engendramos novos espaços-tempos, mesmo que de superfície ou volume reduzidos. Esses espaços-tempos podem ser qualificados como *de guerra*, pois estão presentes em todos os verbos por nós freqüentados como: tatear, olhar, ouvir, trabalhar, escrever, dizer, amar, lutar¹⁸⁹... E pesquisar.

Muitas coisas passam por esses verbos. Algumas delas, muito fortes, são mesmo capazes de endurecer nosso percurso por eles. O Estado, a ciência, a opinião, e a televisão, por exemplo, são *Potências* capazes de produzir determinados modos de se estar nos verbos da vida, assim como, determinadas formas de fazer pesquisa. O que ocorre é que nós não dispomos do poder de nos ausentarmos delas (*dessas Potências*), pois elas passam, também, através de cada um de nós,¹⁹⁰ e nos constituem...

Tomar a mim mesmo como espaço-tempo ocupado por multidões intensivas capazes de fluir com prudência por linhas de fuga, de resistir ao controle das Potências e de estabelecer relações ardilosas com o duplo incontrolável que me atravessa. [...] sinalizadores ético-políticos que me ajudam a avaliar, a propósito da minha participação em cada ocorrência, o que estou ajudando a fazer de mim mesmo a cada instante em face da inovação que brilha num acontecimento, seja ele pequeno ou grande.¹⁹¹

Afirmamos que a pesquisa se faz, portanto, como uma prática acadêmica de produção de conhecimento que se exerce como dispositivo de subjetivação, concebendo o aprender enlaçado, também, ao sujeito, e dele procedendo tanto como diferença de si mesmo quanto como “produção de mundos”.¹⁹²

¹⁸⁹ ORLANDI, 2002.

¹⁹⁰ Ibid.

¹⁹¹ Ibid.

¹⁹² FONSECA, Tania Mara Galli. Modos de Trabalhar, Modos de Subjetivar como práticas sociais. In: ARANTES, Ester Maria M.; NASCIMENTO, Maria Livia do; FONSECA, Tania Mara Galli. (Org.).

Conhecer/pesquisar como invenção da própria vida, cuja ética se entrelaça ao alargamento das possibilidades do olhar que analisa. Conhecer/pesquisar que arrasta o sujeito não apenas como razão e funcionalidade, mas como uma espécie de corpo-de-passageiro às forças que o afetam e que pedem expressão objetiva.¹⁹³

À medida que construímos a arquitetura de nosso objeto, somos nós próprios que também somos constituídos. Fazemos um corpo-a-corpo com a poeira virtual que o escavar-revolver-pesquisar nos impõe. Através de inúmeras provocações e de tantas escolhas, que se encontram ora imersas no silêncio que precede sua enunciação e escrita, ora urgentes e emergentes de nossas vivências, cujo transbordamento exige significação, vimos a saber, pela experimentação, que aquilo que éramos não seremos mais.¹⁹⁴

Pesquisa percebida como um lançar-se e relançar-se no caos do não saber, no risco de criar. Pesquisa sentida como uma ruptura evidente e, ao mesmo tempo, como uma ruptura de evidências. *Pesquisa-acontecimento* que remete a uma problematização: “em tudo o que vemos – no cinema, a cada livro, em alguns sonhos – procuramos saídas para a problematização que nos enreda”.¹⁹⁵ Criação de acoplamentos e diálogos entre linguagens, invenção/ativação de conexões, constituição de múltiplas reverberações.

Pesquisa-acontecimento que afirma paradoxos e que nos mostra, através dos modos como a fazemos/somos feitos por ela, que o conhecer/pesquisar implica a invenção da própria vida. Implica uma ética que se entrelaça com o alargamento das possibilidades do olhar que analisa, com a liberdade do corpo sensível e pensante e com a astúcia da inteligência que fabrica instrumentos e meios para a obtenção de resoluções exitosas em meio às problematizações das situações conflitivas do existir.¹⁹⁶ Pesquisa, enfim, que se faz movimento, que abre frestas no caos e que traça planos de composição para dar visibilidade às sensações intensivas.

Práticas PSI inventando a vida. Niterói: EdUFF, 2007, p. 47.

¹⁹³ FONSECA, 2007, p. 47.

¹⁹⁴ FONSECA, Tania Mara Galli et al. Pesquisa e acontecimento: o toque no impensado. **Psicologia em Estudo**, v. 11, 2006, p. 656.

¹⁹⁵ Ibid., p. 657.

¹⁹⁶ Ibid., p. 657.

“Tornar a força insensível sensível. Corpos abertos às sensações singulares”...¹⁹⁷

Potência estética de sentir, que faz parte da criação do existente e que faz parte da própria vida. Permanente indagar-se, sobre: “como pensar, fazer, dizer, sentir e viver diferentemente?”.¹⁹⁸ Um questionar-se constante, sobre: como construir, em meio às nossas práticas de pesquisa, outros modos de pesquisar e de viver? Uma urgência inquietante, que nos força, portanto, a pensar como transmutar essa impotência em que nos sentimos mergulhados, em uma potência que nos incite a criar!

Por que experimentamos tanta intolerância ao que diverge, ao que desvia de um traçado reto, regido pelo ideal de verdade como valor superior? Temos medo de nos misturar e de criar um traçado sinuoso que escapa dos valores transcendentais à vida?¹⁹⁹

Como efetuar “possíveis impossíveis” e desacreditar dos clichês, das ideias prontas, das totalidades que perpassam nossas pesquisas? Como acreditar que é possível afetar-se pela multiplicidade intensiva que nos lança no estranhamento e que, desse modo, atualiza composições provisórias?

Arriscar é experimentar “uma vida” e criar outros modos de estar no mundo e na vida [...]. Essa criação de novas possibilidades de vida ou a abertura de novos campos de possíveis envolve uma nova maneira de ser afetado e de afetar, uma nova sensibilidade da qual emerge uma mutação afetiva e perceptiva.²⁰⁰

Arriscar, portanto, apostando na efetuação do possível e permitindo-se experienciar uma alegria ativa ao afirmar novos modos de se estar nesses verbos da vida... Mergulhar numa nova sensibilidade, que abra nosso corpo às sensações intensivas, saltando de uma escrita, de uma música, de um olhar, de um gesto...²⁰¹

E perguntarmo-nos: como temos operacionalizado micropoliticamente a afirmação de outros funcionamentos, de outros fazeres? E quais têm sido as estratégias que visam perturbar as linhas duras do funcionamento da academia e dos modos de

¹⁹⁷ LAVRADOR, Maria Cristina Campello. **Loucura e vida na contemporaneidade**. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006, p. 38.

¹⁹⁸ Ibid., p. 40.

¹⁹⁹ Ibid., p. 46.

²⁰⁰ Ibid., p. 47.

²⁰¹ Ibid., p. 40.

pesquisar que predominam?

É preciso um exercício de análise, pois as linhas duras, muitas vezes, exprimem-se em regras rígidas. Linhas e regras que perpassam nossas pesquisas e nossos modos de pesquisar, e que caracterizam um funcionamento que se volta para a autoreprodução e a perpetuação do enrijecimento do próprio sistema acadêmico. E isso, esse modo que, por vezes, acionamos, se distancia (nos distancia) do que está à nossa volta... Da vida e da possibilidade de criar outras formas de vida... “[...] fechando as portas aos agenciamentos coletivos, às produções desejantes, às iniciativas de alçar vôo, à experimentação do exercício de liberdade”.²⁰²

A experimentação de um novo modo de fazer pesquisa envolve, antes de tudo, certa disponibilidade de afetar e ser afetado. “Implica colocar em análise as nossas posturas, as nossas concepções, os nossos preconceitos, os nossos endurecimentos, as nossas permeáveis impermeabilidades ao que difere, ao que é diferente de nós mesmos”.²⁰³

Desejando construir novas práticas de pesquisa, valorizando o saber coletivo e os fazeres solidários, ousamos construir uma postura diferente, uma postura ética e política, que tenha como princípio uma potência de vida em seus modos indissociáveis de resistir e de criar²⁰⁴.

Quais têm sido as estratégias que visam dar passagem às linhas de fronteiras? Estas se “situam” em um movimento entre uma coisa e outra, fora de um ou de outro, perpassa-os e foge, desvia em outra direção, sem ter garantias a *priori* aonde isso vai levar. Experimentação do e... e... e..., e isso e aquilo e aquilo outro, com prudência e rigor ético-estético-político que baliza as avaliações “para onde estamos indo”, “para que”, “para quem” isto está servindo.²⁰⁵

Linha de fronteira como linha quebrada, que aproveita as bifurcações e que busca criar desvios, num movimento de experimentação constante de *uma pesquisa* e de

²⁰² MACHADO, Leila Aparecida Domingues; LAVRADOR, Maria Cristina Campello. Subjetividade e Loucura: saberes e fazeres em processo. *Vivência* (Natal), v. 32, 2007. Disponível em: <http://www.prppg.ufes.br/ppgpsi/files/artigos/Subjetividade%20e%20loucura.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2009.

²⁰³ Ibid.

²⁰⁴ Ibid.

²⁰⁵ Ibid.

outras formas de habitar esse verbo: *pesquisar...*

Criação de um compromisso ético com a produção das pesquisas e de avaliação permanente das nossas produções...

Buscando acionar esse modo de pesquisar, não mais caberá separar a pesquisa da política – dos modos de subjetivação e da vida –, mas caberá afirmarmos outros modos de pesquisar, modos que vão se tecendo em meio às tensões e que se intensificam e fazem vibrar seus campos problemáticos.

LANÇANDO UMA GARRAFA AO MAR...



Vincent Van Gogh.²⁰⁶

Um livro se produz, minúsculo acontecimento, pequeno objeto manuseável. E então é preso num jogo incessante de repetições; seus duplos, a sua volta é bem longe dele, põem-se a pulular; cada leitura lhe dá por um momento um corpo impalpável e único: circulam fragmentos seus como sendo sua totalidade, passando por contê-lo quase inteiro e nos quais lhe acontece de encontrar refúgio; os comentários o desdobram; outros discursos em que ele deve enfim aparecer como é, declarar o que se recusou a dizer, livrar-se do que ruidosamente fingia ser. E por conseguinte é melhor não procurar "justificar esse velho livro nem reinscrevê-lo hoje; a série de acontecimentos aos quais ele pertence e que são a verdadeira lei está longe de encerrada". Há melhor maneira de dizer que um livro muda? E que em todo caso este mudou?²⁰⁷

Difícil prever os trajetos percorridos por um livro – e por uma dissertação – após a sua escrita. Não se podem prever as suas ressonâncias...

²⁰⁶ VAN GOGH, Vincent. Vista do mar em Scheveningen. 1882. Pintura. Disponível em: <http://www.20minutos.es/data/img/2005/11/18/275316.jpg>. Acesso em: 15 mar. 2010.

²⁰⁷ "Não prefácio" escrito por Foucault para a reedição de seu livro História da Loucura (1960), em 1972, como forma de suprimir o anterior "prefácio" de seu livro (ERIBON, Didier. **Michel Foucault (1926-1984)**). Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 131-132).

Por que mãos passará? Que leituras serão feitas? E *como* serão feitas? Tocarão outros corpos? Comporão com eles? Que reescritas serão realizadas? Que trechos serão selecionados? Servirá essa escrita como um dispositivo de afirmação da vida? Servirá como um corpo-de-passageiro para a criação de outras possibilidades de pesquisar, de escrever, e de viver? Ou seu uso a levará para outro caminho, um caminho não previsto e, talvez, não quisto pelo autor?

Doce ilusão de pertença! Esse “livro-dissertação” não pertence mais a ninguém... Mas algum dia pertenceu? Essas palavras, que aqui foram escritas tem tantos autores que até fica difícil pensar numa autoria: talvez autoria-mundo, talvez autoria-rede, talvez uma autoria-não-autorizada!

Doce, também, é a ilusão dos caminhos que o livro percorrerá! Não são caminhos. Nem de longe lembram “o” caminho: feito, acimentado, aberto adiante de si, pronto para ser percorrido...

Talvez apenas um “mar aberto”, em que o barco vai adentrando e deixando para trás de si um rastro... Um rastro de bifurcações, de lacunas e espaços – de fendas – para a criação de novas possibilidades de vida, de novos modos de navegar, de caminhar... De pesquisar e de viver.

Podemos, assim, falar apenas em “trajetos”, em “rotas-em-construção”, *num* caminho; tal como numa floresta de mata fechada, onde o caminho-trajeto vai sendo aberto pelos braços de quem passa por lá... Ou pelo barco, que parece cortar as águas diante de si e que, desse modo, segue navegando sob o mar...

Após afastarmos as folhagens e por elas passarmos, após cortarmos as águas pelas quais navegamos, vemos, em seguida, sua passagem novamente “fechada” atrás de nós, restituindo sua densidade e deixando apenas marcas, alguns rastros de uma passagem humana...

Esses rastros não são mais corpos, mas são “incorporais”... Breves acontecimentos... Verbos habitados em formas, em modos de viver...

E também de pesquisar...

Não é à toa que entendo os que buscam caminho. Como busquei arduamente o meu! E como hoje busco com sofreguidão e aspereza o meu melhor modo de ser, o meu atalho, já que não ousa mais falar em caminho. Eu que tinha querido. O Caminho, com letra maiúscula, hoje me agarro ferozmente à procura de um modo de andar, de um passo certo. Mas o atalho com sombras refrescantes e reflexo de luz entre as árvores, o atalho onde eu seja finalmente eu, isso não encontrei. Mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é outro, é os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada.

LISPECTOR, 1999, p. 118-119

7 REFERÊNCIAS

AGUIAR, Fernando. **Ensaio para uma nova expressão da escrita n.º 454**. 1983. Ilustração. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/W4fVjR0Zzbc/SePj-89MmWI/AAAAAAAAAI8/GqIFFt-nY/s400/escrita.bmp>. Acesso em: 20 mar. 2010.

ANDRUCHAK, Marcos. Xadrez. 2002. Pintura. Disponível em: http://www.andruchak.com.br/estilo2/images/andruchak_xadrez_60x80_2002.jpg. Acesso em: 15 mar. 2010.

BARROS, André Martins. The art scholar. [19--]. Ilustração. Disponível em: http://2.bp.blogspot.com/_vsVXJhAtvc8/SxMiDkYWAXI/AAAAAAAAADNc/bEbwMCI5Yzq/s1600/The_art_scholar_by_amartinsdebarros.jpg. Acesso em: 15 mar. 2010.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de; HECKERT, Ana Lucia Coelho. Desafios metodológicos para a pesquisa no campo da psicologia: o que pode uma pesquisa? In: MARCONDES, A; FERNANDES, A; ROCHA, M. (Org). **Novos possíveis no encontro da Psicologia com a Educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p.85-116.

BERGSON, Henri. **A Evolução Criadora**. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **O pensamento e o movente**: ensaios e conferências. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

_____. **Memória e vida**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita**. Tradução de Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001.

CARDOSO, Amadeo de Souza. **"e;Les Cavaliers"e;**. 1913. 1 Pintura. Disponível em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f5/Amadeo_de_Souza-Cardoso-4.jpg. Acesso em: 20 mar. 2010.

_____. **Brut 300**. 1917. 2 Pintura. Disponível em: http://files.nireblog.com/blogs/pintores-malditos/files/cardoso_pintura-1a.jpg. Acesso em: 20 mar. 2010.

CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. **Espinosa**: alegria e inteligência. 2008. Disponível em: http://www.alegrar.com.br/05/TEXTOS_A_05/Espinosa.pdf. Acesso em: 25 mar. 2009.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

_____. **Spinoza**, Cours Vincennes. 1978. Tradução de Francisco Traverso Fuchs. Disponível em: <http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=194&groupe=Spinoza&langue=5>. Acesso em: 18 abr. 2009.

_____. **Proust e os signos**. Tradução de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. **Signos e acontecimentos**. 1991. Entrevista com Gilles Deleuze por Raymond Bellour e François Ewald. Tradução de Ana Sacchetti. Disponível em: http://www.4shared.com/get/143760846/676554a5/deleuze_entrevista_signos_acon.html;jsessionid=7468CE07CA00198A655A2FAA7BA68EF3.dc211. Acesso em: 18 set. 2009.

_____. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. **A imanência: uma vida...** 1995. Tradução de Alberto Pucheu e Caio Meira. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero11/xiii.html>. Acesso em: 20 mai. 2008.

_____. O que é um dispositivo? In: _____. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Vega, 1996. Disponível em: <http://www.prppg.ufes.br/ppgpsi/files/textos/Deleuze%20-%20O%20que%20é%20um%20dispositivo.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2009.

_____. A literatura e a vida. In: _____. **Crítica e Clínica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997a. p. 9-16.

_____. Spinoza e as três éticas. In: _____. **Crítica e Clínica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997b. p. 156-170.

_____. **Bergsonismo**. Tradução de Luiz Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **Espinosa**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. **Diferença e Repetição**. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **Lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **Mil Platôs**. São Paulo: Editora34, v. 3, 1996.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault (1926-1984)**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ESCHER, Mauritus Cornelis. Relatividade. 1953. Gravura. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/escher/relatividade.html>. Acesso em: 15 mar. 2010.

ESPINOSA, Baruch de. Ética, In:_____. **Coleção “Os Pensadores”**. Traduções de Marilena de Souza Chauí [et al.]. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

FONSECA, Tania Mara Galli et al. Pesquisa e acontecimento: o toque no impensado. **Psicologia em Estudo**, v. 11, 2006, p. 655-660.

FONSECA, Tania Mara Galli. Modos de Trabalhar, Modos de Subjetivar como práticas sociais. In: ARANTES, Ester Maria M.; NASCIMENTO, Maria Livia do; FONSECA, Tania Mara Galli. (Org.). **Práticas PSI inventando a vida**. Niterói: EdUFF, 2007, p. 39-52.

FOUCAULT, Michel. **O que é o iluminismo?**. 1984. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/8913659/Foucault-O-Que-e-o-Iluminismo>. Acesso em: 04 set. 2008.

_____. O pensamento do exterior. In: _____. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 219-242.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GUIMARÃES, José de Guimarães (pseudônimo). José Maria Fernandes Marques. **Circo-Skate**. [19--]. Serigrafia. Disponível em: http://www.paulo-santos.com/AdvHTML_Upload/Jose%20Guimaraes/foto%206%20big.jpg. Acesso em: 20 mar. 2010.

JOON, Kim. [Sem Título]. [19--]. Fotografia, color. Body Art. Disponível em: <http://blogdonuppi.blogspot.com/2009/04/body-art-de-kim-joon.html>. Acesso em: 15 mar 2010.

KEMENY, Zoltan. **Fluctuations**. 1959. Escultura. Disponível em: <http://picasaweb.google.com/lh/photo/c4DzTfHMBu9SRX4EdvqGDA>. Acesso em: 15 mar. 2010.

LAVRADOR, Maria Cristina Campello. Interfaces do Saber PSI. In: BARROS, Maria Elizabeth Barros de. (Org.). **Psicologia**: questões contemporâneas. Vitória: EDUFES, 1999, p. 15-58.

_____. **Loucura e vida na contemporaneidade**. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do

Espírito Santo, Vitória, 2006.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do Fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida: pulsações**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

_____. **A hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

_____. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

_____. **A paixão segundo G.H.**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998c.

_____. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LOURAU, René. **Análise Institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ, 1ª. ed., 1993.

MACHADO, Leila Aparecida Domingues. Capitalismo e configurações subjetivas. In: ABDALLA, Maurício; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. (Org.). **Mundo e sujeito: aspectos subjetivos da globalização**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, v. 1, 2004a, p. 164-172.

_____. O desafio ético da escrita. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, 2004b, p. 146-150.

_____. O que chamamos clínica?. In: ROSA, Edinete Maria. (Org.). **A produção da Psicologia Social no Espírito Santo: memórias, interfaces e compromissos**. 1 ed. Vitória: EDUFES, v. 1, 2008a, p. 59-69.

_____. Políticas de subjetivação. In: MANFROI, Vania Maria; MENDONÇA, Luiz Jorge Vasconcelos Pessoa. (Org.). **Política Social, Trabalho e Subjetividade**. 1 ed. Vitória: EDUFES, v. 1, 2008b, p. 1-16.

MACHADO, Leila Aparecida Domingues; LAVRADOR, Maria Cristina Campello. Subjetividade e Loucura: saberes e fazeres em processo. **Vivência** (Natal), v. 32, 2007, p. 79-95. Disponível em:
<http://www.prppg.ufes.br/ppgpsi/files/artigos/Subjetividade%20e%20loucura.pdf>.
Acesso em: 05 nov. 2009.

NIETZSCHE, Friedrich W. Obras incompletas. In: _____. **Coleção “Os Pensadores”**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ORLANDI, Luiz Benedicto Lacerda. Que estamos ajudando a fazer de nós mesmos?. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. L.; VEIGA NETO, Alfredo. (Org.). **Imagens de Foucault e Deleuze ressonâncias nietzscheanas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. Disponível em:

http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/orlandi/que_estamos_ajudando.pdf. Acesso em: 17 out. 2008.

PELBART, Peter Pál . O corpo do informe. In: FONSECA, Tania Mara Galli; ENGELMAN, Selda. (Org.). **Corpo, arte e clínica**. 1 ed. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004, p. 41-48.

_____. Tempo sem tempo. In: BOUSSO, Vitoria Daniela. (Org.). **Em tempo, sem tempo**. São Paulo: Paço das Artes, Imprensa Oficial, 2005, p. 65-72.

_____. **O tempo não-reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**: obra poética I. Porto Alegre: L&PM, 2006.

_____. **Cancioneiro**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

POLLOCK, Paul Jackson. **Número 18**. 1950. Pintura. Disponível em: http://1.bp.blogspot.com/PZS6PwZdQg/SYfmAs1R8wl/AAAAAAAAACQg/7rP7sRZq6Gk/s400/jackson_pollock_2.jpg. Acesso em: 20 mar. 2010.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduated de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>. Acesso em: 14 set. 2008.

_____. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina. Editora da UFRGS, 2006.

SANTA-RITA, Guilherme de. Cabeça. 1910. Pintura. Disponível em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/5c/Guilherme_de_Santa-Rita_001.jpg/408px-Guilherme_de_Santa-Rita_001.jpg. Acesso em: 15 mar. 2010.

VAN GOGH, Vincent. Vista do mar em Scheveningen. 1882. Pintura. Disponível em: <http://www.20minutos.es/data/img/2005/11/18/275316.jpg>. Acesso em: 15 mar. 2010.

APÊNDICE

APÊNDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

O presente termo refere-se a um convite para que participe, como voluntário(a), da pesquisa de conclusão do Mestrado intitulada **Reinventando cotidianos de pesquisa**, cujo objetivo é acompanhar e problematizar os movimentos de produção de dissertações ou teses que estão sendo construídas nos programas de pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo. A pesquisa será realizada durante os anos de 2008 e 2009, através de encontros em que ocorrerão entrevistas e/ou conversas sobre a produção dos trabalhos de conclusão de curso de pesquisadores voluntários. A produção de dados será realizado pela mestrande Denise Pesca Pereira Gottardi, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, por meio de entrevistas abertas e/ou conversas, gravadas ou não, visando refletir com os demais pesquisadores sobre os modos de construção das pesquisas em seu cotidiano.

Esclarecimentos quanto à participação:

4. Os(as) participantes não serão identificados(as). Seus nomes e informações pessoais serão mantidos em sigilo.
5. A transcrição da entrevista, gravada em áudio, estará disponível para os(as) entrevistados(as) e deverá ser por eles(as) autorizada.
6. Os(as) participantes poderão desistir a qualquer momento de contribuir para a pesquisa.
7. Os(as) participantes poderão obter todas as informações e esclarecimentos que julgar necessários diretamente com a pesquisadora.
8. Uma reunião será realizada ao término da pesquisa com o objetivo de devolver os resultados obtidos a cada um(a) dos(as) participantes.
9. A pesquisa, em seus formatos de “Projeto de Qualificação” e “Dissertação”, estará

disponível aos(às) participantes interessados(as).

10. Os resultados da pesquisa serão apresentados em artigos e eventos científicos, sem qualquer identificação dos(as) participantes.

Assim, se o(a) Sr.(a) aceitar o convite para participar da pesquisa, por favor, preencha os espaços abaixo:

Eu, _____, RG _____, fui devidamente esclarecido(a) sobre o Projeto de Pesquisa acima citado e aceito o convite para dele participar.

Vitória, ____ de _____ de 2008

Pesquisador participante
(Voluntário)

Denise Pesca Pereira Gottardi
Pesquisadora - Orientanda

Leila Aparecida Domingues Machado
Pesquisadora Responsável - Orientadora

Para quaisquer esclarecimentos que o pesquisador participante julgar necessários, caso surjam dúvidas, os telefones de contato são: 9963-8495 / 3215-0007.
Comitê de Ética e Pesquisa (CEP/UFES) – telefone 3335-7211.

APÊNDICE B

Apresentação da Pesquisa... (BANCA DE DEFESA)

Aqui estou eu mais uma vez... Em frente ao computador, tentando escrever algumas frases, que apresentem às pessoas que aqui estão, essa pesquisa.

Já faz alguns dias que estou pensando em como apresentá-la... Ainda ontem liguei para a orientadora com essa dúvida: como apresentar a pesquisa? Havia lhe entregado alguns slides impressos em papel, com trechos da pesquisa que eu julgava importantes para entendê-la. A resposta que obtive foi a de que eu não precisava me ater àquilo. Que eu poderia, inclusive, apenas contar, como numa descontraída conversa, o que se passou. Uma espécie de “making of” da pesquisa.

Então, deixei de lado o que havia preparado... A maneira familiar e formal de apresentar, para novamente me lançar num desafio: reinventar um modo de *apresentar* a pesquisa. E que melhor “making of”, nesse momento, que não essa espécie de bastidor da criação da apresentação?

Afinal, qual a função do orientando, o pesquisador, ao apresentar a pesquisa no momento da Banca de Defesa? Sobre isso eu já havia escutado alguma coisa antes: “o momento da apresentação se volta, principalmente, às pessoas presentes que não leram a dissertação, a fim de que a entendam, a fim de que entendam as considerações da Banca. Afinal, a Banca já conhece a pesquisa”.

Mas outras coisas podem se produzir neste momento. Coisas que ultrapassam essa formalidade da apresentação da dissertação... Novas questões podem ser trazidas e discutidas... Até mesmo uma discussão sobre a própria função desse acontecimento BANCA DE DEFESA.

Algumas pessoas se utilizam desse tempo concedido (os tais 20 a 30 minutos, que podem parecer durar horas ou passar num piscar de olhos) para simplesmente falar sobre os objetivos, a metodologia, os resultados e as conclusões de sua pesquisa...

Algumas pessoas trazem a história dessa trajetória, uma história que, às vezes, parece ter a função de justificar a construção da própria pesquisa...

Mas, nesse momento, me pego aqui pensando, e se os elementos que produziram essa história estiverem espalhados por toda uma vida? E se não houver uma justificativa “plausível”, que torne nobre essa busca de um sentido, para o que nos moveu a pesquisar? E se essa justificativa se delineia mais clara e densamente, apenas no próprio processo da pesquisa? Isso torna a justificativa, nossas intenções, esses atravessamentos, algo menor?

Acredito que esse momento da apresentação pode, assim, constituir-se de maneiras muito diversas... Pode ser utilizada, por exemplo, para se retratar à Banca de equívocos já percebidos mas não modificados à tempo do envio do trabalho. Encontros/desencontros de uma pesquisa em processo... Pode ser, também, utilizada de modo a trazer mais elementos, mais informações sobre a sua composição... E dessa maneira, a apresentação volta-se, então, à própria Banca, aos membros que a constituem, além é claro, de se direcionar também aos que a assistem...

Bem, se no trabalho afirmei várias vezes que essa produção se faz pelas escolhas que fazemos nesta trajetória, afirmo que aqui também, neste momento, não poderia ser diferente... Pois também para hoje, algumas escolhas foram feitas... Escolhas que constituem um modo de apresentar este trabalho.

Acho que já deu pra perceber que não acolhi a proposta inicial de minha orientadora... Não estou aqui numa conversa leve, solta e descontraída com a Banca, simplesmente falando, sem slides ou quaisquer outros papéis... Acolhi, portanto, sua segunda opção: escrever um texto. E isso foi proposto a fim de me deixar mais tranquila.

Para essa opção eu respondi que parecia possível... Afinal, sem o texto, eu não sabia o que conseguiria dizer. Pois a impressão que tinha é que, em função do nervosismo que eu já sentia antes mesmo de vivenciar a Banca, com pouca sombra de dúvidas, eu iria travar... E muito provavelmente me veria muda, sem saber o que

dizer... Ou mesmo, toda enrolada, dizendo um monte de coisas que talvez não coubessem aqui, e que talvez, ainda, não fizessem muito sentido... Efeitos de uma timidez, às vezes, incontrollável!... Gaguejar era certo, mas ao menos com o texto, algumas palavras que julgo importantes, certamente seriam ditas!

E assim, pela escolha que fiz não deixaria de apresentar aos aqui presentes o que considero importante de dizer sobre essa produção. Informações que os coloquem a par da pesquisa e que os façam entender essa tentativa de uma conversa com a Banca.

E enquanto escrevo, me pego novamente pensando... Será que nesse momento, já estarei me sentindo mais tranquila e mais à vontade, mais próxima da tal “conversa” com a Banca e com as pessoas aqui presentes? Acredito que pela composição escolhida para a Banca, posso dizer que sim...

Bem, e do que se trata afinal esta pesquisa?

Caros colegas, essa pesquisa fala de uma busca, de uma tentativa de acompanhar nossas composições, esses movimentos de composição de formas de pesquisar que acionamos e nos quais nos lançamos...

Esse processo mexe muito com a gente, nos desnorteia e, ao mesmo tempo, nos faz criar novo norte... E mergulhados nele, podemos perceber: um norte que é sempre provisório...

Isso às vezes nos angustia... Mas podemos, também, afirmar: eis a beleza e o desafio de nosso trabalho... Pois pesquisar é trabalhar! É subjetivar! É criar formas e sentidos para aquilo que a gente vive, pra aquilo que se passa em meio às pesquisas...

E dizer mais o que?

Bem, nessa pesquisa, entrevistamos alguns colegas, pesquisadores de variados Programas de Pós-Graduação da UFES. Eles, juntamente com vocês, colegas deste

mestrado, e de suas vozes, de nossas falas, de nossos questionamentos, compuseram a escrita desta pesquisa. Uma pesquisa permeada por nossos movimentos, pelas sensações que nos invadem, e pelos modos de criar e inventar formas de pesquisar... Não as metodologias que formalmente dizemos utilizar, mas essas formas de pesquisar cotidianas: formas de estar campo, de assistir às aulas, às orientações, de compor Bancas, de produzir festas e confraternizações.

Buscamos afirmar na produção desta pesquisa esse modo de pesquisar que se faz em meio aos acontecimentos de nossas próprias pesquisas, em meio aos encontros que temos não apenas com pessoas, mas com os livros, com o campo, com o orientador... Encontros que, acreditamos, nos desassossegam e nos forçam a produzir um pensamento... Produção de formas, de sentidos, de modos que acionamos na duração das pesquisas.

Nós buscamos, aqui, apostar nessa análise dos modos de pesquisar como uma forma de reinventar a própria pesquisa, a forma como a fazemos. E afirmamos, assim, que problematizando nossas composições, nós acionamos práticas de reinvenção das mesmas.

E isso, queridos amigos, nos possibilita constituí-la inventivamente. Nos possibilita ***REINVENTÁ-LA EM SEU COTIDIANO...***

Espero, assim, ter apresentado a pesquisa de forma que vocês pudessem entendê-la, e mais que isso, espero ter podido, também neste momento, ter dado continuidade aos questionamentos que se iniciaram na dissertação, mas que, apostado, não se encerraram nela...

Acolho, desta forma, as dúvidas que surgirem e os apontamentos que se aqui se produzirem junto à Banca.

Obrigada a todos!